



Phoenix Campinense

REVISTA DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS
Nova Fase N.2 Campinas, SP Maio de 2025



Copyright © 2025 – Academia Campinense de Letras

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Editoração e Capa: Tom Costa

Jornalista Responsável: Acadêmico Gustavo Osmar Corrêa Mazzola / Registro Profissional:169/SP NS 3298

Diretor: Acadêmico Luno Volpato

Comissão Editorial e revisora: Acadêmica Ana Maria Melo Negrão

Acadêmico Sérgio Castanho

Acadêmica Olga Rodrigues Moraes von Simson

Acadêmico Agostinho Tóffoli Tavolaro

Acadêmico Duílio Battistoni Filho.

Acadêmico Flávio Quilici.

Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora ou da Academia Campinense de Letras.

Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)
Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

T234r Negrão, Ana Maria Melo.

Phoenix Campinense – Revista da Academia Campinense de Letras – Nova Fase – n. 2

Organizadora: Ana Maria Melo Negrão,

1. ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2025; fotografias.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-217-0692-2.

1. ACL - Campinas – SP. 2. Literatura. 3. Cidades do Estado de São Paulo

I. Título. II. Assunto. III. Organizadora. IV. Autores

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1.Literatura 800

2.História de São Paulo. 981.61

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Rua Marechal Deodoro 525, Centro -

Campinas - SP - 13010-300

Fone 19 3231.2854

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

Phoenix Campinense

REVISTA DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Nova Fase N.2 Campinas, SP Maio de 2025



Número do Fomento: 442/2024



DIRETORIA ACL - 2025-2026

Presidente - Ana Maria Melo Negrão - **Cadeira 8**
Vice-presidente - Flávio Antônio Quilici - **Cadeira 5**
1º. Secretário – Marino Di Tella Ferreira - **Cadeira 38**
2º. Secretário - Germano Denisale Ferreira Júnior- **Cadeira 29**
1º. Tesoureiro – Maria Cristina de Oliveira - **Cadeira 3**
2º. Tesoureiro – Romilda Aparecida Baldin - **Cadeira 39**
Diretor de Biblioteca - Sérgio Eduardo Montes Castanho - **Cadeira 31**
Diretor de Patrimônio – Adilson Roberto Gonçalves - **Cadeira 7**
Diretor de Divulgação e Relações Públicas – Ítalo Hamilton Barioni - **Cadeira 28**
Diretor de Relações Internacionais – Agostinho T. Tavoraro - **Cadeira 40**

DIRETORES ADJUNTOS:

Jorge Alves de Lima - **Cadeira 2**
Dúlio Battistoni Filho - **Cadeira 25**
Geraldo Affonso Muzzi - **Cadeira 6**
Sérgio Caponi – **Cadeira 26**
Luno Volpato - **Cadeira 11**
Carlos Cruz - **Cadeira 15**

COMISSÃO DE CONTAS:

Titulares

Adelmo Emerenciano - **Cadeira 1.**
Antônio Suárez de Abreu – **Cadeira 20.**
Gilson Barreto – **Cad. 21**

Suplente

Ademir José da Silva - **Cadeira 35**

COMISSÃO DE EVENTOS LITERÁRIOS:

Margareth Brandini Park - **Cadeira 4**
Maria Cristina de Oliveira - **Cadeira 3**
Tereza Aparecida Asta Gemignani - **Cad 33**
Vera Pessagno Bréscia - **Cadeira 24**
Ademir José da Silva - **Cadeira 35**

COMISSÃO ELEITORAL

Jorge Alves de Lima - **Cadeira 2**
Luís Antônio Alves Torrano – **Cad. 27**
Agostinho Tóffoli Tavoraro - **Cadeira 40**
Luno Volpato - **Cadeira 11**

COMISSÃO DA REVISTA ACADÊMICA

Ana Maria Melo Negrão - **Cadeira 8**
Olga Rodrigues Moraes von Simson – **Cadeira 32**
Sérgio Eduardo Montes Castanho - **Cadeira 31**
Gustavo Mazzola - **Cadeira 14.**
Luno Volpato - **Cadeira 11**

CADEIRAS, PATRONOS E ACADÊMICOS 2025

Cadeira 1 - Patrono - Leopoldo Amaral

Acad. Adelmo da Silva Emerenciano

Cadeira 2 - Patrono - Dom João Nery

Acad. Jorge Alves de Lima

Cadeira 3 - Patrono - Carlos de Laet

Acad. Maria Cristina de Oliveira

Cadeira 4 - Patrono - Afrânio Peixoto

Acad. Margareth Brandini Park

Cadeira 5 - Patrono - João Lourenço Rodrigues

Acad. Flávio Antonio Quilici.

Cadeira 6 - Patrono - César Bierrenbach

Acad. Geraldo Affonso Muzzi

Cadeira 7 - Patrono - Euclides da Cunha

Acad. Adilson Roberto Gonçalves.

Cadeira 8 - Patrono - Hildebrando Siqueira

Acad. Ana Maria Melo Negrão.

Cadeira 9 - Patrono - Monteiro Lobato

Acad. Eliane Morelli Abrahão

Cadeira 10 - Patrono - Pe. Leonel França

Acad. Odair Leitão Alonso

Cadeira 11 - Patrono - Júlio de Mesquita

Acad. Luno Volpato.

Cadeira 12 - Patrono - Francisco de Moraes Júnior

Acad. Marina Becker

Cadeira 13 - Patrono - Castro Alves

Acad. Pedro Laudinor Goergen.

Cadeira 14 - Patrono - Bernardo de Souza Campos

Acad. Gustavo Osmar Corrêa Mazzola.

Cadeira 15 - Patrono - Ruy Barbosa

Acad. Carlos Alberto Cruz Filho.

Cadeira 16 - Patrono - Tomaz Alves

Acad. Hécio Maciel França Madeira.

Cadeira 17 - Patrono - Afonso de Taunay

Acad. Antonio de Pádua Báfero

Cadeira 18 - Patrono - Arnaldo Vieira de Carvalho

Acad. Cirilo Luiz Pardo Meo Muraro.

Cadeira 19 - Patrono - Amadeu Amaral

Acad. João Francisco Régis de Moraes

Cadeira 20 - Patrono - Rodrigues de Abreu

Acad. Antônio Suárez Abreu.

- Cadeira 21 - Patrono - Artur Segurado**
Acad. Gilson Barreto
- Cadeira 22 - Patrono - Oliveira Viana**
Acad. Carlos Alberto Marchi de Queiroz.
- Cadeira 23 - Patrono - Alberto de Oliveira**
Acad. Carlos Alberto Vogt
- Cadeira 24 - Patrono - Benedito Otávio**
Acad. Emérito Luiz Carlos Ribeiro Borges
Acad. Vera Pessagno Brésia
- Cadeira 25 - Patrono - João Batista Pupo de Moraes**
Acad. Duílio Battistoni Filho.
- Cadeira 26 - Patrono - Ricardo Gumbleton Daunt**
Acad. Sérgio Galvão Caponi
- Cadeira 27 - Patrono - Custódio Manuel Alves**
Acad. Luiz Antônio Alves Torrano.
- Cadeira 28 - Patrono - Pelágio Álvares Lobo**
Acad. Ítalo Hamilton Barioni
- Cadeira 29 - Patrono - Paulo Álvares Lobo**
Acad. Germano Denisale Ferreira Júnior.
- Cadeira 30 - Patrono - Humberto de Campos Veras**
Acad. André Gonçalves Fernandes.
- Cadeira 31 - Patrono - Plínio Barreto**
Acad. Sérgio Eduardo Montes Castanho.
- Cadeira 32 - Patrono - Vital Brasil**
Acad. Olga Rodrigues Moraes von Simson.
- Cadeira 33 - Patrono - Sud Menucci**
Acad. Tereza Ap. Asta Gemignani.
- Cadeira 34 - Patrono - José de Sá Nunes**
Acad. Walter Vieira
- Cadeira 35 - Patrono - D. Francisco de Aquino Correia**
Acad. Ademir José da Silva.
- Cadeira 36 - Patrono - Carlos Willian Stevenson**
Acad. Regina Márcia Moura Tavares.
- Cadeira 37 - Patrono - Francisco Quirino dos Santos**
Acad. Ivanilde Baracho de Alencar
- Cadeira 38 - Patrono - Manuel Ferraz de Campos Sales**
Acad. Marino DI Tella Ferreira.
- Cadeira 39 - Patrono - José de Anchieta**
Acad. Romilda Ap. Cazissi Baldin.
- Cadeira 40 - Patrono - Antônio Álvares Lobo**
Acad. Agostinho Toffoli Tavolaro.

SUMÁRIO

ACRÓSTICO	9
NOSSA PHOENIX EM PLENO VOO	10
<i>Sérgio Castanho - Editor</i>	
O QUE DIZ A PRESIDENTE	11
<i>Ana Maria Melo Negrão</i>	
UNIVERSIDADE ONTEM E HOJE	13
<i>Sergio Castanho</i>	
UMA INTRODUÇÃO A EUCLYDES DA CUNHA ALÉM DE “OS SERTÕES”	17
<i>Adilson Roberto Gonçalves</i>	
CULTURA LÚDICA DA INFÂNCIA: PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE	20
<i>Regina Márcia Moura Tavares</i>	
POEMAS	24
<i>Marina Becker</i>	
TRÊS MENINOS EM 32	32
<i>Marino Di Tella Ferreira</i>	
SILÊNCIO E SOLIDÃO	35
<i>Adelmo da Silva Emerenciano</i>	
LEITURAS NO COTIDIANO – A CIDADE COMO PATRIMÔNIO EDUCATIVO	38
<i>Margareth Brandini Park</i>	
MARIA MONTEIRO	45
<i>Jorge Alves de Lima</i>	
O FIO DE BIGODE	48
<i>Luno Volpato</i>	
SEGUNDA INFÂNCIA	51
<i>Geraldo Affonso Muzzi</i>	
NOSSA LÍNGUA NO MUNDO	53
<i>Agostinho Toffoli Tavolaro</i>	
NO TRILHO DAS LEMBRANÇAS	57
<i>Gustavo Mazzola</i>	
SAMBA PAULISTA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA CULTURAL NEGRA, ESTRATEGICAMENTE CONSTRUÍDA EM NOSSO ESTADO.	60
<i>Olga Rodrigues von Simson</i>	
A TEMPESTADE	67
<i>Walter Vieira</i>	
O CONCEITO DE DEUS: VISÕES HISTÓRICAS E CONTEMPORÂNEA	72
<i>Flávio A. Quilici</i>	

DASDOR	77
<i>Ana Maria Melo Negrão</i>	
MISTÉRIOS	82
<i>Ítalo Hamilton Barioni</i>	
O PRIMEIRO ROOSEVELT	84
<i>Germano Denisale Ferreira Junior</i>	
CONVERSA COM OS LEITORES	89
<i>Maria Cristina de Oliveira</i>	
COMPRIMIDOS	94
<i>Luiz Carlos R. Borges</i>	
1901 - CENTENÁRIO DO C.C.L.A. – 2001 - OBRAS-PRIMAS PARA TECLADO – V (AUDIÇÕES APRECIATIVAS DE GRAVAÇÕES, COM COMENTÁRIOS)	98
<i>José Alexandre dos Santos Ribeiro (1938- 2020)</i>	
NEBLINAS	105
<i>Antonio Contente</i>	
MERECIMENTO	108
<i>Carlos Cruz</i>	
O INÍCIO DA LAVOURA CANAVIEIRA EM CAMPINAS	111
<i>Duílio Battistoni Filho</i>	
MIRAGEM	117
<i>Sérgio Caponi</i>	
A VONTADE DE PODER	123
<i>André Gonçalves Fernandes</i>	
DR. DAISAKU IKEDA E O BRASIL: AMOR QUE TRANSCENDE FRONTEIRAS	129
<i>Ademir José da Silva*</i>	
AS DUAS CIDADES	133
<i>Romilda Baladin</i>	
SENTIMENTOS POÉTICOS	140
<i>Tabajara Dias de Andrade</i>	
DE ENIGMAS DE UM ROSTO INSONE (ED. ADONIS)	142
<i>Régis de Moraes</i>	
CANTOGRAFIA - A CIDADE E OS LIVROS.	145
<i>Carlos Alberto Vogt</i>	
A CULTURA PELO OLHAR DA CÂMERA	149
<i>Vera Pessagno Bréscia</i>	
ACOLHER, CUIDAR, PROMOVER	153
<i>Zulmiro Furlan</i>	
A FAMÍLIA NO DIREITO (UMA SÍNTESE)	158
<i>José Carlos Ortiz</i>	

Altaneiro desponta o nosso grito,
Conclamando horizontes e entidades...
As musas repaginam o infinito,
Destino singular das potestades...
Emergem do teu seio, estrelas, mitos,
Mensageiros do amor e da saudade...
Imortais que eternizam tua história,
Ao templo do saber tributam glórias!...

Celebra o pôr do sol o teu reinado!
As musas testemunham teus momentos.
Metáforas celebram teu passado,
Projetam, no futuro, teus talentos...
Infinitos instantes de bonança
Navegam nos arquivos da memória.
Entre louros, contextos e lembranças,
Nostálgicos caminhos de uma história.
Sorria! Nos limites da razão,
Explode, como um raio, a inspiração!

Descendência de gênios te precedem!
Esperança de glórias te sucedem!...

Literatura é luz! A eternidade
Emerge, como as flores, na estação.
Tudo se expande, cantos, liberdade,
Rimas e versos, brilho, exaltação...
Auroras preconizam claridade:
Silêncio! Luzes! Nasce a criação!...

NOSSA PHOENIX EM PLENO VOO

Sérgio Castanho - Editor

P

ensei que meus males presentes fossem calar-me neste momento em que a nossa *Phoenix* se lança aos ares para seu segundo voo. Mas não. Os males que me afligem apenas reduzem, por um tempo que espero breve, a mobilidade. Quando a prótese que o competente cirurgião me implantou no quadril esquerdo estiver bem consolidada, procurarei seguir em terra o voo da elegante ave mitológica que empresta seu nome à revista da nossa academia, a campinense ACL.

Como membro do conselho de editores da *Phoenix 2*, coube-me, por delegação de nossa presidente Ana Maria Negrão, dar este pequeno recado.

Por primeiro quero destacar o papel da incansável presidente Ana Maria na decolagem deste número da *Phoenix*. Demais disso, cumpre-me assinalar que ela própria nos presenteia com seu texto sempre escoreito na forma e denso no conteúdo. Não só ela. O anterior presidente Jorge Alves de Lima é outro que aqui ostenta sua verve. E o decano dos presidentes Agostinho Toffoli Tavolaro. E o decano dos acadêmicos Walter Vieira.

Perdoem-me os autores não citados nominalmente. Posso assegurar que são todos poetas e prosadores de primeira água. Se dou o nome de Luiz Carlos R. Borges é porque este excelente escritor é hoje acadêmico honorário desta casa de letras. E se o mesmo Borges traz para esta edição um texto de José Alexandre dos Santos Ribeiro é porque este acadêmico já nos deixou para ir ensinar música e literatura para os anjos e os arcanjos. Enfim, se a voz poética de Carlos Vogt ilumina esta edição é porque o seu nome marca os meios culturais como linguista emérito e reitor de universidades.

Nossa bela revista retrata bem o corpo acadêmico que lhe dá vida. Há nela um esplêndido conteúdo que compreende o painel completo das artes e do conhecimento, especialmente das ciências humanas. O canto lírico contracena com o samba paulista. A filosofia dialoga com a teologia. A ciência política acena para o direito. A história caminha na mesma estrada larga da linguística.

O resultado é uma verdadeira enciclopédia artística e científica, atual e bem redigida, que cumpre com esmero a missão de uma academia como a ACL: o cultivo do espírito de par com a preservação da língua que o poeta já disse ser a última flor do Lácio.

O QUE DIZ A PRESIDENTE

Ana Maria Melo Negrão

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A literatura simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso. O essencial da arte é exprimir, o que exprime não interessa. A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta.

Fernando Pessoa

F

ios poéticos ou narrativos, reais ou ficcionais, históricos e intimistas entrelaçaram-se para tecerem o segundo número da revista Phoenix Campinense 2025, com uma tessitura multiforme, para vir à luz, como parte das comemorações do aniversário da Academia Campinense de Letras, fundada há sessenta e nove anos, em 17 de maio de 1956, pelo professor e filólogo Francisco Ribeiro Sampaio. Este número é, portanto, um marco importante, pois representa o compromisso contínuo com a literatura, a cultura, a arte e o pensamento crítico, pilares fundamentais da nossa missão.

Ao serem instados a trazer a sua contribuição, os acadêmicos buscaram a fagulha que acende a chama da criação literária. Essa fagulha advém de experiências pessoais, momentos introspectivos, misteriosos e imprevisíveis, a alimentar-se por um emaranhado de fatores subjetivos, emocionais, filosóficos, religiosos, regionais, históricos, psicológicos e até externos.

Daí a inspiração, aquecida pela centelha que a ilumina, mostra-se incontida para, de formas diversas, expressar-se na escrituração, cuja produção pode tocar sentimentos, despertar emoções, a criar um elo entre o autor e o leitor. A inspiração é difícil de ser explicada, pois se impõe, a qualquer momento, como uma necessidade incontável de criar, de compor, pois as palavras brotam e florescem para a tessitura do texto que flui.

A produção torna-se um processo catártico de libertação do que estava agasalhado no íntimo. Catarse, advinda do grego katharsis, significa purificação, liberdade. Poetas e escritores, nos seus momentos catárticos, isolam-se na quietude para criarem o clima ideal à produção textual em voos livres sem freios. Germinam os mais variados temas,

a dor, a luta, a felicidade, o amor, o sofrimento, as lembranças da infância e da casa da avó, a morte, a solidão, ou os que nascem do nada, quando a razão se esconde no manto nas nuvens que embaça a clarividência da objetividade.

Neste número da revista Phoenix Campinense emergem textos em prosa e verso de nossos acadêmicos e colaboradores, cada um com as suas idiossincrasias e estilo próprio, a refletir o amor às letras e ao patrimônio cultural, aspectos que caracterizam nossa instituição. Cada página desta revista é um convite à reflexão, cujos temas vão desde o cotidiano das relações humanas até questões universais que atravessam a história e a cultura.

Os textos poéticos, narrativos ou dissertativos têm como propósito não apenas compartilhar experiências e saberes, mas propiciar espaço plural de expressão e de criação, em que a literatura se torna, simultaneamente, espelho e farol do legado literário que cultivamos com tanto apreço.

Agradecemos aos que contribuíram para esta coletânea e aos que sorverão a leitura de suas páginas que, eventualmente, possam oferecer uma dimensão terapêutica, quando o leitor se identificar com aspectos inerentes à condição humana, como o amor, a esperança, o sentido da vida, as escolhas...a preencher vazios, solidão em suas experiências vivenciadas e não verbalizadas, de forma que situações pretéritas possam ser ressignificadas.

Que o segundo número da Phoenix Campinense seja uma fonte de motivação, um elo de conexão entre as gerações de escritores e apaixonados pelas letras, de qualquer idade, de qualquer lugar. Nossos sonhos literários simbolizam a bússola que nos direciona a metas desafiadoras, em especial, o compromisso de ser uma casa de letras de portas abertas aos que têm sede de leitura, de escrita e de arte.

UNIVERSIDADE ONTEM E HOJE



 Sergio Castanho

Inicialmente pensei em escrever um artigo para esta Phoenix sobre a origem das academias e particularmente das literárias. Já tinha até separado a bibliografia que iria citar. Mas mudei de ideia e resolvi escrever sobre a origem das universidades, de onde geralmente vêm os acadêmicos. Passei décadas pesquisando e lecionando sobre a história da educação superior.

De imediato lembrei-me de uma crônica que publiquei na imprensa com o título “A cidade e a beca” (Castanho, 2021). Iniciei-a rememorando que na relação educativa todos ensinam e todos aprendem, não importa se abancados na cátedra de professor ou se sentados na carteira de aluno. A verdade dessa assertiva comprovei-a numa banca de doutorado na Unicamp, que presidi na condição de orientador de tese. Nesta, em certa passagem, a doutoranda relatava o que ocorrera numa cidade brasileira cuja universidade acolhia estudantes nacionais e latino-americanos. A população local em várias ocasiões havia manifestado certa hostilidade aos alunos estrangeiros.

“Caso claro de xenofobia!”, exclamou um dos membros da banca, que a seguir lembrou ter havido na Inglaterra, precisamente em Cambridge, uma oposição entre a população em geral e a comunidade de sua prestigiosa universidade. Até um livro foi escrito e uma peça teatral foi representada sobre esse conflito, com o título “*Town and Gown*”, que daria em português algo como “A Cidade e a Beca”.

Terminada a defesa, fui pesquisar o assunto um pouco mais a fundo. Descobri que essa oposição remonta aos primórdios da universidade na Idade Média. E que ela não se restringe à cidade britânica de Cambridge, *Cantabrigia* em latim. Sua universidade, conforme consta do seu brasão, considerava-se “a alma mãe de Cambridge”, “*Alma Mater Cantabrigia*” (Cambridge, 2003). Só que o povo comum da urbe não sentia que sua alma estivesse no pernóstico gueto universitário. O mesmo se dava em Oxford, para

continuar na Inglaterra, e em outras cidades europeias que sediavam universidades. A população não acadêmica rebelava-se com os privilégios fiscais e com a independência de jurisdição da comunidade acadêmica.

Quando visitei a Universidade de Heidelberg pude ver, num canto do seu vetusto prédio, uma sala gradeada que era a cadeia do campus. Nela seus graduados doutores ou seus ilustres alunos pagavam pena pelos delitos que cometiam entre seus muros. E mais: eram julgados pelos seus pares.

Por tudo isso não é de estranhar que se estabelecesse um fosso entre a cidade, *the town*, e a metonímica beca, *the gown*. No romance de Thomas Hardy Judas o Obscuro (Hardy, 1971) é angustiante acompanhar o sofrimento da personagem central, Judas, na sua tentativa sempre frustrada de entrar na universidade, mesmo dotado de credenciais intelectuais, mas barrado por lhe faltarem os dotes de estirpe.

O mundo mudou. A sociedade não é mais a mesma. E a universidade, estaria ela em crise? O sociólogo português Boaventura de Souza Santos refere-se à tríplice “crise da universidade”, institucional, de hegemonia e de legitimidade (Santos, 1989). É, portanto, afirmação corriqueira, quase consensual, a de que a universidade se encontra em crise.

Que entendemos por crise? O que seria o estado normal da universidade? É possível pensar uma universidade sem crise? Nenhuma instituição social, e a universidade é uma delas, pode viver sem crise.

Tudo leva a crer que a universidade vive hoje uma crise estrutural, de modelo. Sguissardi (1997) e seus coautores ressaltaram que em Portugal, na França, no Chile, na Argentina, no Uruguai, na América do Sul em geral, inclusive no Brasil, a universidade passa por crise de modelo, com a disputa entre um modelo implantado e outro em emergência. Para entendermos melhor essa crise é preciso retroceder às origens da instituição no Ocidente europeu.

A universidade surgiu na Europa nos séculos XI e XII. Seu primeiro germe foi a Escola de Medicina de Salerno, na Itália, datando do início do século X, celebrizando-se como marco histórico e como fulcro de trocas entre as culturas cristã, árabe e judaica. A primeira universidade propriamente dita foi a de Bolonha, na Itália, fundada em 1088, inicialmente como uma escola leiga, não clerical, especializada na área do direito. A mais famosa de todas as instituições medievais de educação superior foi a Universidade de Paris, estabelecida na segunda metade do século XII, entre 1150 e 1170. Até à passagem do século XV para o XVI, formaram-se na Europa cerca de oitenta universidades. Entre as mais célebres cumpre destacar as de Pádua (1222), Nápoles (1224), Salamanca (1230), Siena (1242), Oxford (1249), Cambridge (1284), Coimbra (1308), Pisa (1343), Praga (1348), Cracóvia (1364), Viena (1365), Heidelberg (1385), Colônia (1388), Leipzig (1409), Louvain

(1425), Tübingen (1477), Barcelona (1477), Copenhague (1479), Valência (1501) e Sevilha (1505).

O ambiente em que surgiram as universidades europeias caracterizava-se por uma intensa mobilidade, sem dúvida estimulada pelas Cruzadas. Durkheim (1995): “Estudantes deslocavam-se de grandes distâncias para ouvirem mestres, como Abelardo, que colocavam “questões” (quaestiones), atraindo grande número de alunos”. Aliás, Abelardo, lecionando no claustro de Notre Dame, foi o iniciador da tradição que culminou na Universidade de Paris e, dentro desta, nas aulas de São Tomás de Aquino.

A universidade medieval resultou de um processo de encasulamento protetor dos corpos docente e discente, ora de um, ora de outro, por vezes de ambos, diante de poderes externos, nomeadamente a Igreja e o Estado e, muito particularmente, a primeira.

Nascidas de uma ou de outra forma, todas elas acabam assumindo a forma corporativa. E todas as corporações universitárias, cedo ou tarde, acabam por entrar em contradição com o meio social e o poder de que se originaram.

O currículo tinha como conteúdos ensináveis as chamadas “artes liberais”, em número de sete, culminadas por Teologia, Direito e Medicina. As sete artes liberais agrupavam-se em dois blocos, o trivium e o quadrivium. O primeiro, composto de gramática, retórica e dialética, preparava a mente para poder sair de si mesma e tocar a realidade, o que se conseguia com o segundo bloco, integrado por aritmética, geometria, astronomia e música.

Quanto à metodologia, a aula era rigorosamente vinculada a certos textos. Não era “temática”, como hoje, mas “textual”, girando em torno de textos de determinados autores, como, por exemplo, em Lógica, os livros do Órganon de Aristóteles.

Claro está que a universidade medieval não é exatamente a universidade do século XXI. Contudo, há uma linha de continuidade no fundo das inúmeras rupturas que assinalaram os mil anos da universidade. A continuidade revela a própria essência da universidade. As rupturas indicam suas crises ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

CAMBRIDGE, University of. *The Emblem, the Arms & the Motto of the University of Cambridge*. Edição limitada 500, exemplar número 288. Cambridge, UK: University Press, 2002.

CASTANHO, Sérgio. “A cidade e a beca”. Campinas, SP: *Correio Popular*, Caderno C, p. A14, 8 de junho de 2021.

DURKHEIM, Émile. *A evolução pedagógica*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HARDY, Thomas. *Judas o Obscuro*. São Paulo: Editora Abril, 1971.

SANTOS, Boaventura de Souza. Da ideia de universidade à universidade de ideias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 27, n. 28, p. 11-62, 1989.

SGUISSARDI, Valdemar, SILVA JR., João dos Reis (orgs.). *Políticas públicas para a educação superior*. Piracicaba, SP: Ed. UNIMEP, 1997.

SÉRGIO EDUARDO MONTES CASTANHO

Graduado em Direito pela PUC-Campinas (1964), mestrado em Educação (1987) e doutorado em Educação pela Unicamp (1993), ambos na área de Filosofia e História da Educação. Desde 2005 participa do PQI, vinculado ao Museu Pedagógico da UESB como orientador do projeto A Escravidão no Livro Didático de História: três autores exemplares (1890-1930) também pesquisador visitante e professor junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Memória: Linguagem e Sociedade. Professor doutor colaborador da Unicamp, na área de História da Educação e pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas HISTEDBR. Tem experiência nos temas: História cultural e história da educação, Formação de professores nos períodos colonial, imperial e republicano no Brasil, Educação e trabalho na Colônia e no Império no Brasil e Teoria da História e história da educação. É titular do IHGGC - Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas e da Academia Campinense de Letras -Cadeira 31. e-mail: sem.castanho@gmail.com

UMA INTRODUÇÃO A EUCLYDES DA CUNHA ALÉM DE “OS SERTÕES”¹



A Adilson Roberto Gonçalves

A produção literária de Euclides da Cunha não se resume à obra magnânima *Os Sertões*, estendendo-se por vários textos críticos e analíticos publicados em jornais de sua época e parcialmente compilados em outros livros.

Nascido em 20 de janeiro de 1866, seus primeiros artigos foram publicados em 1884, aos 18 anos, no jornal “O Democrata”. Aos 21 começa colaborações regulares para a “Revista da Família Acadêmica”. O período pré-republicano, entre 1888 e 1889, inclui sua expulsão do Exército, não aceitando a presença do ministro Tomas Coelho, do gabinete conservador da monarquia, em cujos pés jogou sua espada. É readmitido pela influência do general Sólon Ribeiro, de quem viria a ser genro.

Já em 1888 inicia a colaboração com “A Província de São Paulo”, que se tornará o jornal “O Estado de São Paulo” após a Proclamação da República. Ali escreve: “O republicano brasileiro deve ser antes, antes de tudo, revolucionário” (29/12/1888), frase que será adaptada ao sertanejo em *Os Sertões*.

Movido pela curiosidade da obra de Euclides da Cunha, são discutidos outros elementos importantes nos chamados escritos menores, apresentando fragmentos de textos constantes em dois outros livros: “Contrastes e confrontos” (1907) e “À margem da história” (1909). Ali ele apresentava avaliações analíticas e críticas sobre o Brasil, sua geopolítica e história, mesmo antes de se embrenhar no sertão da Bahia para escrever sobre Canudos. Os dois livros não formam um corpus único, mas, sim, fragmentos de

¹ Este texto é parte da palestra “*Além de Os Sertões: os textos críticos e analíticos de Euclides da Cunha*”, preferida na Academia Campinense de Letras em 30 de janeiro de 2025, reproduzida de forma resumida no Clube dos 21 Irmãos Amigos de Campinas, em 16 de março de 2025.

artigos escritos para jornais. Há outro livro importante, “Peru versus Bolívia”, também de 1907, que trata das questões da disputa de fronteiras entre aqueles países.

Antes dos dois livros, ele já havia escrito na “Gazeta de Notícias” o artigo As catas em 1894, em que discorria sobre memórias, fragmentos e a necessidade do Brasil preservar o que possui, especialmente sua natureza. Esse título é também de um poema em que desenvolve o mesmo tema. Ou seja, Euclýdes, pelo menos aqui, versou sua análise do país em prosa e em verso.

“Contrastes e confrontos” foi resgatado pelo euclidianista Olímpio de Souza Andrade, com cotejos e estabelecimento do texto por Rolando Morel Pinto em edição da Cultrix/MEC (1975). Foi necessário um rigoroso estabelecimento de fontes, em contraponto com o cuidado de Euclýdes com *Os Sertões*. A duas primeiras edições de “Contrastes e confrontos” são de 1907, com textos finalizados em dezembro de 1906. A segunda edição inclui o discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (1903). Contém 28 artigos para jornais, a maioria publicada em 1904, ou seja, posterior ao lançamento de *Os Sertões* (dezembro de 1902). É um livro de crônicas, reflexo do jornal que envelhece de um dia para o outro, mas que possui uma unidade de pensamento. *A esfinge* é de 1897, *Anchieta* é de 1897 (antes de *Os sertões*), e o restante dos artigos é de 1901-1905, principalmente de 1904. A política externa foi marcante, com avaliação sobre a ascensão de potências da época, principalmente a Alemanha (*O Kaiser e A Arcádia da Alemanha*) e a Rússia – A Missão da Rússia que começa com o icônico “a Rússia é bárbara”.

Euclýdes da Cunha queria escrever um segundo livro vingador, à semelhança do que fora *Os Sertões*. Ao que tudo indica, ele versaria sobre a Amazônia e poderia se chamar “Um paraíso perdido”, ou algo semelhante. Juntou vários escritos com esse objetivo, mas foi morto antes, em 15 de agosto de 1909. O livro que se chama “À margem da história” é póstumo, mas foi baseado nos originais que enviou à editora em vida, porém sem revisão. São 12 textos, dos quais se localizaram posteriormente os correspondentes manuscritos, sendo que quatro deles estão fora do país. Foram escritos em uma caderneta de 160 páginas, fazendo parte do acervo da Cecil H. Library na Stanford University.

Sua postura com o Império e a República foi se moldando com o tempo. No longo artigo *Da Independência à República* são mostradas as dúvidas de mais de um século atrás, em que o país acabara de passar por uma mudança política súbita, avaliada como golpe por muitos historiadores, uma vez que o poder, após a deposição do Imperador, deveria ficar com os civis e não com os militares.

“Judas-Asvero” é um conto constante nesse último livro e considerado de uma beleza ímpar com o relato da malhação do Judas por ribeirinhos da Amazônia, mas

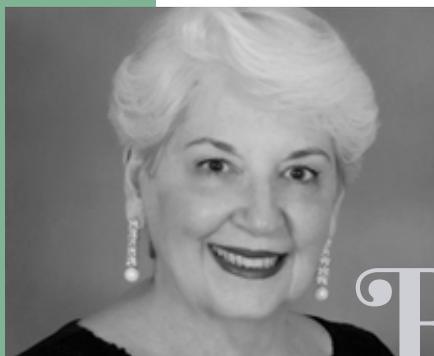
refletindo a própria existência daquele povo, em que o boneco segue em uma canoa para ser alvejado por tiros. Assim termina, após a destruição do artefato:

“Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos – lá se vão, em filas, um a um, vagorosamente, processionalmente, rio abaixo, descendo...”.

ADILSON ROBERTO GONÇALVES

Químico, pesquisador, professor e escritor. Graduado e Licenciado em Química pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1989), onde concluiu Doutorado em Química (1995). Passou dois anos na Alemanha no Instituto Federal de Pesquisas Florestais (Hamburgo 1992-1994). Em 1998 encerrou o Projeto Jovem Pesquisador (FAPESP), marca de seu Pós-Doutoramento em Conversão de Biomassa Vegetal pela FAENQUIL. Especializado em Jornalismo Científico pela UNICAMP (2018). Autor de vários livros: **2º Prêmio Literário Afeigraf 2020** – Scortecci Ed. 2020; **Eu e o Outro** – Literacidade Ed., 2016; **Transformações na Terra das Goiabeiras** - Academia de Letras de Lorena, 2017; **Contos e Crônicas – Coletânea I**, Ed. Baú, 2016. Atualmente é pesquisador no IPBEN-Unesp em Rio Claro-SP, Brasil. Membro titular do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas, da Academia Campineira de Letras e Artes e da Academia Campinense de Letras – Cadeira 7. e-mail: prodomoarg@gmail.com

CULTURA LÚDICA DA INFÂNCIA: PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE



Regina Márcia Moura Tavares

Se partirmos da constatação que existe um reconhecimento mundial por parte de importantes organismos internacionais, há quase meio século, relativo à importância da Cultura, em suas múltiplas expressões materiais e imateriais, para o desenvolvimento das sociedades humanas no mundo contemporâneo; e procedermos a uma breve revisão de alguns conceitos e das relações existentes entre eles para uma melhor compreensão da dinâmica nas sociedades humanas; *seremos capazes de compreender porque as brincadeiras coletivas, espontâneas e livres criadas pelas crianças, assim como os brinquedos por elas manufaturados, não podem desaparecer do espaço social humano, a menos que se queira colocar em risco a própria sobrevivência de nossa espécie.*

Neste despertar de um novo milênio, as conquistas culturais do Homem, com toda a sofisticação nas áreas da tecnologia, da cibernética e da imagética rendem um tributo ao avanço de nossa inteligência, colocando-nos e a criança em contato com uma requintada parafernália capaz de nos passar um sem-número de informações, facilitar nossos contatos, simplificar nosso trabalho e nos dar prazer.

A adoção de novos comportamentos adequados às condições de um novo tempo não deve, entretanto, estar associada ao abandono de práticas sociais importantes, que há milênios sobrevivem nas sociedades humanas, de forma bastante similar, *pois que são responsáveis pelo desenvolvimento de aptidões bio - fisio – psicol. – motoras – sociais da espécie Homo Sapiens sapiens para a vida em sociedade de forma harmônica, produtiva, integrada e permanente*

É muito comum lançarmos um olhar sobre o momento presente e tentarmos compreendê-lo somente a partir das variáveis econômico-político-sociais e de alguns aportes psicológicos. *Difícilmente incluímos em nossas análises a perspectiva evolucionária*

dessa espécie e o papel que comportamentos consolidados há inúmeras gerações representam para a continuação da vida social com qualidade.

Se considerarmos que:

1. *A Cultura, em seu sentido socioantropológico, é o conjunto dos modos de fazer, sentir, pensar, que uma população cria ao longo de gerações para enfrentar os desafios da sobrevivência física e social; que ela é produzida por toda a coletividade, apresentando-se diferente em extratos sociais diversos, porém, valorativamente idêntica;*
2. *O ser humano necessita reconhecer-se como Criador dessa mesma Cultura para tornar-se agente histórico-social, participe de seu tempo e inventor do futuro;*
3. *Através da educação formal os indivíduos, desde a infância, têm contato com recortes específicos da Cultura de sua sociedade, mas não com ela em sua totalidade, recebendo o restante das informações através do espaço familiar, dos grupos de amizade, das atividades lúdicas e das artes em geral;*

Iremos perceber que BRINCAR:

1. *De forma livre e coletiva, bem como construir brinquedos em nossos tenros anos, é a solução inteligente que a humanidade criou, em sua caminhada milenar, de favorecer o desenvolvimento pleno das funções relacionadas à vida biológica, social e emocional de seus indivíduos e coletividades. É um processo de educação não-formal comum a todos os povos da Terra e, provavelmente, com determinantes genéticas.*
2. *Significa criar, exercer a capacidade inventiva e transformadora essencial à sobrevivência, desenvolver habilidades, conhecendo o mundo e a si mesmo.*
3. *Constitui – se, principalmente, numa experiência antecipada da vida adulta, em patamar mágico, inclusive, onde as respostas dadas pelos infantes às múltiplas situações vivenciadas são retidas em arquivos da memória orgânica, os quais serão naturalmente acessados quando de sua necessidade no futuro.*
4. *Representa armazenar alegria, aprender a superar obstáculos, respeitar regras, fortalecer laços comunitários, dominar o medo e a ansiedade.*
5. *Oportuniza à criança perceber-se Criadora de Cultura, ganhar autoestima, condição básica para o exercício da cidadania. O Homem que não sabe o que é e o que pode, dificilmente saberá para onde ir.*

Nos dias de hoje, já são detectados os efeitos deletérios de uma sociedade que expulsou a criança da rua – por excelência, o espaço de socialização dos sujeitos. Impedindo-a de

conviver com os iguais e os diferentes, condição “sine qua non” para o desenvolvimento do espírito crítico, da tolerância, da afetividade, do respeito ao próximo e às regras do jogo social - nega-lhe o direito a uma vida plena. Em substituição apresenta-lhe os esportes em clubes, as intermináveis horas na TV e os vídeo – games, os quais somente cumprem o papel de entretenimento, quando não, de estímulo à competitividade, à violência e à precocidade.

E, como se não bastassem os problemas de ordem psicossocial, o próprio desenvolvimento biofísico dos pequenos vem sendo prejudicado, fazendo com que problemas típicos de idosos, tais como joelho, coluna e outros foniátricos, sejam freqüentes em consultórios de pediatras. A dificuldade em manter laços afetivos já foi observada por psicanalistas e a alienação relativamente às questões de ordem política, salvo raras exceções, é a tônica.

Preocupada com estas questões que, no geral afetam a caminhada evolutiva do Homem e, no particular interferem no desenvolvimento de nossos países de longa tradição colonial sem experiência em projetos de desenvolvimento auto-sustentado e auto-referido, *venho propondo há quase cinco décadas, a elevação dos BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS INFANTÍLS à condição de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade*, pretendendo que a preservação desse patrimônio torne-se prioridade para educadores, pais, administradores públicos, museólogos, agentes culturais e população em geral.

No fim dos anos 80, elaborei um projeto de pesquisa, documentação, valorização e revitalização dos Brinquedos e Brincadeiras ainda existentes nos bairros da cidade de Campinas, de camadas socioeconômicas diversificadas. Foram dois anos de rigorosa pesquisa de campo com uma equipe universitária.

Em 1991, a ORCALC- Organização Regional da Cultura para a América Latina e Caribe, através de seu diretor Héryan Crespo Toral, sugeriu a divulgação do projeto por toda a América Latina, considerando que um programa de tal natureza permitiria o resgate de aspectos da identidade latino-americana, tão importante num momento de reorganização dos blocos econômico - políticos mundiais.

Assumi a responsabilidade dessa difusão e realizei na década de 90 dois encontros internacionais temáticos – Brasil e Equador, e um nacional – Pernambuco (Fundação Joaquim Nabuco); realizei exposições – Brasil e Uruguai; fiz inúmeras conferências no Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Publiquei inúmeros artigos sobre a questão, em periódicos e revistas especializadas.

Com o apoio da UNESCO, em 2004 lancei a 2ª. edição do livro “BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE”**, com fascículo suplementar contendo aspectos da metodologia da pesquisa antropológica realizada,

da oficina permanente “PRESERVAR BRINCANDO” e da história do projeto em 4 línguas (Port., Esp., Fr. e Ing.). Em 2005 o projeto foi um dos escolhidos pelo Ministério da Cultura para figurar na programação do evento “Saison Brésil-France”.

Sem querer me estender mais, devo dizer que o que me move nesta Ação Cultural permanente é a esperança de que a espécie que somos tenha oportunidade de revelar os seus talentos na infância, assim como sentir-se criadora de um patrimônio imaterial. Brincando livremente na infância será capaz de aprender a administrar suas contradições, fortalecer sua autoconfiança, exercitar sua força e destreza naturais. Conhecendo-se, será o Homem generoso, solidário, responsável pelo seu destino, o eterno viajante na esteira dos sonhos.

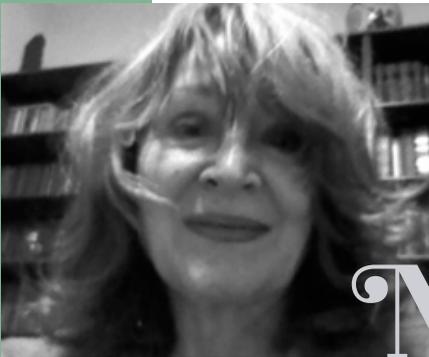
REFERÊNCIAS

* FURTADO, Celso; Cultura e Desenvolvimento em Época de Crise, Editora. Paz e Terra, 2ª. Edição, pág. 63.

** TAVARES M., Regina Márcia; Brinquedos e Brincadeiras: Patrimônio Cultural da Humanidade, Pontes Editora, Campinas, 2004, 2 vols.

REGINA MÁRCIA MOURA TAVARES

É antropóloga, professora universitária aposentada, membro da Rede de Cooperação Acadêmica em Patrimônio Cultural Imaterial da América Latina e Caribe-Unesco e titular da Academia Campinense de Letras e do Instituto Histórico-Geográfico e Genealógico de Campinas. E-mail: Reg3mar@gmailcom / www.reginamarciacultura.com.br



Marina Becker

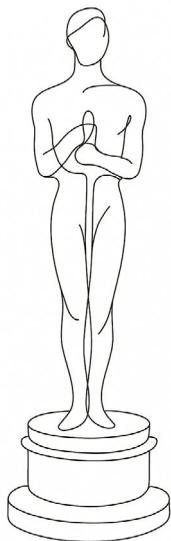
CENTRAL DO BRASIL

(véspera da premiação do Oscar - 1999)

Vamos, Fernanda, com sua graça e garra,
abra mais o seu olhar desassombrado,
e não deixe ninguém tirar da gente
este alento merecido e inesperado.
Sabemos que a você só interessa
saber que fez tão bem o seu trabalho.
Mas agora que já estamos com a canastra,
não queremos abrir mão deste baralho.

Só de ver o seu olhar obstinado
naquelas estradas longas e perdidas,
em travessias de cactos e amargura,
na aspereza do dever, naquela lida,
arrastando um filho imposto e já amado,
com a ternura desmentindo o cinismo
de quem mais nada espera desta vida,
mundo louco, rio seco de egoísmo...

Gritamos com você, chamando o filho,
desmaiando seu desmaio atormentado.
Mas se não der, Fernanda, não importa.



Valeu pela caatinga de emoção,
que arrombou por tão intensa tanta porta
no nosso e no estrangeiro coração.
O resultado agora conta menos.
A briga é feia e afinal ... ossos do ofício.
Mas sinta quanto o povo tá torcendo
de mãos dadas com o Walter e o Vinícius.

E se o Oscar não der ... tem o Oscarito,
que é tão mais brasileiro e é a nossa cara,
e o seu talento é o troféu que nos redime
nessa nossa pobreza pau-de-arara.
Você é nossa e, portanto, o prêmio é nosso,
da pátria amada, desta nossa mãe gentil,
de coração verde amarelo que se abraça
numa orgulhosa Central do Brasil

PALAVRAS

No silêncio respiramos
concebemos
fecundamos
mas é a palavra
grávida
que dá à luz

A palavra é larva
que lavra e alerta
conjura e subjuga
atiça e subverte
seduz e salva

No dicionário
é muda
brumosa e balofa
como se mergulhada
numa amniótica bolsa



Seu corpo
se atualiza
na expressão

A palavra cria
o infinito

Palavra pode ser sol
semente arado
bálsamo remo
ou esmeril
Palavra pode ser arma
guindaste sal
grilhão vereda
asa e candil

Palavra pode

SANGRIA

Se eu pudesse sangrar
o coração da poesia
o avesso da palavra
a gargalhada dos loucos
o olhar dos desvalidos
o vórtice da paixão
as veredas do exílio
o espírito do vinho
o mistério dos martírios
a germinação do amor

Se eu pudesse romper
as cortinas da memória
o silêncio dos ausentes
o insondável fio das parcas



as brumas da nostalgia
o hímen do desalento
as densas teias dos medos
as capas da solidão
as nervuras dos rancores
as películas das almas

E se eu pudesse quebrar
a couraça das geleiras
a casca da indiferença
as crostas da inconsciência
as cristaleiras trancadas
me enfiar dentro das gemas
na matriz dos desencontros
na raiz dos descaminhos
na boca do formigueiro
nos desafios do olhar

Eu iria saber
que até no meio da pedra
tem um caminho

RASCANTE

No interdito não dito, entre recatos
tão falsos, quanta perda. E quanta prenda,
quantos mimos não vimos. Quantas rendas
não nos rendemos. E nos entreatos

vazios, quanta rascante carência
a dessanjar com sal toda a doçura
do maduro fruto. Quanta ternura
desperdiçada em jogos de paciência.
O tempo nunca volta. Nem o riso
recolhido nas ocas reticências.
Como se fosse um lamentoso aviso,

o vento varre as pétalas das flores,
em loucas espirais de inconseqüências.
Negar-se à vida é sempre plantar dores.

(IM)PERMANÊNCIA

Onde se escondeu
o eco da gargalhada sonora
congelada na fotografia
já amarelada
no largo entardecer
de incêndios e vazios?

E em que frasco
se conservou o perfume
da inútil flor
que secou lentamente
no pânico mutismo
da obstinada noite
neste mar de ausência?



Na dúbia linguagem do tempo
dentro e fora da mente
a contradição mais instigante:

tudo é fugaz
e permanente

INQUÉRITO POLICIAL

que Maria Aparecida,
segundo o que ouviu dizer,
há uns dois anos residia
na cidade de São Paulo;

que a conhecia de vista
do prédio onde morava,
mas jamais falou com ela;
que ela era muito quieta;
não falava com ninguém,
ninguém falava com ela;
que dizem que trabalhava
em diversas residências,
sempre como faxineira;
não sabe se tinha amigos,
nem sabe de namorados;
que as pessoas comentavam
seu jeito desconfiado,
seu olhar intimidado,
dizendo que não sorria
talvez por ser do sertão;
que sabe de ouvir dizer
que a família de Maria
reside num vilarejo
na região de Teresina;
que tinha, talvez, vinte anos
e era quase uma menina;
que dizem que ela saiu,
por volta das vinte horas,
muito calada e sozinha;
não sabe se viu alguém,
nem se alguém falou com ela;
que ouviu dizer que Maria
caminhou por algum tempo,
e depois entrou num bar;
que tomou uma cerveja,
e ali chorou bem baixinho,
sem alarde, sem barulho,
como se um manso regato
escorresse dos seus olhos;
que não falou com ninguém,
e ninguém falou com ela;
que logo depois saiu,

tão discreta quanto entrou;
que meia hora mais tarde,
da janela de Maria,
no pequeno apartamento
do Edifício Juazeiro,
voou um vídeo cassete,
um velho televisor,
uma garrafa com água,
um casaco, dois sapatos
e um pequeno cobertor;
que ninguém se machucou;
que ninguém entendeu nada,
mas ninguém falou com ela;
que aí ocorreu o *black out*,
e a cidade mergulhou
na total escuridão;
que alguns minutos depois,
bem no meio do negrume
daquela noite total,
da mesma estreita janela
que se abria para o nada,
um corpo muito franzino
deslizou rapidamente
caindo silencioso
na cidade já sem luz;
que fez um ruído seco
só quando atingiu o chão;
que os moradores pensaram,
durante aquelas três horas,
que fosse um saco de lixo;
e que por esta razão,
ninguém se aproximou dela.



Nada mais foi perguntado.
Relatado.
Arquivado

MARINA BECKER

Advogada aposentada, mestre em Direito Penal, formada em Direito, História e Pedagogia. Foi professora universitária de História na UNIUB, diretora, supervisora e delegada de ensino. Publicou *Turva Mirada* (poemas) e *Tentativa Criminosa- Doutrina e Jurisprudência* (Ed. Siciliano e Ed. Millenium). É membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 12. Rabisca versos e contos. E-mail: marinabecker@uol.com.br

TRÊS MENINOS EM 32



Marino Di Tella Ferreira

Na guerra civil de 1932, que eclodira no dia 9 de julho daquele ano, tentaram os paulistas, pelas armas, a volta à legalidade do país que se encontrava sob o jugo de um governo autoritário e que se autointitulava “provisório”, embora desde a Revolução de 1930 não se posicionasse acerca de sua durabilidade, ou seja, não definia quanto tempo duraria sua provisoriedade.

Não há até os dias de hoje unanimidade acerca da quantidade de vítimas produzidas pela Revolução Constitucionalista, tanto do lado paulista quanto das demais unidades da federação, mas é certo que foram centenas, segundo alguns, milhares.

Dráusio Marcondes de Sousa, nasceu aos 22 de setembro de 1917, filho do farmacêutico Manuel Octaviano Marcondes de Souza e de Ottilia Moreira da Costa Marcondes.

Antes mesmo da eclosão do movimento constitucionalista, o que se daria no dia 9 de julho, multidão enfurecida tentou naquela segunda-feira, 23 de maio de 1932, invadir a sede do Partido Popular Paulista, anteriormente denominado “Legião Revolucionária”, órgão do governo provisório em São Paulo, localizada na Rua Barão de Itapetininga esquina com a Praça da República, na Capital do Estado. Foram recebidos a tiros. No episódio tombaram mortos Mário Martins de Almeida, Euclides Bueno Miragaia e Antonio Américo de Camargo Andrade.

Dentre os feridos estava o menino Dráusio, de 14 anos de idade. Hospitalizado no quarto nº 9 da Santa Casa de Misericórdia, viria a falecer no dia 28 daquele mês. A inicial de seu nome e das outras vítimas formariam a sigla da sociedade MMDC, responsável durante a Revolução por diversas e importantes atividades, como manutenção da segurança, correio militar e mobilização, dentre outras. Dráusio descansa no Mausoléu aos Heróis de 32 no Ibirapuera, na cidade de São Paulo, cujos restos foram para lá

trasladados por força de Decreto do Governo de São Paulo de 1955. A Dráusio são atribuídas palavras ditas no leito de morte, quanto a estar destinado àquele sacrifício e que se tivesse mil vidas, as daria pela nobre causa da libertação da terra que o vira nascer.

Com a morte de Dráusio, seu pai Manuel Octaviano, que era 1º Tenente Farmacêutico da Reserva do Exército, passou a dedicar-se com afinco ao movimento constitucionalista, inclusive publicando livro que relata suas experiências no ano seguinte ao término da Revolução.

Aldo Chioratto, nascido em 05 de outubro de 1922, filho do tintureiro João Chioratto e de Dona Ada, tinha pois nove anos de idade naquele domingo, 18 de setembro de 1932.

Encontrava-se o menino em frente à Estação Ferroviária da Companhia Paulista em Campinas, por volta das 11h30min, quando os “vermelhinhos”, aviões enviados pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas, que receberam este apelido por ostentarem a cor vermelha dos aviões também usados pelo Correio Aéreo Militar, espalharam terror na cidade e lançaram suas bombas visando atingir o pátio de manobras da ferrovia.

As bombas fizeram algumas vítimas, dentre elas, ferido de morte estava o menino Aldo Chioratto.

Sob o governo de Adhemar de Barros, nos anos 1960, houve movimento enaltecendo a atuação de Aldo Chioratto como escoteiro que prestou serviços à Revolução como mensageiro, tendo seus restos trasladados ao Mausoléu aos Heróis de 32 no Ibirapuera, na cidade de São Paulo.

Nicola Roselli nasceu em 10 de agosto de 1916, filho de Remo Roselli e Cecília de Goes Roselli.

Alistou-se no Exército Constitucionalista, partindo em 10 de julho para a difícil posição no Túnel da Mantiqueira, como parte da 9ª Companhia, do 3º Batalhão, do 5º Regimento de Infantaria. Tombou em combate no dia 7 de agosto, ferido por estilhaço de granada, vindo a falecer horas depois no Hospital de Sangue de Cruzeiro. Tinha 16 anos de idade. Repousa no Mausoléu do Soldado Constitucionalista em Campinas, São Paulo, belíssimo monumento erigido graças ao apoio incondicional da população campinense que, inaugurado em 1935, homenageia os heróis de nossa terra, que ali repousam sob a representação do pavilhão paulista petrificado.

Não temos dúvidas da importância desses três meninos à história do Estado de São Paulo e de nosso país, pois tombaram pela causa constitucionalista, pelo restabelecimento da legalidade e da democracia.

Mas não queremos aqui enaltece-los como os heróis que são. Desejamos sim, pudéssemos de alguma forma devolver-lhes a vida prematuramente subtraída. Desejamos

podéssemos devolver-lhes a juventude roubada, para que continuassem suas vidas, simples como devem ser, todos estudando e também, Aldo ajudando o pai na tinturaria, Dráusio auxiliando seus genitores na farmácia onde já atuava e Nicola dedicando-se ao trabalho no comércio. Pudessem os três ter convivido com a ternura de seus entes queridos, ter constituído família.

Pudessem esses meninos realizar todos os sonhos que certamente carregavam naqueles turbulentos dias de 1932.

MARINO DI TELLA FERREIRA.

Advogado, escritor, palestrante. Graduado em Ciências Jurídicas pela PUC-Campinas em 1989. Pós-Graduado em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho. Autor do livro *“O Mausoléu dos Heróis Campineiros da Guerra Paulista”*, 2022 (Pontes Ed.). Autor de diversos artigos publicados no jornal “Correio Popular” de Campinas. Realizou diversas palestras sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 e sobre temas relacionados à Segunda Guerra Mundial, bem como montou exposições sobre essas temáticas. Membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira n. 38. E-mail: marinoditella@gmail.com

SILÊNCIO E SOLIDÃO



A Adelmo da Silva Emerenciano

As grandes navegações no século XV e XVI deram início não só à era da colonização, descobertas, avanços científicos e riqueza para os exploradores, mas também aproximou saberes, costumes, ideias, choques culturais e a efervescência natural que o novo traz e a todos assombra.

O fluxo contínuo das descobertas científicas conectou o mundo e por séculos espalhou saberes em velocidade cada vez maior e fez eclodir, ao redor da década de 80, o fenômeno da globalização com o sonho de um mundo unido, sem fronteiras, multicultural, com maior inclusão, redução de diferenças e o sonho que se passou a chamar de construção da aldeia global.

Por décadas, esforços foram feitos para obter as vantagens de um mundo sem barreiras, de livre trânsito, igualdade, circulação de ideias, valores, costumes e redução de fronteiras comerciais e de conhecimento.

Aos poucos, coisas não muito boas também passaram a circular, inclusive ideias ruins, costumes abjetos, imoralidade, sectarismo e a invasão de países ricos pelos que enxergaram a oportunidade de apressar sua vida de primeiro mundo.

Em certas partes do mundo, porém, somente o que havia de ruim passou a circular mais rápido do que a visão romântica de um mundo igual e para todos.

O mundo passou a ser conflituoso e os noticiários traziam sinais de que as coisas não estavam tão boas assim. Alguns países insistiram em continuar com suas fronteiras abertas e leis que incentivam migrações e acolhimento acreditando, como Rousseau, que o homem era bom por natureza.

As coisas já não andavam bem, e no mundo ruidoso da conexão global cresceu o sentimento de que talvez as políticas de fronteiras abertas não eram tão boas assim.

Tudo ia de mal a pior, mas, como diz o ditado popular já que da autoria não se tem certeza, nada é tão ruim que não possa piorar.

Claro que são inegáveis as vantagens e o progresso da humanidade trazidos pela globalização e o enorme o proveito trazido em todos os campos do conhecimento, na economia e na evolução da qualidade global de vida.

Mas, criaram o e-mail e a internet e muitos novos meios de comunicação exclusivamente digitais. Aos poucos se viu que não era necessário viajar tanto, ou usar os correios e nem buscar informações em bibliotecas ou ir ao jornaleiro para ler as notícias e, ainda, tornou-se possível opinar sobre tudo e falar sobre o que bem entendesse a custo zero.

Para alguns, houve uma democratização da liberdade de expressão. Para outros, como expressou Umberto Eco ao receber o prêmio de *doutor honoris causa na* Universidade de Torino, “a internet deu voz aos imbecis”.

Em 2024, o relatório da Data Reportal sobre o panorama digital global indicou que o número de usuários atingiu 5 bilhões de usuários ativos angariando nove usuários por segundo e alcança 67% da população mundial. Usuários não são expectadores, são comunicadores ativos que expressam opiniões, emoções, produzem ciência ou diversão, ou seja, lá o que lhes der na cabeça seja por texto, som ou imagem. Enfim, o mundo é praticamente um só.

E nesse frenesi, o tráfego móvel mensal aproxima-se dos 56.8 exabytes (pode imaginar o que é isso?) e um americano passa em média 4 horas e 1 minuto por dia na internet.

Foram - se embora não apenas as fronteiras, mas todo esse expressar inquieto e global elevou o silêncio a artigo de luxo como alertou o sociólogo italiano Domenico de Mais antes de sua morte em Roma, no ano de 2023.

O silêncio, artigo raro se faz agora acompanhar de um novo fenômeno: a solidão, que para alguns é solidude, mas, na prática, de um ou outro modo se está sozinho. Jovens não querem trabalhos presenciais, não querem viver fora do quarto, não querem encontrar os amigos, nem seus professores e nem mesmo, com razoável frequência, sequer os pais. O ser humano, porém, contrariando o senso comum, nunca esteve tão próximo e tão sozinho. E, mais curioso ainda, tão satisfeito com isso e guiado não mais pelos mais velhos ou pelos professores ou pela família, mas, sim, agora, jovens ou idosos navegam guiados e satisfeitos não mais pelos capitães de caravelas, mas pelo seu novo guia: o algoritmo.



Inevitável constatar que não só o silêncio se tornou um luxo, mas, também, a solidão em uma nova forma a todos não entristece, satisfaz.

Sozinha e quieta alegra-se a humanidade.

Cícero sorriria e arrebatado de orgulho de si, repetiria “*O tempora, o mores!*”.

Seguiria adiante com seus fones de ouvido enviando sua *selfie* para ser publicada em uma de suas cartas atacando Marco Antônio.

ADELMO DA SILVA EMERENCIANO

Advogado, professor universitário, poliglota, conferencista, pesquisador e escritor. Graduado em Ciências Sociais e Jurídicas (1986), Mestrado em Direito (1995) e Doutorado em Direito (2002) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Especialização em Pós-Graduação em Direito Constitucional pela PUC-Campinas (1988-1989). Autor de *Tributação no Comércio Eletrônico*, v. 01, 2003, *Procedimento Fiscalizatório e a Defesa do Contribuinte* V.02, 1995; *Tributação no Comércio Eletrônico*. V.01, 2003; Membro Titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 1. Fotografia: LinkedIn e-mail: Adelmo@emerenciano.com.br

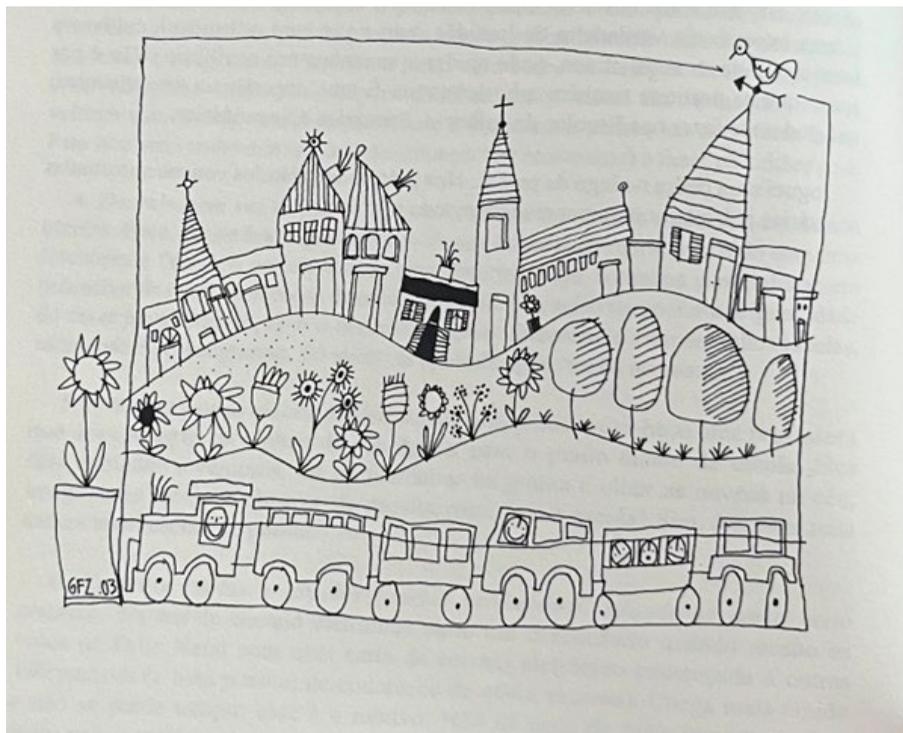
LEITURAS NO COTIDIANO - A CIDADE COMO PATRIMÔNIO EDUCATIVO



M Margareth Brandini Park

A cidade é, no sentido forte, “poetizada” pelo sujeito: este a re-fabricou para o seu uso próprio desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe a ordem externa da cidade à sua lei de consumo de espaço.
(CERTEAU, Michel de. 1996, p.45)

Cidades são mapas. Internos e externos. O espaço da cidade, em seus meios urbanos, rurais e rurbanos - é um espaço educativo, local de ações socais, políticas, ambientais, poéticas, culturais – ligadas ao meio ambiente, paisagem, patrimônio histórico, artístico, paisagístico. A cidade se constrói a partir de procedimentos de resistência e de criatividade, de relação entre espaços de circulação, de encontro, de vivência, fruição, que coloquem em contato diferentes formas de pensar, sentir, agir, e se colocar nos grupos sociais, frutos de seus repertórios e contextos socioculturais.



“A Cidade”, por Gianfranco Zavalloni.

Estes contextos apresentam e disponibilizam uma infinidade de equipamentos e instituições organizadas e estruturadas com meios para diferentes fins que funcionam e exigem normas, parâmetros e condutas diferenciadas para os variados expectadores e públicos. Isso implica em formas variadas de inter-relação e interação entre os sujeito, promoção de sociabilidades e socializações, entre o que está disponibilizado para consumo e fruição, entre o que exige participação e produção, mais ou menos ativa e dinâmica, em uma infinidade de estímulos e motivações.

*“A cidade não é o espaço sendo ocupado pelas coisas e pessoas,
a cidade somos nós...”.*
(PARK, Margareth Brandini et al. 2012, p.7)

Para o educador Paulo Freire, a leitura de mundo não é a compreensão crítica da realidade. Ela precederia a leitura da palavra, portanto, é a realidade vivida que embasa a construção do conhecimento, um ato criador que possibilita o autoconhecimento da comunidade. Uma ponte entre linguagem e realidade.

COMO LIA MEUS DISTRITOS – SOUSAS E JOAQUIM EGÍDIO

*Na carta os nomes das estrelas estão grafados em
negrito sobre um fundo azul e é necessário encostar a
lanterna acesa bem junto da folha para discerni-los.
Quando erguemos o olhar para o céu, este aparece
negro, salpicado de vagos clarões;
somente aos poucos é que as estrelas se fixam e se
dispõem em desenhos precisos, e quanto mais olhamos
mais as vemos aflorar.
(CALVINO, Italo. 1994, p. 42.)*

Lia estrelas, as cadernetas de contas da padaria, do armazém, do açougue. Cada uma com as suas cores, com os seus números e letras. Lia o jogo de bicho do pai, números e animais. Os envelopes que iam e voltavam do correio, seus carimbos, preços, os verdes das fazendas, as lápides do cemitério enquanto acompanhávamos as novenas da mãe devota das almas – legado deixado.

O Campo Santo era um lugar de sociabilidade, de reconhecimento das pessoas que se foram muito cedo, ou muito tarde, de conhecer flores diferentes, de observar esculturas ou lápides. De anjos petrificados que pousaram e deixaram-se ficar. Um lugar de vida e de morte. Tão humano.

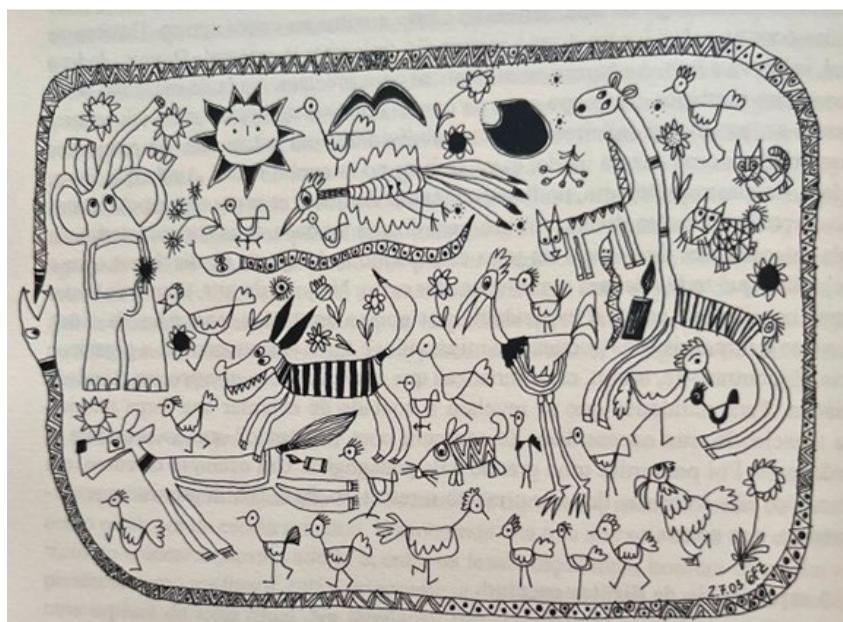
Como filha de pescador, minhas memórias da região da Área de Preservação Ambiental (APA) dos distritos de Sousas e Joaquim Egídio, em Campinas – SP, centram-se inicialmente no rio Atibaia. No verde de vários tons das matas de suas margens, nos diversos tipos de peixe – dourados, curimatás, tilápias, bagres, cascudos e lambaris – que esse rio nos oferecia.

Foi andarilhando pelas matas da fazenda Santana, localizada em Sousas, margeando o rio Atibaia, assim como as fazendas bucólicas da região em passeios intermináveis, possíveis naquela época - década de 70 - a uma menina, que deu-se a educação de meu olhar. Visão esta, formada pela imersão cotidiana em locais matizados por tons derivados de uma cor: o verde. Verde que preenchia os espaços, múltiplo, indo do cinza-verde ao verde-musgo, oferecendo nuances inúmeras presentes em copas de árvores, touceiras, arbustos e forragens. Tal educação do olhar deu-se no cotidiano, em um tempo que chamaria de vagaroso, nas andanças até a observar e fazer jogos e brincadeiras com a matéria-prima que a Natureza nos oferecia e oferece nessa área de proteção ambiental.

Reconhecer tons era reconhecer ciclos: das imensas floradas do rosa – flor do capim - ao verde esmaecido pela seca e, posteriormente, ao verde vivo dos brotos trazidos pela primavera. Ciclos do humano que também brota, viceja e seca deixando as suas sementes. As plantas e seus caprichos temporais ensinavam que vida e morte são pontos de um mesmo círculo. Os peixes do rio Atibaia me ensinaram estética desde a primeira vez que um raio de sol pousou mansamente nas escamas de um dourado fígado na fazenda Três Pontes, por meu pai.

Os quintais das casas ofereciam também pequenos recortes da matéria-prima do entorno, folhas, flores e frutos de hortaliças, legumes e frutos. Cheiros, texturas, tonalidades extremamente cambiantes a nos ensinar o movimento e as marcas do tempo no dia a dia.

Nas margens do Atibaia circulavam aves de várias espécies, patos, marrecos, pássaros. Seriemas, pacas, tatus e lagartos variados também andavam por ali espreitando e fazendo barulhos estranhos. Educar o olhar, lição e proposta que hoje carrego como pedagoga e escritora depende da permissão para a imersão em um tempo que se contrapõe à pressa e à velocidade da sociedade pós-moderna. Imersão essa que poderá ser instigada pela leitura do entorno tornando-o acessível aos indivíduos que habitam esses lugares, assim como àqueles que por ali transitam em finais de semana, contribuindo para o estabelecimento de um imaginário mobilizador a partir do conhecimento, apreciação, estética e da reflexão sobre o cotidiano das ações de recuperação / preservação, tão necessárias nessa região.



“O Uróboro”, por Gianfranco Zavalloni.

Uma criança nascida e criada entre plantas, bichos, ruas pelas quais transita – a pé -, que conhece vizinhos e muitos dos habitantes da cidade se constitui diferentemente de uma criança nascida e criada entre prédios, elevadores, espaços cercados para brincadeiras, deslocamentos motorizados e *shoppings centers*. Sem juízo de valor. Meu interesse aqui é o de focalizar o lugar onde se habita e se constituem sujeitos. E as crianças em questão serão diferentes em vários aspectos. Dentre outros, é bem mais provável que alguém que caminha a pé, cercado por plantas, altas, médias, grama, arbustos, consiga experienciar várias tonalidades de verde ao passo que alguém que conviva pouco com a paisagem descrita a resumiria, sem maiores conflitos ou crises internas, como sendo verde...

*“Cada território do nosso planeta precisa de um poeta
que aprende a linguagem, os ritmos, os ciclos e que
saiba dar voz à experiência a fim de que aquele l
ugar possa falar por meio da poesia”.*
(LAWLESS, Gary, in Zavalloni. 2011, p. 129)

As ruas, como possibilidade de vivências vêm sendo demonizadas pela falta de segurança, pela invasão do caos, por servir mais à velocidade, característica de “progresso”. Elas acabam sendo quase banidas de planos de lazer e, situações para usufruí-las representam exceções à regra. Como nos lembrar do que era possível em um outro tempo a esse “progresso”, proponho um “regresso”, que atende as propostas de Tonucci e Zavalloni. Ambos sugerem que se pense a cidade de uma nova forma, através do olhar da criança que traz toda uma ludicidade própria e transgressora.

Ambos educadores defendem que as crianças são sujeitos históricos e que têm capacidade de participar ativamente das decisões políticas relacionadas aos lugares em que habitam. Tonucci (1997), na obra *“La città dei bambini”*, explicita tal posição detalhando um trabalho que apresenta uma nova filosofia de governo da cidade. Ele assume a criança como parâmetro para decisões de governo. Expõe sua postura com o exemplo da “multa” que as crianças podem aplicar em um motorista que desrespeite as regras do tráfego. O certificado “você é um mal educado” é aplicado nos casos em que, devido a uma decisão do motorista, não é possível o tráfego seguro dos pedestres. São as crianças que deixam o certificado nos veículos! O que atribui à criança a plenitude do direito de avaliar e educar os que deveriam ser sujeitos dos bons exemplos.

E, Zavalloni (2011), defende com seu livro *A Pedagogia do Caracol...* uma lentidão em oposição à rapidez implicada em vários aspectos da vida da criança, inclusive, na

escola. Trabalhar com uma horta pode significar a introdução de um tempo lento que exige muita paciência entre o semear, brotar, crescer e colher. A criança aprende e “o adulto também” que há um tempo que não é e nem deve ser acelerado, que a oposição do conceito de progresso ao conceito de vagarosidade como sinônimo de atraso é um desserviço teórico e humano.

Ambos, Tonucci e Gianfranco, sugerem os passeios e caminhos percorridos a pé, pois para conhecer um território e sentir pertencimento necessitamos de um olhar acurado e próximo ao seu entorno.

Em plena selva de asfalto e cimento da cidade industrial, o operado Marcovaldo busca a natureza. Mas existe, ainda a boa e velha Natureza? Ou tudo não passa de imitação, artifício e engano? Personagem cômica e melancólica, o sonhador Marcovaldo não tem olhos adequados para semáforos, cartazes ou vitrines, signos da vida urbana e da sociedade de consumo. Mas está atento aos cogumelos que brotam ao ponto do bonde, ao mofo nas bancas de jornais, às aves migratórias ou às possibilidades de caçar e pescar dentro da cidade, enfrentando as mudanças da estação e descobrindo as misérias da existência.
(CALVINO, Ítalo. 1994, p.7)

MARGARETH BRANDINI PARK

Escritora, poetisa, pesquisadora, professora, pedagoga e Doutora em Educação pela Unicamp. Autora de fértil produção literária. Acadêmica da Academia Campinense de Letras - Cadeira 4. E-mail: margareth.park@gmail.com

REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **Marcovaldo – ou as estações na cidade**. São Paulo, São paulo. Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano – artes do fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel De; Giard, Luce; Mayol, Pierre. **A invenção do cotidiano – morar, cozinhar**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 1996.

FERNANDES, Renata Sieiro; Groppo, Luís Antonio; Park, Margareth Brandini (Orgs.). **Cidade - patrimônio educativo**. Jundiaí, São Paulo. Paco Editorial, 2012.

PARK, Margareth Brandini (Org.). **Formação de educadores - memória, patrimônio e meio ambiente**. Campinas, São Paulo. Mercado de Letras – CMU, 2003.

PARK, Margareth Brandini et al. (Org.). **Educação infantil – arte, memória e meio ambiente**. Jundiaí, São Paulo. Árvore do Saber Edições, 2005.

PARK, Margareth Brandini; Iório, Suely Aparecida. **Arte, educação e projetos**. Jundiaí, São Paulo. Árvore do Saber Edições, 2004.

TONUCCI, Francesco. **La città dei bambini**. Roma – Bari. Laterza e Figli, 2005.

ZAVALLONI, Gianfranco. **A pedagogia do caracol – por uma escola lenta e não violenta**. Americana, São Paulo. Adonis, 2011.

MARIA MONTEIRO



Jorge Alves de Lima

O mais importante órgão de imprensa de Campinas, na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, foi indubitavelmente o nosso já conhecido Diário de Campinas. No início do ano de 1899 o Diário criou uma nova seção denominada “Homens e Aspectos”, alegando: “De 1º de janeiro em diante, sob o título acima, iniciaremos uma galeria de campineiros ilustres que contribuíram e contribuem para o engradecimento moral e material desta terra.”

O projeto editorial do Diário de Campinas teve a capacidade e o poder mágico de registrar os nomes de das personalidades ilustres que marcaram a nossa história artística e cívica. A seção “Homens e Aspectos” foi inaugurada com o nome de seu filho mais ilustre, o maestro e compositor Carlos Gomes. Todavia, distintos leitores e leitoras do Correio Popular, vamos começar pela cantora lírica Maria Monteiro, como homenagem a mulher!

O brilhante intelectual César Bierrembach, espírito arguto e sensível foi o escolhido para escrever a respeito da cantora lírica Maria Monteiro.



Maria Monteiro - Fonte Facebook.com

“Ela nasceu em Campinas a 16 de janeiro de 1870, filha de José Francisco Monteiro e D. Joaquina Leopoldina de Andrade Monteiro. Coube ao professor Joaquim Romão Prado, no colégio de D. Rita Lobato em Jundiaí iniciá-la na música desde a infância. Aqui em Campinas foram o Colégio de D. Inácia de Camargo e de D. Caroline Florence as escolas em que Maria Monteiro cursou. Nos soirées musicais do Clube Semanal, perante riquíssimo auditório, elegantíssima assistência e no salão transbordando de luz ela, ainda menina, brilhava com sua bela voz.

Em dezembro de 1883, marcou-se o grande dia da inauguração da nossa catedral da Matriz Nova - erguida lentamente desde as primeiras taipas socadas em 1807, pelas turmas de escravos que as regara de suores. Augusta solenidade! Maria Monteiro foi a nota última e predominante das festas da Matriz Nova. Sim depois de sagrada pelos sacerdotes, de consagrada pelos pregadores, revestiu-se inesperadamente a igreja de uma função religiosa que pairou sobre a multidão aglomerada. Foi quando uma voz emocionante correu o templo e fez silenciar a multidão que ouviu, respeitosa, a Ave Maria de Mercadante ressoando no alto.

Veio por esse tempo para Campinas, aquele ancião, D. Pedro II, e ao visitar o Colégio Florence, improvisou-se um concerto, e Maria Monteiro cantou, perante as suas Majestades, o sonho de Mercadante, recitando em italiano uma poesia ao entregar a D. Tereza Cristina um ramallete de flores. A Imperatriz e D. Pedro II ficaram encantados com a bela voz de contralto da jovem e ofereceram-lhe a sua proteção para ir estudar canto em Milão na Itália.

A bordo do navio o ‘ Congo’, em setembro de 1887, seguia para Milão a comitiva que se compunha de Maria Monteiro, sua digna mãe e sua irmã Elisa Monteiro. Foi Carlos Gomes, então, o grande auxiliar da estudante como bom parente e protetor.

Pela primeira vez, subiu no palco da cidade de Peruggia, onde estreou com Mephistopheles, e com tal brilho que o Marquês Guido Mariavaldi, empresário telegrafou a Carlos Gomes felicitando-a!

Ela brilhou em Nápoles, Gênova, Turim, Ravenna, Casal, Monte- Ferrato, Barcelona, Trieste, nas peças Promessi-Spoggi, Norma, Carmen, Trovador, Favorita, Cenerentola. Na Espanha, o seu papel de Carmen, na ópera mais espanhola possível seguiu-se uma série de triunfos.

Em Barcelona, onde o público era exigentíssimo, teve Maria Monteiro verdadeira ovação! Depois em Nápoles, no teatro Bellini, a Norma de Bellini, e em Milão ela surpreendeu o público milanês, com a nova Zingara, no trovador, no teatro Alhambra. O seu sucesso na Áustria foi maravilhoso. A bela voz de Maria Monteiro, bem timbrada, unia-se à interpretação dramática!

Todavia, casando-se com o comerciante Ermenegildo Grandi, de Gênova, ficou residindo naquela cidade. Lá, indo em excursão ao Monte Blanco, apanhou uma infecção na garganta e nos pulmões, de que veio falecer a 13 de fevereiro de 1897. Não deixou filhos e jaz sepultada no cemitério Staglieno, próximo a Genova. Eis em detalhes a vida da qual foi a mais dotada pela arte, entre as filhas de Campinas. Tinha na frente a estigma do gênio, nos olhos a inspiração na voz- natural esplendor, tão precioso e fulgente, que a arrebataram à pátria ouvidos ciosos do seu cantar”.

Maria Monteiro tinha uma imagem de beleza brasileira, encantadora morena a que os cabelos negros e os seus grandes olhos- quase diamantes-davam singular fulgor.

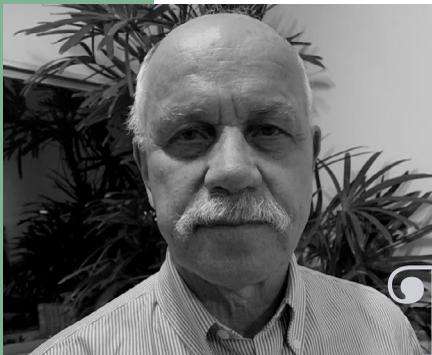
Com efeito, Maria Monteiro foi nossa primeira cantora lírica que encantou à exigente platéia da orgulhosa Europa, falecendo na Itália, a 13 de fevereiro de 1897, com a idade de 27 anos apenas. Campinas, que a viu crescer jamais esqueceu aquela voz doce. Voz que espalhava em notas sublimes na vastidão da hoje Catedral Metropolitana, como vibrasse a voz de um anjo catando melodias criadas pela inspiração divina.

Campinas perpetuou seu augusto nome Maria Monteiro em uma rua no charmoso e elegante bairro do Cambuí!

JORGE ALVES DE LIMA

Graduado em direito pela PUC-Campinas. Mudou-se do Paraná para Campinas, cidade que ama e assumiu como sua. Advogado, historiador, escritor, pesquisador sobre a história de Campinas, as epidemias de febre amarela, a vida do compositor Maestro Carlos Gomes, que lhe renderam fértil produção de livros sobre a cidade de Campinas e também sobre as suas memórias de vida. Membro do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas, da Academia Paulista de História, da Academia Campinense de Letras como seu presidente de 2019 a 2024. jorge.alvesdelima.2@gmail.com

O FIO DE BIGODE



Luno Volpato

Esta era uma conhecida metáfora usada, nos idos tempos, para garantir e reforçar a seriedade de um compromisso assumido. Não sei até onde isto representa uma verdade, ou seria apenas um exagero. De toda forma, nos tempos em que o machismo, o poderio do sexo mais forte prevaleciam nas relações pessoais e comunitárias, era uma expressão simbólica, representativa, e que tinha, por assim dizer, força de lei. Outros costumes! Outros tempos! Outra realidade!...

Numa época em que as pautas, sobretudo, nas classes mais elevadas, eram absolutamente formais, a expressão em evidência tinha um impacto e simbologia significativos. Em todos os tempos, as relações eram fortemente respeitadas e, para tanto, havia uma espécie de aparato que fortalecia os hábitos e costumes. Mas alguém poderá contrapor com outro raciocínio: E os que, por qualquer motivo, não tinham este enfeite sob as narinas? Ou seja, o bigode... Não sei ao certo, mas a criatividade, assim como acontece em nossos dias, preencheria as eventuais brechas deixadas pelas “leis,” fato que se repete em todos os tempos.

Por exemplo, poderiam pedir um fiapo de bigode emprestado, como garantia. Não é uma boa alternativa? E, quando pagasse a dívida, ou finalizasse o compromisso assumido, mediante testemunhas idôneas, resgataria o fio de bigode empenhado e o entregaria a quem de direito... Que maravilha! Que tempos! Coisas da Idade Média, talvez!... Mas é comum, ainda hoje, certas situações, em que o cidadão dispensa as formalidades e se antecipa dizendo: Para mim, basta um fio de bigode!... Palavra é palavra! Ou seja, é mais importante a honra, a dignidade da pessoa, a palavra empenhada, do que mil assinaturas... Mas todos sabemos, e exemplos não faltam, de casos em que a desonestidade campeia às soltas, daí a real necessidade de se proteger, através de contratos, assinaturas, testemunhas, fios de bigode. Se o ser humano não abusasse

dos incautos, respeitasse e cumprisse o estabelecido, dispensando tais formalidades, o mundo seria outro. Mas podem ter a certeza de que, se os fatos levaram as coisas para tais limites, é porque houve, de fato, sérios abusos, calotes, prejuízos de parte a parte, implicando na imediata busca de medidas para garantir o cumprimento dos acordos.

Estamos apenas pagando o preço!...

Bons tempos aqueles em que a palavra tinha força de lei, e não havia necessidade de cartórios, carimbos, reconhecimento de firmas... Sei que não é bem assim, mas o raciocínio mais elementar atesta que se a pessoa fosse séria, responsável, correta, o que deveria ser uma regra e não exceção, o mundo, certamente, seria outro, e as relações entre as pessoas, muito mais amistosas, cordiais e saudáveis.

Eu imagino, a essas alturas, um brasileiro, criativo por natureza, com seu pequeno comércio ou negócio, expondo na vitrine os mais diversos tipos, cores e fios de bigodes. Seria algo interessante! Se não fosse cômico... Ou, de repente, você vê uma placa, como se fosse uma propaganda, escrita em letras garrafais: Vendem-se fios de bigode, pretos, brancos, ruivos... Qualidade e durabilidade garantidas pelo aval do proprietário!

E, se fosse no tempo da escravidão, lá encontraríamos, certamente, anúncios como este: Vendem-se fios de bigode! Origem:escravo de 80 anos! A idade garante a qualidade e a eficácia do combinado. O escravo “assina” embaixo, e está disponível para eventuais questionamentos. O verbete, em destaque, acrescentava um componente peculiar, porque poucos escravos eram alfabetizados. Então a assinatura de um escravo, era, no mínimo, relevante em uma negociação....

Em síntese, o fio de bigode marcou época e cumpriu sua missão social e histórica... Ao que se saiba, uma coisa é inquestionável: funcionava e atingia seus verdadeiros propósitos! Do contrário, esta história não teria chegado até nossos dias...

Atualmente, a modernidade com seus apetrechos, alternativas e demais formas de garantia, sepultou definitivamente o fio de bigode dos áureos tempos... Pairava, pode-se deduzir, sobre aquelas antigas populações e comunidades, o verdadeiro conceito de seriedade e respeito às normas e costumes estabelecidos e vigentes.

Em nossos dias, apesar de todas as formalidades exigidas, além das assinaturas com firmas reconhecidas, testemunhas idôneas exigidas pelos contratantes, os tribunais, ainda assim, estão abarrotados de processos, litígios, demandas, disputas de propriedade e outros que tais...E, com toda a tecnologia e os aparatos que cercam as negociações, ainda assim, as dissensões e questionamentos proliferam e, às vezes, se arrastam

por meses e anos... Quantas vezes os litigantes, morrem até, deixando um rastro de insegurança, incerteza jurídica e inquietações de toda ordem, para aqueles que ficam com o ônus de um conflito, que pode se estender “*ad aeternum!*”...

LUNO VOLPATO

Professor de Português e Inglês, escritor e poeta. Mestre em Língua Portuguesa pela PUC São Paulo. Presidente do CEPAC – Centro de Poesia e Artes de Campinas. Autor dos livros “Ecos de Meu Caminho” Ed. Alínea e “Pedras Pétales e Palavras”. Ed. Komedi, 2004. Membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira nº 11

SEGUNDA INFÂNCIA



*G*eraldo Affonso Muzzi

Vamos caçar com as crianças
Os monstros atrás das cortinas
E com revolver de pau
O horrendo lobo-mau.

Vamos olhar com as crianças
As lágrimas de Deus
Pregando por sobre os vidros
Molhando os olhos teus
E vestidos de “cowboys”
Fazer justiça primária
A todos possíveis bandidos
Que não vejo mas que mato

Vamos amar com as crianças
Os cães, os gatos, os pardais,
Até mesmo os outros homens
Vamos crer em papai noel
Brincar de médico, de hospital,
Onde todas operações
Salvam o paciente afinal.

Espiemos as árvores com as crianças
Que ora são árvores, ora vilões
Às vezes são casa, em outras leões

Olhemos o sol que renasce de fato
Sintamos da noite o medo infantil
Mergulhemos na inocência
Queimemos o rabo de um gato
Na adorável maldade da infância

Deixemos de lado os adultos
Em seu mundo desdenhosos
Negando a verdade evidente
Da perda da inocência
O mundo se torna cruel
Nos transforma em animais
Céticos e mal-humorados
Crus, enfermiços, banais.

GERALDO AFFONSO MUZZI

Graduado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, diplomata, escritor, poeta, poliglota, amante da literatura, autor de inúmeros livros. Concursado do Instituto Rio Branco, Itamaraty, MRE (1969-70), tendo servido como Diplomata no MRE (1971-2009) em Brasília (1971-74), Moscou (1974-76), Estocolmo (1976-79), Lima (1979-82), Brasília (1983-85), São Francisco, Califórnia (1985-89), Brasília (1989-91), Munique (1992-94), Lagos (1995-1999), Cotonou (1996-99), Kuala Lumpur (1999-2002), Sultanato do Brunei (1999-2002) e Nagoya (2006-2009), em missões longas, como Secretário de Embaixadas, Embaixador e Cônsul-Geral. Membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 6. e-mail: mgmuzzi@terra.com.br

NOSSA LÍNGUA NO MUNDO



Agostinho Toffoli Tavolaro

Preocupação sempre frequente nas Academias de Letras é a difusão de nossa cultura pelo mundo, em especial pelo nosso idioma, última flor do Lácio, hoje não mais inculta mas sempre bela.

Buscando quantificá-la pelo número de quantos a falam, verificamos que, em números absolutos, é a 9ª. colocada, com 234 milhões de pessoas, sendo a 1ª. a língua inglesa (1, 132 bilhões), seguida em ordem decrescente pelo chinês mandarim, hindi, espanhol, francês, árabe padrão, bengali, russo e finalmente o português (Tesouro Linguístico, 2020).

Como o objetivo de nossa Academia Campinense de Letras - ACL, por sua Diretoria de Relações Internacionais, é ampliar a divulgação de nossas letras e o conhecimento, no exterior de nossa existência, vimos, desde há muito, procurando estabelecer laços de intercâmbio com universidades e escolas de idiomas pelo mundo todo, utilizando-nos para isso, do relacionamento pessoal de nossos acadêmicos com ligações familiares no exterior ou profissionais, por seus cursos ou de seus parentes que ali viveram ou vivem, bem como pelas organizações profissionais de que vários de nós fazemos ou fizemos parte.

Em circunstanciado documento Informa-nos o Ministério das Relações Exteriores por sua Secretaria de Comunidades Brasileiras e Assuntos Consulares e Jurídicos que existem hoje no Brasil 133 embaixadas de países estrangeiros e 59 outros têm representações diplomáticas, e que o número de brasileiros residentes em outros países estima-se em acerca de 5 milhões, em um quadro em que se retrata que 45,6% residem na América do Norte, 33,6% na Europa e 13,3% na América do Sul (Comunidades Brasileiras no Exterior – Ano-base 2023 – julho de 2024). A essas embaixadas vem nosso silogeu

se dirigindo comunicando nosso corpo diretivo para o biênio 2025/2026, e nossos propósitos de intercâmbio cultural, inclusive convite para visita à nossa cidade, como centro principal das iniciativas culturais da Macro- Região de Campinas, contando hoje 4,5 milhões de habitantes.

A presença internacional de nossa casa de saber vem se acentuando desde 2006, quando sucedemos na presidência do eterno Presidente Rubem Costa que sempre nos guiou, consubstanciando-se nos contatos com entidades internacionais e ganhando maior destaque quando passamos a indicar a nomeação de candidatos ao prêmio Nobel de Literatura de escritores brasileiros (inclusive de nossa Academia), impedidos que somos pelo regulamento da Academiã Real da Suécia de individualizá-los ao público, consubstanciando-se seu píncaro com a indicação de nosso Presidente Jorge Alves de Lima para presidir a Comissão Julgadora do Prêmio Máximo de Literatura da Língua Portuguesa o PRÊMIO CAMÕES, de 2021, pela primeira vez outorgando-se esta honrosa incumbência ao Presidente de um sodalício interiorano.

Outrossim, estabelecemos contato com a CPLP – Comunidade dos Países da Língua Portuguesa congregando 9 países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste , e por esta com o seu Instituto Internacional da Língua Portuguesa (sede em Praia, capital de Cabo Verde) , Academia de Ciências de Lisboa, Academia de Letras da Lusofonia, além de instituições de outros países em que se ensine ou pesquise ciências e artes em nossa língua.

De se destacar, desde logo, que essa faina de dinamizar nossas relações internacionais é imprescindível a participação não somente dos nossos acadêmicos, mas também e principalmente de pessoas que tenham laços de parentesco, amizade, ou interesse em divulgar o Brasil e nossa língua, ou que em sua terra natal ou em suas escolas haja interesse no idioma português ao mesmo tempo em também se lhes assegura o conhecimento de sua terra, seus costumes e suas artes.

Nosso plano é o de estimularmos esse relacionamento em todas as ciências e artes, fornecendo e/ou recebendo material que servirá a eles e a nós como material de pesquisa e estudo ou de simples interesse intelectual mesmo recreativo. Nesse sentido, propomos a troca de material que integrará nosso acervo virtual para consulta de interessados no idioma próprio aqui e ali dos interessados, ao mesmo tempo em que lhes enviaremos textos nossos em nosso ou na língua dos destinatários.

Exemplo disto podemos lhes dar desde já sobre o fato de havermos verificado, no Canadá, onde habitam 143.000 brasileiro, a existência de um jornal mensal virtual em português de distribuição gratuita denominado Jornal de Toronto. Como sabemos

disso? Pelo fato de termos ali morando perfeitamente integradas duas sobrinhas, mas que guardam em seus corações e transmitem a seus filhos o amor pelo Brasil. Estamos já entrando em contato com a direção desse jornal propondo o intercâmbio de informações e material, que destinaremos ao acervo digital da ACL ao mesmo tempo em que cuidaremos da publicação na imprensa local, de eventuais textos que nos enviem, já assegurada pela nímia cortesia de nosso Acadêmico Ítalo Hamilton Barioni que além disso irá lhes conceder acesso gratuito à edição virtual de nosso Correio Popular.

Contamos já com a colaboração de nossos acadêmicos para efetivarmos o relacionamento em causa, podendo desde logo citar que já fizemos contatos com nossos Regina Marcia (Portugal), Carlos Cruz e Sergio Castanho (Espanha), Marino Di Tella Ferreira e Pedro Laudionor Goergen (Alemanha), Ademir José da Silva (Moçambique, Angola, África do Sul). Duílio Battistttoni e Geraldo Muzzi (Luxemburgo), Romilda Baldin (Itália) contatos devendo ainda ser feitos com todos os outros Acadêmicos e pessoas interessadas aqui e no exterior.

Por derradeiro, não podemos deixar de mencionar os consulados, vice consulados e cônsules honorários existentes em nossa cidade, enumerados pela nossa Prefeitura (Chile, Reino Unido, Espanha, Itália, Portugal, Bélgica, França), as 18 cidades irmãs no exterior e as representações não consulares aqui existentes (sites das Secretarias Municipais de Desenvolvimento Econômico, Desenvolvimento e Educação e Secretaria de Cultura e Turismo).

O programa de trabalho exigirá dedicação e estudo da literatura dos países, de seus feitos nas áreas de conhecimento humano a fim de que possamos colocarmo-nos em posição de interlocutores de suas entidades. Demandará trabalho, esforço e dedicação, coisa que aos nossos Acadêmicos não causa espanto. É um trabalho que se perpetuará nos tempos vindouros, elevando o nome de Campinas, de sua Academia Campinense de Letras como marco indelével de nossa pujança cultural.

E esse programa de trabalho não deixa ainda de ser gratificante, proporcionando a pesquisa surpresas tal qual o fato do que meu ocorreu pessoalmente na ÍNDIA , quando proferindo palestras sobre direito tributário internacional, fomos contatados por habitantes de Damão e Diú, exprimindo-se em português, vez que essas cidades faziam parte do Estado Português da Índia, até sua invasão pelas tropas indianas na segunda metade do século passado (1700), quando então Damão passou a ser a capital do território de Dradá, Nagar- Aveli , Damão e Diu.

AGOSTINHO TOFFOLI TAVOLARO

Acadêmico ACL – Academia Campinense de Letras, titular da Cadeira de número 40 e seu Presidente 2007/2017. Advogado. Professor de Direito. Historiador. Vice-Presidente da IFA - International Fiscal Association - Holanda (1983-1985); Presidente do ILADT – Instituto Latino Americano de Direito Tributário - Uruguai (1987-1988); Presidente de Honra da ABDF- Associação Brasileira de Direito Tributário Rio de Janeiro e da Câmara Americana de Comercio de Campinas. Membro das: Academia Brasileira de Direito Tributário, Academia Paulista das Letras Jurídicas, Academia Paulista de Direito do Trabalho, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Academia Paulista de História, Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas. E-mail:attavolaro@gmail.com

NO TRILHO DAS LEMBRANÇAS



Gustavo Mazzola

Vamos dar um passeio de bonde? Voltar aos dourados anos 50, quando, da janela na sua traseira, a “cozinha”, acompanhávamos a sinuosidade dos trilhos que iam ficando para trás ao longo das ruas.

Comecemos a nossa viagem: todos os dias, lá pelas quinze para a uma, ele vinha “voando” pela Saldanha Marinho. Ao meu sinal, parava bem em frente de casa, emitindo ruídos estranhos e, inevitavelmente, interferindo na recepção da nossa televisão. Era, o Bonde Botafogo-9, minha condução ao centro da cidade, naqueles anos, para chegar ao cursinho preparatório para o ginásio.

Após o “tim tim” do cobrador, recomeçava seu trajeto pelo bairro: virava na Hércules Florence para pegar a Culto à Ciência, passando logo em frente ao grande ginásio. O Culto à Ciência, então o mais completo e rigoroso estabelecimento de ensino do Estado, era um colégio em que os meninos quase não se encontravam com as meninas (os portões de entrada eram separados), e onde todos nós iríamos descobrir, logo após aprovados no seu Exame de Admissão, que teríamos que frequentar as aulas de paletó e gravata e ficar em pé cada vez que o mestre entrasse na sala de aula.

Mas o 9 seguia até o fim da rua, virava, à esquerda, na Barão de Itapura e, em seguida, pegava a Andrade Neves. Era quando passava em frente à Maternidade. Desde 1913, ela se instalava nesse lugar num grande prédio de um só andar, só se mudando em 1965 para o começo da Orosimbo Maia. Depois, ali passou funcionar a Rodoviária. Hoje ergue-se, no local, o grande hospital São Luís, da Rede D’Or.

Sua próxima referência importante no trajeto era a Cadeia Pública, com suas celas de grades voltadas para a avenida. Durante o trajeto naquele trecho, os presos acenavam as mãos para os transeuntes, assustando todos lá fora. Do outro lado da avenida, os fundos da Beneficência Portuguesa.

Em seguida, de um lado, já se via o Grupo Escolar Orosimbo Maia e, do lado oposto, dois quarteirões acima, a Cervejaria Colúmbia, que na década de 50 produzia a popularíssima cervejinha Mossoró, “preta, boa e gostosa”. Na esquina com a Dr. Ricardo, o 9 passava em frente à norte-americana Lindgerwood, ali desde o final do século 19. Anos depois, o local integrou-se ao Museu da Cidade.

Sua última grande parada, antes de começar a descer a 13 de Maio, era a estação ferroviária da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, de onde partiam os trens para São Paulo - e para o “interior!”, como expressava ostensivamente uma placa na sua gare de grandes armações metálicas. Do lado direito do prédio, que parecia (e ainda parece) aqueles brinquedos de tacos de madeira para montar, a gente via estacionado, o vetusto bonde para Cabras, verde de laterais fechadas, com um enorme holofote na parte dianteira.

A descida pela Treze era de arrepiar:

- E se ele perder o freio, rolar enlouquecido pela rua e acabar se afundando, lá embaixo, bem no meio da Glicério?

Mas o bonde ia seguro, passando ao lado do Teatro Municipal, à direita, ainda em pleno apogeu, com suas óperas e concertos magistrais, e também algumas apresentações um tanto insólitas, como “shows” com artistas do Cinema e do Rádio, Ângela Maria, Francisco Alves e Orlando Silva da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A “Prata da Casa” acontecia diariamente, na parte da tarde.

No fim da rua, logo depois de passar ao lado da Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Conceição e do grande largo à sua frente, onde pontificava uma linda estátua de Dom João Nery (até hoje está no local), o Botafogo entrava na Glicério, virando em frente ao requintado Hotel Términus, que, em semana memorável, havia hospedado o astro de Hollywood, Glenn Ford. Sua doceria, a Doceria Términus, junto à portaria, era famosa: ficava bem perto da “Prainha”, reduto dos estudantes que ali faziam ponto depois das aulas. Muitos calouros experimentavam, então, “fazer um programinha” com a Madame Berkel, que não se importava em oferecer seus serviços a quem quer que fosse. Na verdade, esses seus inocentes clientes descobriam na hora do “serviço” que se tratava mesmo de uma boa brincadeira dos veteranos. Era somente uma balança francesa da arca Berkel, instalada numa farmácia próxima: dava para todos... o peso certo.

Depois desse último registro, o Bonde 9 ia chegando ao final de sua viagem: o “Abrigo”, à direita da Igreja Nossa Senhora do Rosário, naquele tempo ainda em frente à praça do mesmo nome. Depois, com a remodelação urbana do centro da cidade, a grande nave católica seria “desmontada” e reerguida no alto do bairro Castelo, na

avenida Francisco José de Camargo Andrade, guardando todas as suas características de construção.

Alguns minutos, e o 9 recomeçava uma nova rodada em direção ao bairro Botafogo: virava em frente à Exposição Clipper, subia a General Osório até em cima, tomando a direita para pegar a Saldanha Marinho.

Enquanto isso, eu já estava correndo para a primeira aula do meu curso preparatório para o ginásio, o “cursinho de Dona Yolanda”, no prédio da Escola Comercial Bento Quirino, em frente ao largo do Carmo.

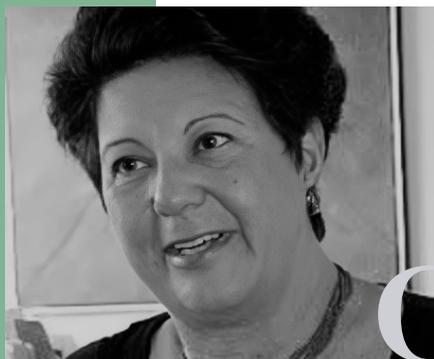
O Exame de Admissão ao Culto à Ciência, com a liderança do professor Francisco Ribeiro Sampaio pedindo análises de “Os Lusíadas” de Camões, não era brincadeira.

E o bonde Botafogo-9? Somente o reencontraria no final da tarde, quando estava de volta para casa.

GUSTAVO MAZZOLA

Jornalista profissional, tendo começado na profissão como redator/repórter do jornal Correio Popular, em Campinas, passando a editar, a partir de 1983, seu suplemento de automóveis Jornal Motor e, a partir de 1990, o suplemento de automóveis do Diário do Povo, Jornal do Automóvel. Foi Assessor de Imprensa da indústria Bosch, em Campinas, com abrangência de atuação nacional, incluindo estágio na Bosch Alemanha. É coautor do livro *Centro de Ciências, Letras e Artes Ano 101* juntamente com o ex-juiz de direito, advogado e literato Luiz Carlos Ribeiro Borges. São de sua autoria também os livros “*Largo São João*”, onde retrata o cotidiano de Avaré (SP) nos anos 50 e 60, e “*Bonde 9*”, com crônicas sobre Campinas nos anos 60 e 70. É formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica, de Campinas e, em Propaganda, pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, de São Paulo. Desde 21 de novembro de 2019, é membro da Academia Campinense de Letras, detentor da Cadeira 14.

SAMBA PAULISTA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA CULTURAL NEGRA, ESTRATEGICAMENTE CONSTRUÍDA EM NOSSO ESTADO.



Olga Rodrigues von Simson

Em investigações anteriores sobre o Carnaval Popular Paulistano¹ havíamos observado que a maioria dos líderes mais idosos das agremiações carnavalescas (Cordões e Escolas de Samba) participantes dos desfiles de Momo na capital do estado, originava de cidades tradicionais do interior paulista, como Piracicaba, Campinas, Rio Claro, Tietê, Capivari. Tatuí, locais onde, ainda como crianças ou adolescentes dançavam várias formas do samba rural: samba de roda, samba lenço, samba de batuque ou samba de umbigada.

Assim o povo negro, recém liberto da escravidão, festejava suas origens africanas. Em algumas cidades a Igreja Católica e os fazendeiros proibiam as danças negras, vistas como libidinosas com fortes referências sexuais. O senhor de escravo e o padre não entendiam que as danças originavam de uma tradição religiosa mais antiga, vivenciada em tribos da África. O povo negro dançava o “semba”² para homenagear a Deusa da Fertilidade, que lhes garantia boas colheitas, bênção de muitos filhos, para ajudá-los nas guerras tribais, nos trabalhos de caça e da agricultura. Por isso, alguns grupos³, até

1 Ver: von Simson, Olga R. de Moraes CARNAVAL EM BRANCO E NEGRO. Ed. UNICAMP, USP, UNESP, Imprensa Oficial, 2007.

2 Semba, palavra de origem africana presente nas línguas de tribos da África Ocidental a significar danças em louvor à Deusa da Fertilidade

3 Em Campinas, há um ponto de cultura de dança afro-brasileira Urucungos, Puitas e Quinjenges, liderado por Alceu Estevan no qual o samba é dançado sem a tradição de chamar o parceiro ao centro da roda, para a umbigada. Pela repressão da Igreja e fazendeiros, o povo negro de Campinas criou a própria tradição de homenagear o bumbo, instrumento que marca o ritmo do samba: os homens fazem reverência e as mulheres jogam a beirada das saias rodadas sobre o bumbo, em delicada homenagem.

hoje, utilizam essa forma para convidar um dos participantes da grande roda para vir ao centro, para dançar a umbigada, um movimento que promove o encontro do ventre dos dois dançarinos, assemelhando-se aos movimentos do ato sexual, na sua essência a constituir uma homenagem à Grande Deusa.

A incompreensão das raízes históricas da dança dos escravos levou os fazendeiros a atitudes de perseguição, obrigando os grupos de escravos a realizarem seus sambas no interior de densas florestas remanescentes em quase todas as fazendas, como espécie de terras em descanso, à espera de futura exploração agrícola. Lá, protegidos pelas enormes árvores da floresta tropical, abriam uma clareira central, geralmente redonda, para suas danças em segurança, longe dos olhares persecutórios do fazendeiro e do padre.

Havia alguns poucos fazendeiros mais flexíveis a compreender a necessidade de divertimento dos seus cativos, encarando tais festividades como forma de acalmar os sentimentos de rebeldia do povo negro. Por isso eles não só deixavam que os escravos dançassem o samba nos terreiros de secagem de café, em seus dias de descanso, como também assistiam a tais *performances*, postados à janela do segundo andar da casa assobradada ou dos terraços que circundavam as casas-sede das fazendas⁴. Nesses dias os escravos homenageavam seus santos negros com rezas e com muitas danças, pedindo a São Benedito, Santa Efigênia, Santa Bárbara ou Nossa Senhora da Conceição que os amparassem e os protegessem na vida dura que levavam.

Depois da abolição da escravatura (em 1888) muitos escravos foram obrigados a migrar para cidades maiores em busca de subsistência: os homens trabalhavam como carroceiros, carregadores, estivadores, latoeiros, sapateiros ou pedreiros, se dominassem algum conhecimento artesanal. As mulheres ganhavam a vida como cozinheiras, lavadeiras, faxineiras ou babás.

No processo de migração a partir das fazendas às cidades, eles trouxeram não só as suas poucas tralhas, mas o conhecimento das tradições profano-religiosas e, na capital da província, continuaram a celebrar e festejar os seus santos. Criaram três territórios negros na grande cidade, ao ocupar regiões próximas ao centro, mas que por serem inundáveis nas épocas de chuva ou com ladeiras bastante íngremes que quase impediam utilização como espaços habitacionais, ficaram desocupadas sem valor imobiliário significativo. Foi assim que a Barra Funda, próxima ao Rio Tietê ainda não retificado ou o Bexiga com ladeiras íngremes ou a Baixada do Glicério, que no verão recebiam águas

4 Barão Geraldo de Rezende, fazendeiro campineiro, advindo do Rio de Janeiro, em sua Fazenda Santa Genebra recebeu escravos do Nordeste, Maranhão, Alagoas e Bahia. Permitia o samba nos terreiros de café, nos dias de festa em honra aos santos negros. Como gostasse de assistir às danças dos escravos, convidava amigos para assistirem ao espetáculo nas janelas do casarão

das enchentes do Rio Tamanduateí, se tornaram os territórios negros da cidade, para afrodescendentes e imigrantes italianos pobres.

Portanto, os territórios negros da cidade de São Paulo apresentavam uma maioria de população afrodescendente, onde os cordões e as escolas de samba se desenvolveram, nas festas que as tias negras realizavam nos terreiros das suas casas, em datas importantes do calendário religioso negro, como a Festa de Santa Cruz (no início de maio) a Festa de Santo Antonio (na segunda semana de junho), a Festa do Bom Jesus (no início de agosto), ocasiões em que as danças de origem rural eram lembradas. Nesses espaços, realizaram-se reuniões preparatórias a procissões profanas, de caráter carnavalesco, para se apresentarem no tríduo de Momo, em animados desfiles de cordões e escolas de samba. Partindo desses espaços, os desfiles percorriam o centro velho da cidade e visitavam os salões da raça, onde jovens negros com maior poder aquisitivo, com empregos fixos, realizavam bailes animados nos finais de semana.

Para reconstituir a migração das tradições sambísticas, das suas origens rurais para espaços urbanos mais desenvolvidos, decidimos localizar e entrevistar os líderes mais idosos e os participantes mais ativos dessas danças tradicionais, vivendo em cidades paulistas tradicionais que apresentam grandes contingentes de população afro-paulista, como Campinas e Piracicaba.

Todos os anos, em agosto, desde as últimas décadas do século XIX, os sambadores reúnem-se em Pirapora do Bom Jesus, pequena cidade situada às margens do Tietê, próxima a Santana do Parnaíba, uma espécie de meca religiosa da cultura caipira. No início de agosto, o povo negro buscava o Santuário do Bom Jesus, em Pirapora, para prestar homenagem ao Nosso Senhor em missas, procissões, novenas e trezenas durante o dia, mas também dançando animados sambas à noite, nos barracões cedidos pela Igreja, para se abrigarem durante uma semana. Nessas ocasiões, os numerosos membros integrantes dos grupos de samba rural, de catira ou de cateretê, vindos do interior de São Paulo, de cidades do sul de Minas Gerais ou de pequenas vilas do Norte do Paraná do sul de Mato Grosso, trocavam experiências musicais ou coreográficas. Os afro-paulistanos, afastados do meio rural, habitando a Capital do estado, recarregavam as baterias de tradição sambística, ao conviver com irmãos e primos que vivenciavam a ruralidade em seus locais de origem.

A festa do Senhor Bom Jesus de Pirapora, na primeira metade do século passado, exerceu o papel de fornecer oportunidades aos cordões e escolas de samba paulistanos vivenciarem suas tradições, no que concerne ao samba rural, tendo em vista a origem interiorana do samba de São Paulo, permitindo que grupos do nosso estado mantivessem forte identidade regional, nos sambas e produções carnavalescas. Nos anos de 1930,

1940 e 1950, tanto na capital do estado, como em outras cidades menores, o samba paulista foi perdendo visibilidade, por ser perseguido pela polícia que o encarava como entretenimento de negros que devia ser empurrado às zonas limítrofes das cidades, beirando os espaços rurais de origem. Ficou relegado às periferias, pois as cidades cresciam e deviam se tornar civilizadas. Os sambistas só tinham oportunidade de cantar e dançar suas criações em espaços públicos, no Carnaval ou na parte profana das festividades em honra aos santos negros.

Com o aparecimento da indústria cultural, desenvolvida a partir dos anos 30 e 40 com o rádio, e com a introdução da televisão, a partir dos anos 50 tornou-se culturalmente dominante, e já no final dos anos 60 e na década de 70 do século passado, o samba afro-paulista foi pouco valorizado, quase sem espaço no cenário cultural da cidade de São Paulo, que tendo crescido devido à industrialização, tornou-se o maior centro de serviços do país, voltado à obtenção do lucro e pouco preocupado com as “alegrias de viver”, geradas pelo encontro dos sambistas tradicionais, daqueles que, com origem comum, curtiam criações culturais de raiz. Por obra da indústria cultural, os espaços tradicionais de samba de São Paulo, mantenedores da tradição afro-paulista, passaram a consumir o samba baiano ou carioca, isto é, as últimas criações impostas pela cultura midiática. As criações do samba paulista foram relegadas a segundo nível, pouco reconhecidas e nada valorizadas pelo “mass media”.

Todavia, as agremiações sambísticas, inconformadas em permanecer em posição subserviente, desenvolveram várias estratégias para manter sua memória e tradição vivas. Uma delas foi reconhecer e homenagear os velhos líderes fundadores das agremiações tradicionais do carnaval paulista como a Camisa Verde, o Vai-Vai ou a Nenê de Vila Matilde, encorajando-os a oferecer, no decorrer do ano, oficinas de samba para as gerações mais jovens. Dessa forma, as histórias dos veteranos passaram a fazer parte da vida da agremiação, recontadas pelas crianças e adolescentes em textos, canções, criações carnavalescas a fazer parte das atividades de educação não-formal promovidas nas sedes das escolas e cordões. Assim as lideranças mais importantes, masculinas e femininas, passaram a integrar uma ala de peso fundamental para o sucesso do desfile carnavalesco anual: a Ala da Tradição ou Ala dos Veteranos - um dos requisitos obrigatórios dos desfiles oficiais.

Em pesquisa anterior, para compreender e registrar maneiras diferentes e alternativas de educar crianças e adolescentes, foram verificadas novas formas de ensinar nas quadras das escolas: as oficinas de carnaval, durante o ano, a ensinar crianças e jovens as noções básicas de percussão e o “samba no pé”, ou ainda as bases do artesanato carnavalesco para confecção de instrumentos ou fantasias. Essas experiências educacionais se mostraram relevantes e deveriam atingir todos os educadores, por

mostrar que o ensinar e o aprender podem ser vivenciados, de maneira prazerosa e sedutora, por todos os atores envolvidos, como educadores e educandos. Atestaram a importância de trabalhar com elementos fundamentais da construção identitária do educando que, nessa trajetória, pode viver forte processo de empoderamento.

Realizadas pelos membros da Ala dos Veteranos nas sedes das escolas ou dos cordões, as oficinas aconteciam no período em que as crianças não estavam na escola e iniciavam as novas gerações nas artes do samba, nos elementos fundamentais da tradição sambística, evitando serem cooptados, em tenra idade, por outras formas de produção musical ou de evolução coreográfica, de origem alienígena e difundidas pelos veículos midiáticos como, por exemplo, o reggae, o funk e o rap.

Alguns líderes mais conscientes esclareceram que tais oficinas de samba tinham vários objetivos: formar novos membros para a agremiação; formar jovens membros com clara consciência da origem sociocultural do seu povo; capacitar membros a integrarem os desfiles carnavalescos, não apenas para se divertir, mas para difundir os princípios da causa integradora negra; formar membros capazes de representar o samba de São Paulo, não somente no período carnavalesco, mas em apresentações culturais realizadas ao longo do ano na capital e locais onde a agremiação era chamada a se apresentar.

Nas últimas décadas, observa-se que o samba, carioca, baiano ou paulista, conquistou uma força maior passando a fazer parte das atividades de lazer de grupos de jovens oriundos das classes médias e das universidades. Analisando mais detalhadamente essa tendência detectamos algumas razões interessantes dessa mudança: maior nível educacional dos jovens de origem afro-brasileira que, em grandes números chegam à universidade e lá, em contato com associações militantes que divulgam a causa étnica como, por exemplo, o M.N.U. (Movimento Negro Unificado) cujo discurso dialoga com as histórias dos líderes veteranos das escolas de samba, o que os faz aceitar e compreender a cultura familiar, vivendo-a mais intensamente; o aparecimento de organizações comunitárias nas zonas periféricas das cidades maiores a promover encontros musicais quinzenais, geralmente nos finais de semana. Tais encontros, as Rodas de Samba, são organizados para os participantes conhecerem e cantarem sambas tradicionais, e divulgarem composições mais recentes de seus próprios membros, desenvolvidas na lógica da tradição.

Dessa maneira, os jovens têm encontrado espaços para trocar seus conhecimentos sobre a realidade afro-paulista e brasileira, seja com as lideranças mais velhas em tais reuniões, seja com jovens provenientes de outras regiões da cidade que por abrigarem grandes contingentes de população negra, também praticam a arte de sambar. O Samba da Vela, em Santo Amaro, o Grupo de Samba de São Mateus, em São Paulo e Grupo

Cupinzeiro atuante em Campinas e recentemente em São Carlos, são exemplos, entre outros, desse movimento que vem surgindo em nosso estado.

O apoio governamental ou empresarial para instituições culturais que apresenta forte envolvimento com a cultura afro-paulista, pela concessão de verbas para produções culturais como shows, gravações, melhora a divulgação e atrai a participação entusiástica de universitários de classe média que, mesmo sem possuírem clara origem afro-paulista, encaram o samba como manifestação cultural nacional, cujo consumo não se restringe a colegas afro.

A pesquisa revelou crianças e adolescentes de origem afro-paulista, moradores do bairro África em Piracicaba, que haviam aprendido a dançar o samba de roda ou o samba de umbigada com seus avós ou tios-avós em reuniões festivas familiares e dedicavam-se a ensinar aos colegas de escola a dançarem estas modalidades paulistas de samba, durante as oficinas de Danças Tradicionais Brasileiras. Orgulhavam-se ao transmitir aos coleguinhas, com suas vozes e movimentos corporais, a saga cultural dos seus ancestrais⁵. Pode-se dizer que há um movimento cultural, perpassando vários níveis da sociedade paulista, a permitir que o samba vá se tornando parte integrante da memória coletiva dessa sociedade, deixando de ser apenas a expressão de uma memória subterrânea ou marginal, restrita a grupos discriminados.

Mas, se o samba vai se tornando socialmente reconhecido, ensinado nas escolas públicas para crianças e adolescentes, ele vai, nesse processo, perdendo uma das suas funções mais importantes: a de permitir ao sambista de origem popular, afirmar-se etnicamente, pela prática sambística. O samba não será uma estratégia à construção da diferenciação sociocultural, passando a constituir um bem comum a toda sociedade brasileira, uma conquista há muito ansiada pela comunidade negra e agora finalmente, aos poucos, efetivada. Que essa tendência seja um indicativo forte de que, em futuro próximo, a diferença cultural deixará de ser sinônima de desigualdade social.

5 Pesquisa realizada em Piracicaba, com escolas do bairro África onde o samba de batuque é ensinado pelas crianças a colegas de outras escolas públicas da cidade. Doutorado de Claudete de Souza Nogueira, pela FE da UNICAMP, 2008, orientação de Olga Von Simson.

REFERÊNCIAS

- ALVISI, Lilian de Cássia *Memória como estratégia de resistência política*. 2007, Doutorado, FE/UNICAMP
- NOGUEIRA, Claudete de Souza *Batuque e resistência cultural de famílias negras paulistas*. 2008, Doutorado, FE/UNICAMP
- SOUZA, Eduardo C. *Samba de roda e Roda de Samba: cultura popular, resistência étnico-cultural e educação não-formal*. 2006. Mestrado FE/UNICAMP
- VON SIMSON, Olga R. de Moraes *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas, CMU/UNICAMP, 1997, 361p
- VON SIMSON, Olga R. de Moraes, Park, Margareth & Fernandes, Renata S. (org) *Educação Não-Formal: cenários da criação*. Ed. da UNICAMP, 2001,
- VON SIMSON, Olga R. de Moraes *Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento*. In REVISTA ACADÊMICA vol. 1, no.6, 2003, pág. 14 a 18
- VON SIMSON, Olga R. de Moraes *Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano (1914 – 1988)* Campinas, Eds. da UNICAMP, USP, Imprensa Oficial, 2005, 250p

OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON

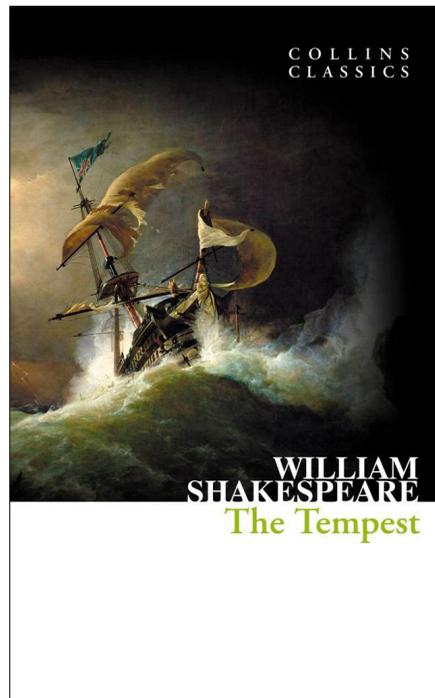
Graduação em Ciências Sociais pela USP(1965), mestrado e doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela USP, e pós-doutorado pela Universidade de Tübingen - Geographisches Institut na Alemanha(1993). Professora na FE/UNICAMP, referência em Metodologia da História Oral e experiência na área de Antropologia. Ex- diretora do CMU. Membro titular da Academia Campinense de Letras, Cadeira no. 32. e-mail: osimson@uol.com.br

A TEMPESTADE



W Walter Vieira

Adeus é uma palavra que soa como lá menor na clave de sol, um lamento. E assim em outras línguas - **Adieu, Adió, Arrivederte, Farewell**, ouvimos **Adió Pampa Mia, Arrivederte Roma, Il faut se dire adieu**, bela gravação de Roberto Carlos, ou então, lemos **Farewell to the Highlands**, do poeta escocês Roberto Burns que escreveu a letra da tradicional canção escocesa **Aud Lang Syne**, a melodia da nossa Valsa da Despedida. Isso me foi suscitado pelo estudo da última peça que Shakespeare escreveu por volta de 1611/12, **The Tempest**.



Nessa fase de sua vida o poeta estava voltando para casa, para a família em sua terra natal Stratford, praticamente esgotado depois de longa carreira em Londres onde trabalhou exaustivamente como escritor, ator e coproprietário do Teatro Globo com 10% do empreendimento. Essa peça é, segundo biógrafos, a única obra inteiramente de sua criatividade. É a peça mais curta que escreveu, pouco menos da metade de Hamlet, uma das mais longas. Composta com 5 atos 9 cenas, é considerada também a mais bem organizada de todas. Dentre todas as cenas, destaco a abertura que pega a plateia desprevenida com trovadas e relâmpagos de uma pesada tempestade no mar, e o epílogo, que soa como a despedida de Shakespeare de sua carreira como teatrólogo. A Tempestade é como um testamento em que o autor, que sempre foi muito reservado e discreto, dá a entender o que foi toda sua vida e trabalho literário.

Trabalho de mais de 20 anos em que escreveu 34 peças teatrais, históricas, comédias, tragédias e dramas, além de 154 sonetos e dois poemas narrativos, “**Vênus e Adonis**” e “**O rapto de Lucrecia**”, estes escritos quando os teatros de Londres foram fechados por dois anos devido à volta da peste negra. Essa produção literária de Shakespeare é considerada pelos **scholars** quase um fenômeno devido à criatividade e velocidade com que o poeta produzia. Bastaria dizer que de 1599 ao começo de 1607, em sete anos, Shakespeare escreveu 14 peças teatrais de alto nível, inclusive as tragédias **Hamlet** e **King Lear**.

Ao encerrar a carreira com “A Tempestade” Shakespeare só participou como coautor de três peças de teatro : **Thomas Morus, Cardenio** e **All Is True**. A primeira parece que nunca foi apresentada, dela só se conhecem algumas passagens e interessante é que num dos capítulos se vê correção de mão própria de Shakespeare onde risca e substitui **and** por **with** para aclarar uma frase. Cardenio é uma história contada por Cervantes no Don Quixote, Shakespeare escreveu sua peça inspirado nessa história em coautoria com John Fletcher que despontava como dramaturgo.

Shakespeare certamente conhecia Don Quixote cuja primeira parte foi traduzida para o Inglês por Thomas Shelton, em 1612. Cervantes, 17 anos mais velho, e Shakespeare foram contemporâneos, porém, não há sequer indícios de que em algum momento se encontraram ou se comunicaram. Aqui há duas coincidências, Shakespeare morreu no dia de seu aniversário de 52 anos, 23/4/1616 e Cervantes morreu no mesmo dia, 23/4/1616 de acordo com o calendário gregoriano que a Inglaterra só adotou em 1752.

Encerrando sua carreira em Londres, Shakespeare voltou para sua casa e para sua família, em Stratford. Michael Wood escreve no livro “In Search of Shakespeare” que “A Tempestade” *“represents the journey home, the comforting idea that after all the storms he returns to his garden, (A tempestade representa a viagem para o lar, a reconfortante ideia*

de que depois de todas as tempestades, ele volta ao seu jardim). Há aqui sutil referência à “New Place”, casa que Shakespeare comprou em 1597, por 60 libras, único valor documentado, mas muitos escritores acreditam que foi apenas o pagamento da entrada, pois era a segunda maior casa de Stratford. Havia na “New Place (os ingleses gostam de dar nome às casas) um belo jardim que Shakespeare pouco aproveitava por estar morando em Londres, 160 km de distância com estradas de terra e transporte com diligência puxada por cavalos e a viagem durava em torno de três dias.

“New Place” é hoje local muito visitado por leitores shakespearianos, eu mesmo passei horas nessa visita com Terezinha e Christiane vendo os lindos jardins que não são originais, mas lembram um passado de 400 anos. Em casa o jardim, com as orquídeas, é também parte muito importante da casa e zelosamente cuidado pela Menina do Dedo Verde.

À peça **All is true**, que Shakespeare escreveu como coautor, ele deu um nome inusual, considerando-se o conjunto de obras, mas aqui ele faz uma advertência à plateia deixando claro que o que se passa no palco não é ficção, é tudo verdadeiro. E não por acaso, a peça foi apresentada no mesmo local onde se passaram os fatos históricos. Shakespeare tinha que ser cauteloso, como sempre foi, para não cair em desgraça com os poderosos que exerciam rigorosa censura, pois nenhuma peça podia ser apresentada, ou livro impresso, sem passar pelo censor Master of the Revels.

All is true tem como tema parte da vida de Henrique VIII e seu temido reinado, poderoso e arbitrário, foi o mais repulsivo legislador da Inglaterra. Na peça, ao ser rejeitada por Henrique que anulou seu casamento para se casar com Ana Bolena, Catarina faz uma defesa comovente demonstrando submissão e medo do marido tosco e poderoso, dizendo:

Senhor, eu desejo que me faças o que é de direito e justiça; e me concedas a tua piedade porque eu sou a mais pobre mulher, uma estrangeira nascida fora dos teus domínios não tendo aqui juiz imparcial nem mais garantia de futuro e relacionamento verdadeiro. Ai Senhor, no que eu te ofendi, o que no meu comportamento te causou tanto desgosto que assim procederias para me colocardes de fora e retirar tuas boas graças de mim?

Traduzi com a maior fidelidade possível a extroversão de Shakespeare contra a crueldade de Henrique VIII. No último ato da peça, que não foi registrada como **All is True** certamente por temor, é exibido um bebê que viria a ser a Rainha Elizabeth I, para o estrondoso aplauso da plateia, o que expressa o sentimento sempre frequente nas obras de Shakespeare, a reconciliação final.

REFERÊNCIAS

John Fletcher, 1579/1625

Michael Wood, 1948, "In Search of Shakespeare", BBC Books, 2003

Miguel de Cervantes Saavedra, 1547/1616

Robert Burns, 1759/1796

Thomas Shelton, 1598/1629

SOLITUDE

Walter Vieira

*Se não for hoje ao cair do dia,
Será amanhã quando nascer a lua,
Um champanhe e bolhas de alegria,
Numa homenagem que será só tua.*

*Estarei só, nessa nostalgia,
Com a janela aberta para a rua,
Deserta, silenciosa e vazia
Mas que eu preencho com a imagem tua.*

*O que passou ficou tão diferente,
agora habita a pele e o coração,
um pouco mais suave, mas ardente,*

*Como no tempo feliz da juventude,
Nós de mãos dadas andando pela rua,
Sem suspeitar que a vida é finitude.*



WALTER VIEIRA

Juiz de Direito, escritor, poeta, membro titular da Academia Campinense de Letras - Cadeira 34. Pesquisador em Literatura e História da Literatura. Fotografia https://www.facebook.com/photo?fbid=2766541996695660&set=t.100007859851772&locale=pt_BR. Email : wv-academiacamletras@uol.com.br. Fotografia The Tempest <https://harpercollins.co.uk/products/the-tempest-collins-classics-william-shakespeare?>

O CONCEITO DE DEUS: VISÕES HISTÓRICAS E CONTEMPORÂNEA



Flávio A. Quilici

Este título nos convida a uma ampla diversidade de conceitos e interpretações! A abrangência da compreensão de Deus é essencialmente pessoal, variando substancialmente de um indivíduo a outro, moldada por fatores culturais, espirituais e experienciais.

CONCEITO DE DEUS

Tentar compreender o conceito de Deus poderá ser valioso, por vários motivos, como contribuir para o crescimento pessoal e a consciência cultural, além de enriquecer a vida através do desenvolvimento espiritual. Nos incentiva a explorar profundas questões sobre nossa existência na busca por um significado, um propósito de vida e um lugar no mundo. Neste contexto, temos questões cruciais, como a natureza do bem e do mal, o propósito do sofrimento e o que acontece após a morte, fatos que poderão proporcionar-nos conforto e discernimento em tempos difíceis.

Deus é entendido, comumente, como um ser supremo associado à criação, à moralidade e ao cosmo. Diferentes religiões oferecem vários aspectos sobre a natureza, os atributos e o papel de Deus na vida humana, e em algumas óticas filosóficas veem-no como uma metáfora para a verdade derradeira ou a fonte da existência.

Nas principais religiões monoteístas, a figura divina representa conceitos comuns, como a “aliança”, para o judaísmo; “graça e salvação”, no cristianismo e “orientação e submissão”, no islamismo; embora seja sempre visto como o criador singular, com atributos fundamentais: onipotência – “poder infinito”; onisciência – “saber ilimitado”;

onipresença – “presente em todos os lugares” e onibenevolência – “bondade infinita”. Nas religiões politeístas, onde há vários deuses e deusas, cada um com papéis ou atributos específicos, mas, em geral, comandados por um deles, como Zeus, da mitologia grega. Filosoficamente, alguns veem-no como um ser necessário, base de toda a existência, como uma metáfora para a realidade, outros questionam sua existência, vendo-o como uma concepção agnóstica ou descrente. Na avaliação teológica de Deus, como na Ortodoxia Oriental e certos ramos místicos do Islã e do Cristianismo, é visto como um mistério, propondo que sua essência está além da compreensão humana.

COMO DEFINIR DEUS?

Para muitos, Deus é definido por meio de experiência e relacionamento pessoal, incluindo sentimentos de conexão, orientação ou conforto atribuídos à sua presença divina. Em alguns entendimentos, ele é visto como um símbolo cultural que representa ideais de justiça, amor ou ordem moral do universo, influenciando crenças, origens culturais e experiências pessoais, em um conceito profundamente subjetivo e variado.

Há grande diferença na sua definição entre culturas, crenças, sistemas filosóficos e teológicos, sendo, no entanto, percebido habitualmente como um ser supremo, criador e supervisor do universo. A maneira como Deus é referido nas culturas humanas reflete uma rica tapeçaria de crenças, valores, experiências, e os nomes atribuídos a ele, refletem o contexto cultural em que surgem, estando usualmente associados a elementos naturais, como o sol, lua, água, ou experiências humanas, como amor, guerra, fertilidade, ilustrando a conexão da humanidade com o mundo ao seu redor. Sua caracterização evoluiu ao longo do tempo, influenciada por eventos históricos, intercâmbios culturais e filosóficos, refletindo a busca contínua da humanidade para entendê-lo.

Deus é conhecido por vários nomes e títulos nas diferentes culturas e crenças, carregando significados e conotações únicos. No cristianismo, é chamado de “Pai”, enquanto no Islã é “Alá”, no hinduísmo, onde existem muitas divindades, como Brahma. No aspecto filosófico, Deus é referido em termos mais abstratos, como “o Absoluto”, “o Infinito”, cujas interpretações buscam capturar a essência da divindade além de estruturas religiosas específicas. Nas versões individuais, muitos se relacionam com ele em termos que refletem suas próprias experiências e sentimentos, como “Salvador”, “Guia”, enfatizando a relação com sua fé. Na visão teológica, Deus tem significados diferentes entre as crenças, mas sempre em um relacionamento pessoal com a humanidade.

DEUS NA ANTIGUIDADE

A maioria das civilizações antigas era politeísta, acreditando em um panteão de deuses e deusas, associadas a diferentes aspectos da vida, natureza e experiência humana. A adoração delas envolvia rituais, sacrifícios e oferendas elaboradas para apaziguá-los e buscar seu favorecimento para garantir prosperidade, fertilidade e proteção. Muitas divindades eram usadas para explicar as origens do mundo, a existência humana, os fenômenos naturais e para transmitir lições morais e valores culturais.

Os sumérios, acadianos, babilônicos e assírios adoravam um panteão de deuses que controlavam aspectos do mundo natural e da vida humana, como Anu (céu), Enil (vento) e Inanna (amor e guerra).

Os egípcios tinham um sistema complexo de deuses, cada um associado a elementos específicos da vida e após a morte. Rá, o deus sol, e Osíris, deus da vida após a morte, estavam entre os mais importantes, tendo os faraós como intermediários entre eles e a população.

A mitologia grega é rica em histórias de deuses e deusas que exibiam traços e emoções semelhantes aos humanos, como Zeus, o deus supremo, Hera, deusa da família e da maternidade e Atena, deusa da sabedoria, justiça e arte, todos residentes no Olimpo, de onde agiam na vida humana.

A religião romana, apesar de fortemente influenciada pela mitologia grega, teve suas próprias divindades, como Júpiter, rei dos deuses, Juno, rainha dos deuses e Netuno, deus das águas. Notável saber que os romanos também praticavam o culto aos ancestrais e acreditavam em espíritos.

Na China antiga, as crenças religiosas incluíam o culto aos ancestrais, a reverência às forças naturais, focando sempre a harmonia e o equilíbrio do universo. Na Índia, a religião védica lançou as bases para o hinduísmo, com um panteão de deuses como Indra, deus do céu, Agni, deus do fogo e Varuna, das águas, e conceitos como dharma (virtude, moralidade) e karma (causa e efeito, determinantes das ações pessoais).

Muitas culturas indígenas ao redor do mundo tinham seus próprios entendimentos do divino, vendo-os em elementos naturais como o sol, a lua, os rios e os animais, sempre ligadas à terra e à vida comunitária.

DEUS NA ATUALIDADE

As diversas visões de Deus, em nossos dias, refletem a enorme variedade da espiritualidade humana e as inúmeras maneiras de como veem e interpretam o divino e sua relação com o mundo.

No cristianismo, ele é entendido como um ser pessoal, supremo e amoroso, criador do universo. A doutrina da Trindade descreve-o como um ser em três pessoas: o Pai, o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo, porém nesta trilogia, Deus não está dividido, mas sim, completando-se em cada uma delas. Os cristãos creem na graça de Deus, na salvação pela fé em Jesus e na redenção no final dos tempos.

No Islã, Deus é referido como “Alá” e visto como o único, indivisível e todo-poderoso criador. É misericordioso, compassivo e justo, enfatizando a singularidade de Deus e acreditando que ele revelou sua vontade por Maomé, o profeta.

No judaísmo, Deus, referido como Yahweh (Javé), é visto como um ser singular e transcendente, criador e sustentador do universo. Ele está profundamente envolvido no mundo, com a aliança especial com o povo judeu, cujo relacionamento é feito mediante leis e mandamentos (mitsvot) que orientam o comportamento ético e moral de seu povo.

O hinduísmo apresenta uma compreensão diversificada do divino, sendo Brahma a realidade última, enquanto outras divindades representam diferentes aspectos do divino. O conceito de Deus é tanto pessoal, como na adoração de divindades específicas, quanto impessoal, como na compreensão de Brahma. A religião hinduísta permite que cada indivíduo escolha sua forma de culto, porém todos devam cultuar Brahma.

O budismo não se concentra em um Deus criador como nas religiões teístas, em vez disso, enfatiza o conceito de “saber, iluminação e caminho” para o Nirvana (libertação do ser humano para a felicidade). Nela a pessoa está condenada a reencarnar infinitamente após a morte e passar pelos sofrimentos do mundo material, sendo este o significado do Karma. Quando o espírito atinge o estado de pureza espiritual, ele chega ao fim das reencarnações, e atinge o Nirvana. Na cosmologia budista, existem Devas (seres celestiais) que habitam o universo, local de grande felicidade, porém não são eternos, estando sujeitos à morte e eventual renascimento em reinos inferiores ou superiores.

No sikhismo, Deus é referido como “Waheguru” e entendido como uma presença sem forma, eterna e onipresente. Os sikhs acreditam na singularidade de Deus e enfatizam a devoção, a meditação e a vida verdadeira conforme a vontade de Deus.

No zoroastrismo, Ahura Mazda é o deus supremo, representando a verdade e a luz, em oposição a Angra Mainyu, o espírito do caos e das trevas. Essa visão dualista enfatiza a luta entre o bem e o mal.

O espiritismo e o espiritualismo, têm conceitos muito similares. No espiritismo, Deus é visto como a inteligência suprema e causa de todas as coisas, enfatizando os ensinamentos morais e guiando a humanidade para o progresso e a iluminação. Acredita que os seres humanos são espíritos imortais que passam por uma série de reencarnações,

para seu crescimento espiritual, com Deus fornecendo a estrutura para essa evolução, além de que há comunicação entre os espíritos desencarnados com os encarnados.

O espiritualismo é uma denominação para várias doutrinas religiosas e filosóficas coligadas, cujo fundamento basal está na afirmação da existência do espírito imortal como elemento primordial, que tem autonomia, independência e primazia sobre a matéria (corpo). Nela, Deus é visto como uma força universal, permeando toda a existência, com uma presença abrangente conectando todos os seres vivos. Enfatizam a natureza espiritual da existência e a sua continuidade após a morte física, reforçando a ideia da sua jornada contínua, sendo essa busca de orientação espiritual e conexão com o divino, feita por médiuns ou por meditação.

CONCLUINDO

A pergunta “O que é Deus?” convida a uma ampla gama de interpretações e entendimentos, dependendo de perspectivas culturais, religiosas, filosóficas e pessoais. Sua resposta abrange uma ampla diversidade de crenças, atributos e interpretações que refletem a busca da humanidade por entender o divino e suas implicações para a vida, a moralidade e a existência.

Em sua essência, Deus é visto como um ser supremo ou realidade última, fonte de toda a existência, a qual espero ter resumido neste artigo!

FLÁVIO ANTONIO QUILICI

Vice-presidente e Membro Titular da Academia Campinense de Letras, ACL. Membro Titular da Academia Campineira de Letras e Artes, ACLA. Membro Titular da Academia Cristã de Letras de São Paulo, ACL. Membro Titular do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas. Médico, Mestre e Doutor em Cirurgia pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Professor Titular de Gastroenterologia e Cirurgia Digestiva da FM, PUC Campinas. E-mail: flavioquilici@gmail.com

DASDOR



A Ana Maria Melo Negrão

Nascera no dia de Nossa Senhora das Dores.

O pai queria o nome Dolores,
a mãe preferiu Dasdor.

- Qual é nome da menina?

- Seo tabelião, *Ah, nome da fia? ...É Dasdô... Não! É Dasdor.*

- *Pronto, muié, a certidão que ocê queria... Dasdorrr.*

Fabiana oferecia seios fartos à menina.

Somadas às dores do parto no quarto do sítio
outras dores viriam,
porque tinha nascido “fia muié”.

Dasdor cuidava das galinhas
enchia o balde de água no poço
ficava na boca do fogão de lenha...
serviços de muié...

Um dia, iria se casar... parir...
sentir o corpo se arrebetando
para soltar o filho...
e depois viria outra barriga...
outra barriga... outra barriga.
e o homem dono do corpo da muié.

Fabiana sonhava... pensava...
Dasdor vai estudar...
para ensinar na escola...

Dasdor, de pernas carnudas, crescia.
Casebre de taipa, chão com cheiro de terra,
quarto, cama rústica de casal,
sala que servia para fazer tudo...
rede agarrada em dois troncos de árvore
o banho no rio...

O tempo fluía... e Dasdor crescia...
Aprendia as letras na escolinha bem ali.
Caminhava muito na ida e na volta!
Sonhava
- Fessora, também vou querê ensiná, qui nem ocê...

E crescia. Encorpava. Sentava-se de qualquer jeito,
deixando entrever as coxas grossas
que guardavam a gruta.
O pai sentia o corpo arrepiar ao ver Dasdor.

Floresciam os brotos mamários
querendo furar o vestido,

Tentou rezar... mas seu corpo não se acalmava...
queria o corpo da filha...
olhava... olhava... desejava.
Não rezou mais... a reza de nada valeu...
não diminuiu a ardência.

O pai não foi roçar o plantio,
ficou na rede.
Dasdor voltava da escola,
a balançar a sacola de pano.

- *Vem cá, fia! Deita cum pai!*
- *Vem descansá um poquinho!*

Dasdor acomodou-se como fazia desde pequenina.
O pai corria as mãos pelos bicos das mamas...
Dasdor sentiu algo duro
a encostar nas suas coxas...
mas não entendia o que era...
ela suave...
o pai suave...
transpirava muito.

- *Vamo, fia... tá calor! Vamo no riacho,*
- *Dasdô! Vamo se refrescá!*



Na sombra das árvores, o pai deitou no chão de folhas
e puxou Dasdor...

encontrou o caminho da gruta até o fim da senda.

Dasdor não gritou, não chorou...

Teve Medo? Sofreu dor?

- *Vamo, fia, vamo nos lavá, vamos nos refrescá?*

- *Depois vamo voltá... sua mãe espera... com a mandioca cozida.*

Fabiana, com os braços apoiados na meia porta fechada,
olhava pai e filha se aproximando.

Todos comeram mandioca...

Dasdor vivia a dormir sobre o caderno surrado.

Passado um mês, o sangue não desceu.

O vestido apertava o corpo,
a carne seca enjoava a boca...

Dia de sol.

Dasdor dobrada sobre o corpo encolhido, gritou;

- *Mãe, vou morrer... tem alguma coisa em mim
que não quer sair!*

- *Mãe, vou morrer... essa coisa dentro de mim...*

- *mãe... mãe... mãe... está escorrendo água!*

Dasdor se contorcia... piorava...

já sem força, saltou o bebê

com o sussurro: - *vou morrer... vou morrer...*

o sangue jorrava... sangue... sangue...
o pai mudo... com o bebê nas mãos... uma menina.
Os lábios de Dasdor arroxearam...
coração já não batia.
Fabiana coloca Dasdor sem vida naquela mesma rede.

O pai apenas diz: - *o nome da menina será Dolores.*
Fabiana só falou: - Ela queria ser professora...

ANA MARIA MELO NEGRÃO

Professora, advogada, escritora e pesquisadora. Graduada em Letras Anglo-Germânicas e Ciência Jurídicas pela PUC – Campinas. Doutorado em Educação pela UNICAMP. Dedicou-se à docência superior em Linguística e Direito Civil na PUC – Campinas e no UNISAL, onde criou o Curso de Direito em Campinas. Avaliadora de cursos de Letras e de Direito no MEC. Autora de oito livros e de inúmeros artigos em Congressos nacionais e internacionais e em jornais. Membro. Titular do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas – Cadeira 30 e da Academia Campinense de Letras – Cadeira 8. E-mail: anamarianegrao@me.com

MISTÉRIOS



Ítalo Hamilton Barioni

Estacionei o carro naqueles típicos pisos franceses e italianos. Não é asfalto. É uma massa branca entre alvas pedras trituradas e areia. Suponho. Não sei se é verdade. Nunca pesquisei esse piso. Por falta de tempo. E não buscarei agora a resposta, pois tenho algo muito mais importante a relatar.

Éramos três. Minha filha mais velha, a Priscila e a mais nova, Eugênia. Estávamos em Marselha. A Priscila havia sido designada pela área competente da Unicamp, onde obteve seu P.h.D., a uma representação na cidade francesa sobre o distúrbio da epilepsia. Minha filha mais nova, Eugênia idealizou como promotora acompanharmos a Priscila nesse evento. Sim, transformamos uma simples viagem à França em um evento. Enquanto eu e Eugênia desfrutávamos dos sabores e perfumes da Provence, a Priscila comparecia a seus compromissos. Até que um dia ela obteve uma pausa.

Sáímos a explorar Marselha. E juntos voltamos agora, naquele momento, saindo do carro alugado, pisando no misterioso piso acima descrito e desconhecido.

Éramos pequenos, muito, diante da majestosa Catedral de Marselha. Ela está no mais alto ponto da cidade. Sua torre ostenta acima de toda cidade, a maravilhosa imagem de Nossa Senhora dourada, magnífica, divina, única, soberana. Seus cabelos de Rainha se estendem muito além dos ombros, deitando-lhe sobre as costas, lá do alto, inatingível, onde só uma Mãe verdadeira pode olhar pelos seus modestos e pobres filhos.

A Catedral, internamente ao contrário da torre de Nossa Senhora, não exprime esplendor. O que ela contém, no entanto, é repleta de surpresas. Andando um pouco adiante de minhas filhas, me deparo e paro literalmente. Olho estagnado, pasmo, inculto e feio, e um mar de ignorância me povoa. Tento ir mais além do meu francês parco. Acho um folheto lá mesmo no pé da capela com traduções em inglês, espanhol e italiano. Leio e comprovo meu estarecimento. Estou diante da imagem de São Lázaro em uma capela

dentro da Igreja. Sim, Lázaro aquele que Jesus ressuscitou. Entro. Me atrevo a tudo. Lá encontrei os ossos de Lázaro, o Ressuscitado. De suas irmãs Marta e Maria também. É algo que fulmina meu coração.



Ossos de São Lázaro

Transmito às minhas filhas que não absorvem com a mesma magnitude tamanha grandeza. Continuo minha pesquisa imediata e local. Lazaro, o ressuscitado por Cristo, milionário, a partir das perseguições aos Cristãos foge de Betânia, com suas irmãs, em um barco grande com empregados. Chegam a Marselha. Com auxílio dos empregados, das suas irmãs, de sua fortuna, funda a Igreja de Cristo. Se transforma no primeiro Bispo de Marselha. Eu estou ali com minhas filhas, sem compreender nada, mas ansioso por tudo. Perturbado, sabendo que a vida tem menos respostas às nossas ansiosas perguntas.

Estou diante dos ossos de um Ressuscitado. O próprio Lázaro que Jesus disse diante de sua tumba: “vem para fora”. Ele agora está ali diante de mim. Assumido da morte definitiva. Tudo é mistério. Lá fora Nossa Senhora está imperando sobre Marselha, sobre o Mundo e nós cremos e mas eu entendendo pouco desses Mistérios

ÍTALO HAMILTON BARIONI

Jornalista, escritor, cronista, presidente executivo do jornal Correio Popular. Iniciou sua carreira como tipógrafo. Inspirado pelo escritor, Ítalo Calvino, passou a escrever uma série de crônicas e artigos sobre filmes clássicos, o que o levou ao jornalismo. Membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 28.

O PRIMEIRO ROOSEVELT



Germano Denisale Ferreira Junior

Ao meio-dia do dia 14 de setembro de 1901, um trem especial chegou a estação ferroviária de Buffalo, estado de Nova York. Entre os poucos passageiros, destacava-se um homem corpulento, sujo, com barba por fazer e munido de equipamentos para a prática de alpinismo.

O aventureiro de olhos turvos era nada menos que o Vice-Presidente dos Estados Unidos da América, Theodore Roosevelt Junior.

Ele foi localizado nas montanhas e levado para Buffalo, onde o então Presidente William McKinley havia morrido algumas horas antes, vítima de um atentado sofrido enquanto visitava a Exposição Pan-americana que acontecia naquela cidade. Vestindo um terno emprestado, Roosevelt tomou posse como o vigésimo sexto e mais jovem presidente dos E.U.A.

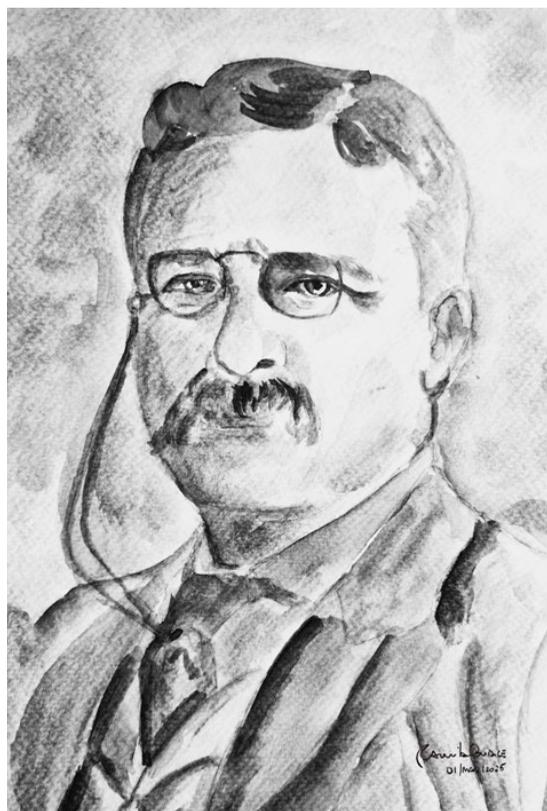
O país onde cresceu o filho de uma família rica, nascido em 27 de outubro de 1858, vivia um enorme “boom” econômico desde o fim da sangrenta Guerra de Secessão. A sua industrialização desenfreada, no entanto, revelava cada vez mais problemas sociais; muitas pessoas sofriam com condições precárias no ambiente de trabalho, geralmente insalubres e sem qualquer tipo de segurança.

Por volta de 1890 deflagraram-se pelos EUA movimentos de cunho reformistas que, sob a denominação de “Movimentos Progressistas”, dispensavam especial atenção para a proteção ambiental e melhores condições de trabalhos aos operários estadunidenses. Um dos mentores deste movimento na América foi o republicano Theodore Roosevelt, que se tornou o primeiro “progressista” a entrar na Casa Branca.

A América, por volta de 1900, era um país de dinamismo sem paradigmas. Os primeiros arranha-céus foram construídos em metrópoles como Nova York, Chicago

e Filadélfia, sua população já ultrapassava os 80 milhões de habitantes e os fornos siderúrgicos de Pittsburgh já produziam mais aço que Grã-Bretanha e Alemanha juntas.

Nesse contexto, ninguém representou melhor essa jovem nação do que o Presidente “Ted” Roosevelt que, em 1901, aos 42 anos, estava à frente do país que já detinha o maior PIB – Produto Interno Bruto – do mundo.



Theodore Roosevelt

O republicano Roosevelt foi um político, paradoxalmente, moderno e conservador, que prometeu aos seus compatriotas segurança e prosperidade em tempos de rápidas mudanças. Dizia que: “Os bons e velhos princípios da honra, decência, integridade e bom senso devem aplicar-se a todos. Devemos garantir que todos em nosso país tenham uma chance real de prosperar”.

Seu programa de governo visava domar o capitalismo desenfreado. Reforçou o controle sobre grandes empresas e bancos monopolistas, também interveio em disputas salariais entre patrões e trabalhadores.; retirou da exploração comercial monumentos naturais insubstituíveis com o “Grand Canyon”, expandindo sobremaneira o número reservas naturais e parques nacionais.

Em 1904, Roosevelt se reelegeu de forma triunfante e foi empossado para um segundo mandato. A popularidade de “Ted Roosevelt” se fiava menos em seu talento político e retórico do que na sua personalidade carismática, versátil e para muitos fascinante.

Quando menino, míope e asmático, foi educado em casa por professores particulares, recebendo, inclusive, aulas de boxe, devido ao fato de ser frequentemente molestado por outras crianças.

Ao longo de sua vida, esportes como o boxe, a equitação e o futebol americano continuaram a moldar sua personalidade de durão, sempre afirmando que: “ Todo homem pode, se quiser, treinar-se na medida necessária para tornar-se um decente cavalheiro e cavaleiro”.

Depois de se formar em direito em Harvard, Roosevelt viveu por alguns anos como vaqueiro em Dakota do Norte, que mais tarde tornou-se um argumento de “venda” único e muito útil dentro da classe política – a do Presidente “cowboy”.

No entanto, o aristocrata pai de três filhos alcançou popularidade nacional em 1898, quando, após a declaração de guerra à Espanha, renunciou ao cargo de Vice-Secretário da Marinha para criar um regimento voluntário, os “Rough Riders”, composto por ousados vaqueiros e cavaleiros esportivos, os quais, comissionado na patente de Coronel do Exército, liderou durante a Guerra Hispano –Americana.

A Guerra Hispano-Americana foi um conflito travado em 1898 entre a Espanha e os Estados Unidos, fruto da intervenção norte-americana no processo de independência de Cuba.

Apesar de ter sido considerado por muitos um político rude e agressivo, enquanto presidente prosseguiu com uma política externa prudente e inteligente, fiel ao seu famoso lema: “Fale calmamente e carregue um grande porrete - Então você irá longe!”

Nesse contexto de projeção dos Estados Unidos como potência mundial, não só econômica, como também militar, Roosevelt usou como sua “garota propaganda” a Grande Frota Branca; um grupo de dezesseis modernos e poderosos navios da marinha de guerra que, escoltados por outras dezenas de embarcações auxiliares, navegaram ao redor do mundo entre 1907 e 1909. Aportando em vários países amigos, a esquadra recebeu o apelido de “Frota Branca” devido a pintura dos cascos dos navios. Pode-se afirmar que esta foi a primeira grande demonstração que, tal como o Reino Unido, os Estados Unidos já possuíam condições de projetar seu poder militar em qualquer parte do mundo.

Theodore Roosevelt recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1906 por seu importante papel como mediador na Guerra entre a Rússia e o Japão, e na Primeira Crise Marroquina. Em 1908, na velha tradição de George Washington, decidiu não concorrer a um terceiro mandato, o que então não era vedado pela Constituição estadunidense da época, mas, em 1912, entrou de cabeça na disputa presidencial pelo recém-fundado Partido Progressista.

Roosevelt foi derrotado pelo candidato democrata Woodrow Wilson; sem o terceiro mandato na Casa Branca, também lhe foi negado o pedido de regresso aos campos de batalhas, desta vez à frente de uma força voluntária que aspirava comandar com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra. O astuto Wilson não queira dar esse trunfo ao seu oponente político, qual seja a possibilidade de o conflito mundial transformar o velho vaqueiro em um mítico general herói de guerra. Na história estadunidense, muitos Generais se tornaram Presidentes, mas nenhum presidente fez o caminho inverso.

Neste conflito, o filho caçula de Roosevelt, Quentin, 2º Tenente do Serviço Aéreo do Exército Americano na França, foi mortalmente abatido atrás das linhas alemãs em 14 de julho de 1918. Roosevelt nunca se recuperou totalmente desta perda. Em 6 de janeiro de 1919, Theodore Roosevelt morreu em casa em Oyster Bay, Long Island, Nova York enquanto dormia, vitimado de embolia pulmonar.

Roosevelt tinha somente sessenta anos e muitos planos por concretizar.

Penso que a mais emblemática homenagem a este grande líder foi a perpetuação de sua imagem na colossal escultura realizada no Monte Rushmore, em Dakota do Sul. Ladeado pelos rostos de George Washington, Thomas Jefferson e Abraham Lincoln, a figura de Roosevelt representa, naquele conjunto, o “Desenvolvimento” da grande nação estadunidense.

Não resta dúvida que Ted, o “primeiro Roosevelt” – o segundo seria seu primo distante e também presidente Franklin Delano - foi o governante que definitivamente consolidou a hegemonia de seu país como a maior potência econômica do mundo.

REFERÊNCIAS

BUSH, George Herbert Walker, Comentários na Cerimônia de Dedicação do Memorial Nacional do Monte Rushmore em Dakota do Sul, 25.7.1991. <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/remarks-the-dedication-ceremony-the-mount-rushmore-national-memorial-south-dakota>

ROOSEVELT, Theodore - “An Autobiography”, Editora Charles Scribner’s Son – 1924. <https://www.theodoreroosevelt.org/>

GERMANO DENISALE FERREIRA JUNIOR

Graduado em Direito pela Universidade Paulista - *campus* Vitale, advogado, com especialização *Lato sensu* em Direito Público pela Faculdade de Direito Damásio de Jesus e em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade de São Paulo. Escritor e membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 29. (fotografia arquivo pessoal). E-mail: germanodenisale@yahoo.com.br

CONVERSA COM OS LEITORES



Maria Cristina de Oliveira

Ao receber o convite para escrever nesta revista Phoenix Campinense fiquei pensando o que iria publicar. Por ser a minha primeira publicação neste poderoso instrumento de comunicação da ACL, fiquei bem receosa. Então, após várias sentadas em frente a tela do computador e escrevendo e apagando os textos diversas vezes, resolvi fazer o que “eu acho” que sempre fiz bem: desnudar a minha alma e costurar esta conversa utilizando vários ensaios de poesia e prosa de meu *hard disk* literário.

Para começar, me lembrei de um conto que gosto muito e que foi publicado em um jornal local e inspiro-me nele com minhas palavras aliadas às minhas vivências.

FÉRIAS NO SÍTIO

Era um mês de janeiro. Como todos os anos, passávamos as férias na casa dos meus avós, numa pequena cidade no interior do Estado de São Paulo. Sempre íamos após as festas de final de ano e ficávamos lá o mês todo.

Lembro-me que, a expectativa da viagem aliada a ansiedade de vermos os familiares, nos rendia alguns dias de organização da bagagem: “temos que levar esse presente para sua avó”, “não me deixa esquecer de colocar aquela camisa que compramos para o seu avô”, “preciso levar essa toalha que fiz para sua tia”... Alertava minha mãe.

Na época, o meio de comunicação era por carta que, às vezes, demorava mais de meses para chegar ao seu destinatário. Sempre era uma surpresa a data de nossa chegada.

Meu pai normalmente ia com a gente até a rodoviária, mas não viajava conosco porque suas férias nunca coincidiam com as nossas. Lá íamos nós: eu, minha mãe e meu irmão pequeno. Ao terminarmos a primeira etapa da viagem, aproximadamente nove horas depois, pegávamos outro ônibus que nos levava ao sítio. A aventura continuava!

Naquele trecho final da viagem, sempre tínhamos surpresas. Não havia asfalto na estrada vicinal que levava até próximo ao sítio. Quando chovia era lama e não era raro o ônibus atolar nos trechos mais críticos.

Ao descermos do ônibus, ainda era preciso caminhar mais três quilômetros para chegar ao nosso destino. Era uma estrada estreita e íngreme, em grande parte dela, rodeada por plantações, pastos e com vários trechos sombreados pelas árvores, sem lugares para escoamento da água.

O caminho estava praticamente intransitável. Não daria para passar por ela, pois estava muito escorregadia e o pé afundava na lama. Eu sempre conseguia atolar mais que minha mãe e meu irmão. Parecia uma “pata choca” andando naquele lamaçal.

Pegamos um caminho alternativo sugerido por minha mãe: andarmos pelos pastos e plantações. Pronto! Lá estava eu, tendo que passar por cercas de arame farpado. Como não tinha muita habilidade para isso, vivia me enroscando e minha mãe tinha que me socorrer. Sem contar que conseguia atrair para a barra de minha calça jeans, vários tipos de carrapicho. Sinceramente, nunca fui muito boa com essa coisa de andar no meio do mato e na lama.

Toda a dificuldade vivida era recompensada pela alegria de sabermos que estávamos chegando. Ao cruzar a ponte que dava acesso ao local, éramos recebidos pelos cachorros que demonstravam, através de seus rabos abanando, estarem felizes com a nossa presença.

Os contratempos e o cansaço não quebravam a felicidade em estarmos novamente naquele lugar que, para mim, era uma Ilha Grande, não só no nome, mas em toda a beleza natural que a região abrigava.

A “chacrinha”, como dizia minha avó, era rodeada por dois riachos. Aos meus olhos de criança, era o lugar perfeito para as aventuras e estripulias infantis. Várias árvores frutíferas misturavam-se com as espécies nativas. Diferentes tipos de animais, aves... Para completar, uma mata lá no fundo e um lago.

Tudo era mágico e perfeito! A vida simples, rodeada pela natureza exuberante, a comida gostosa de minha avó feita no fogão a lenha, o carinho dos meus tios, as brincadeiras com os meus primos, os “causos” que meu avô contava, transformavam as férias no sítio no período mais esperado do ano.

Quanta saudade dos meus avós que não estão mais entre nós!

Saudosismo à parte, minhas escritas transitam entre diversos gêneros e, assim como eu, não são de um estilo só. Agora vamos de poesia na forma clássica com algumas trovas premiadas em alguns concursos nacionais e internacionais na categoria Novo Trovador e na modalidade Lírica/Filosófica (L/F).

“Amizade não tem preço”
diz o dito popular.
Tem mais valor, esclareço,
que o próprio familiar.
(4º lugar da OMT USA 2020 – tema amizade)

Para ser considerada
como inclusão social,
não pose ser tolerada
qualquer forma desigual.
(3º lugar UBT Curitiba 2020 – tema inclusão social)

Do frevo imaterial,
Olinda, sempre altaneira,
patrimônio cultural
cidade bela e faceira!
(3º lugar UBT Recife 2023 – tema Olinda)

Do nascer à eternidade,
tanta lição aprendida:
ora riso, ora saudade
na viagem de uma vida!
(4º lugar UBT Curitiba 2024 – tema viagem)

No aniversário, a brilhar,
a porta se abre ao calor
de amigos a festejar.
Cada riso é puro amor!
(5º lugar UBT Irati 2024 – tema aniversário)

Na cartilha de uma vida,
Quase tudo está marcado...
O ensino contínuo é a lida.
Um eterno aprendizado!
(Menção especial UBT Itaperuna 2024 – tema cartilha)

A mão balançou o berço
E hoje segura somente
O lenço molhado e o terço...
Lembranças do filho ausente!
(2º lugar UBT Natal 2024 – tema lenço)

Categoria Veterano – Modalidade Humor
O calouro, atrapalhado,
estatela-se no chão.
Lá, com riso amarelado,
diz: parte da exibição!
(9º lugar UBT Viçosa 2024 – tema calouro)



POEMA EM TROVAS

Ensino e pesquisa

A educação e a ciência,
tesouros da humanidade,
deverão compor a essência
da construção da Igualdade.

No futuro da nação,
além de politizado,
urge a conscientização
do cidadão bem formado.

Educação é a couraça
de uma nação soberana
que luta e não se amordaça,
perante a gente tirana!

Desenvolve-se a contento
uma nação quando investe:
educação e fomento.

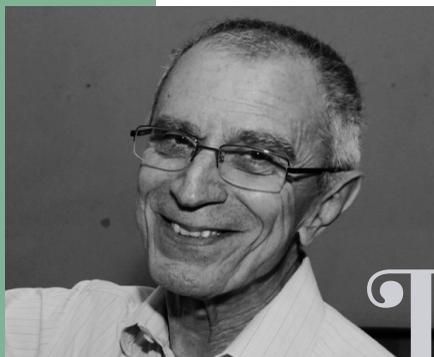
Não há quem isto conteste!

(3º lugar no Prêmio de Trovas, Poesia e Prosa da UBT – Fortaleza e ALJUG, em homenagem a Universidade Federal do Ceará, pelos seus 70 anos de fundação.)

MARIA CRISTINA DE OLIVEIRA

Gestora em Educação aposentada, escritora em prosa e verso, musicista, Vice-presidente Estadual da UBT/SP biênio 2025/2026, membro titular da Academia Campinense de Letras das Forças Armadas - Cadeira 01 e membro titular Academia Campinense de Letras - Cadeira 03. E-mail: mkolliver@outlook.com

COMPRIMIDOS



Luiz Carlos R. Borges

A uma de suas luminosas crônicas nosso amigo Sérgio Castanho atribuiu o título de “Pílulas”, porque abordava assuntos diversos, em breves e precisas pinceladas. Sigo, portanto, em seu alcañço, com estes “Comprimidos”.

JORGE, UM CAMPINEIRO

Outro amigo, Jorge Alves de Lima, nascido no interior do Paraná, veio para Campinas, onde se formou em Direito, e aqui, enamorado da cidade, lançou raízes e se tornou campineiro por adoção. Casou-se, atuou como Procurador na administração municipal e, a partir de determinado momento, deliberou dedicar-se à pesquisa de eventos do passado da urbe. Essas pesquisas afloraram em livros que ajudaram a fixar na memória coletiva fatos e circunstâncias vinculados à epidemia de febre amarela, em fins do século XIX, descrevendo diversos episódios e depoimentos da tragédia e focalizando os seus mártires e os seus heróis. E, também, se voltou para a figura humana e cultural mais célebre da cidade, o compositor Antônio Carlos Gomes, percorrendo numa sucessão de livros sua trajetória e sua obra. Coroando sua própria jornada, elegeu-se Presidente da Academia Campinense de Campinas, onde pôde exercitar ainda mais plenamente o seu amor pela cidade.

O FÊNICO DESPERTAR

O escritor irlandês James Joyce celebrizou-se por seu romance “Ulisses”, publicado em 1922. Nos anos seguintes, empenhou-se na construção de uma obra ficcional ainda mais complexa em sua narrativa e mais radicalmente elaborada em sua composição

literária, “Finnegans Wake” – literalmente, “O Despertar de Finnegan”. Há uma série de explicações para o título: a lembrança do gigante Finn MacCool, extraído da mitologia irlandesa; reminiscência de uma canção popular sobre um certo Tim Finnegan, que morre e em seguida renasce quando lhe cai nos lábios uma gota de uísque. Mas certamente o título também se associa a outra figura mítica, esta da Antiguidade, o prodigioso pássaro Fênix, cuja lenda serviu, em feliz designação, para nomear a Revista da ACL (“Phoenix”). A associação entre a lenda e o livro tem tudo a ver, pois um dos temas do “Finnegans Wake”, talvez o mais significativo, vem a ser exatamente o eterno retorno, o perpétuo reflorescer da humanidade que continuamente se reergue das próprias cinzas.

A MODA DA PINGA DE OFFENBACH

Todos conhecemos “A moda da pinga”, composição de Ochelsis Laureano imortalizada na voz de Inezita Barroso, feita de versos saborosos como estes: “Cada vez que eu caio, caio deferente. Meaçõ pá trás e caio pá frente, caio devagar, caio de repente, vô de corrupio, vô deretamente. Mas sendo de pinga, eu caio contente”.

Jacques Offenbach (1819-1880), compositor francês, mas nascido na Alemanha, também se tornou extremamente popular com suas operetas, na Paris da segunda metade do século XIX, época do imperador Napoleão III. Pois na sua opereta “La Périchole” (1868) introduziu uma ária “bêbada”, em que a protagonista tenta expressar o seu êxtase após ingerir um “vinho extraordinário”: “Ah! Quel dîner, je viens de faire / et quel vin extraordinaire / J’ai bu tant mais tant e tant / que je crois bien que maintenant / je suis un peu grise” (“grise” tem esse mesmo sentido de “embriagada”). Ao terminar a peça a soprano só falta sair do palco “de braço dado com dois sordado”.

SÁ EM DUPLA DOSE.

“Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim”.

São versos do poeta-português Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). Foi contemporâneo e amigo de Fernando Pessoa, e talvez essa proximidade o tenha

tornado relativamente desconhecido junto ao leitor brasileiro, porque obscurecido pelo brilho estelar do amigo. Juntos participaram do movimento de modernização da poesia portuguesa, que teve como veículo a revista “Orpheu”, que veio a denominar aquela própria geração de inícios do século XX. Tinha apenas 26 anos de idade quando se matou, num hotel de Paris.

Séculos antes a mesma literatura portuguesa foi, como se sabe, dominada por outra figura exponencial, Luís de Camões. E não apenas em função de seu poema épico; a sua poesia lírica já lhe bastaria para assegurar a imortalidade, especialmente os sonetos, de extração petrarquista.

Essa mesma luminosidade da obra camoniana pode nos conduzir a ignorar ou olvidar outros nomes de intensa relevância desse mesmo período. É o caso do coimbrese Francisco de Sá de Miranda (1481-1558; a propósito, da mesma linhagem de Mem e de Estácio, figuras históricas de nosso período colonial). Tendo, ainda muito jovem, viajado por Espanha e Itália, trouxe em seu retorno as novidades literárias com que teve contato no curso de sua jornada, em particular a poesia lírica nos moldes e modelos consolidados por Francesco Petrarca: Sá de Miranda é considerado o introdutor do petrarquismo em Portugal. São dele esses versos, plenos de substância poética e psicológica:

“Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo;
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim”.

O VÃO ANSEIO DE ESCALAR A MONTAIGNE

Há alguns anos estivemos lá, Regina e eu: lá, em Sarlat, no interior do França, cidade também famosa por seu “magret de canard”; lá, no centro histórico, fotografamos a casa onde nasceu Etienne de La Boétie (1530-1563).

Foi poeta, capaz de versos como estes que finalizam um de seus sonetos: “Encore moindre je suis au compte de mes ans / Et déjà je suis vieux au compte de mes peines”; algo como: “Embora eu seja jovem pela conta de meus anos, já velho sou pela conta de meus pesares”.

Mas sua obra mais conhecida consistiu em seu breve “Discurso sobre a Servidão Voluntária”, que escreveu quando ainda muito jovem, e onde expôs suas reflexões filosóficas e político-sociais.

Foi amigo íntimo de Michel de Montaigne (1533-1592). Este, depois de exercer intensa atividade administrativa em Bordeaux, decidiu recolher-se à sua propriedade rural (o Castelo de Montaigne, na Dordonha), onde passou a redigir os seus magníficos “Ensaio”. Num deles, intitulado “Da amizade”, homenageou e reverenciou a memória do amigo: “É, em verdade, um belo nome e digno da maior afeição o nome de irmão; e por isso La Boétie e eu o empregamos quando nos tornamos amigos”.

Quanto a mim, também tenho, mais modestamente, fruído os agrídoces prazeres do autoexílio, e procuro redigir, não ensaios, mas um modesto compêndio, para registrar as circunstâncias, muitas vezes ou quase sempre surreais, de minha “excomunhão voluntária”. Inclusive algum sofrível e esporádico poema.

HAICAI (EM FORMATO DE QUARTETO)

Há em algum lugar um som de flauta,
Em fim de tarde e prematura lua.
Límpido e exato, sem roteiro ou pauta,
Navega, nau diáfana; flutua.

LUIZ CARLOS RIBEIRO BORGES

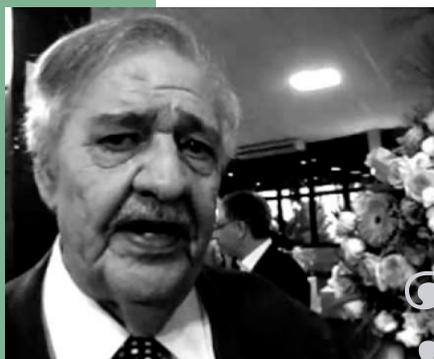
Nascido em Guaraci, mudou-se para Campinas, graduou-se em Direito na Puc-Campinas e na década de 1960 participou da fundação do Cine Clube Universitário de Campinas. Foi Juiz Titular da 4ª. Vara Cível da Justiça Estadual de Campinas, Estado de São Paulo, e, com o fluir do tempo foi promovido para a Comarca de São Paulo, onde assumiu uma Vara da Infância e Juventude e, posteriormente, elevado a Juiz do hoje extinto 1º Tribunal de Alçada Civil de São Paulo, onde se aposentou. Foi Vice-Presidente do CCLA - Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas e curador de sua biblioteca. Autor de inúmeros livros: O Cinema à Margem, 1984; Gilvaz, 1997; Café do Povo, 2002; Assembleia de Micróbios & Eurico o mordomo, 2016, Crônica de Bernartz & Bertran, 2021, entre outros. Membro afetivo e emérito da Cadeira 24 da Academia Campinense de Letras. E-mail: crborges.luiz@gmail.com

1901 - CENTENÁRIO DO C.C.L.A. - 2001

OBRAS-PRIMAS PARA TECLADO - V (AUDIÇÕES APRECIATIVAS DE GRAVAÇÕES, COM COMENTÁRIOS)

Compositor: Heitor Villa-Lobos (1887/1959)

Obra: “Rudepoema” (1926) Intérprete: Sônia Rubinsky, pianista



*José Alexandre dos Santos Ribeiro
(1938- 2020)*

A OBRA

I

Em 1918, ano do fim da Primeira Guerra Mundial, e da morte de Debussy, Villa-Lobos, então com 31 anos de idade, já tinha assimilado boa parte das peculiaridades da música popular e folclórica de todo o Brasil, através das viagens de juventude que fizera aos sertões e bairros boêmicos das regiões nordeste, central e sudeste; já tinha feito alguns meses, de estudos de Harmonia com Frederico Nascimento e Agnelo França (e foi só esse o estudo sistemático de música que ele se permitiu); já tinha “devorado” partituras dos principais Compositores clássicos e românticos da Europa, bem como o “Cours de Composition Musicale” de Vicent d’Indy, que ele lera com sofreguidão; já tinha se arremetido à composição de três óperas (“Aglaia” - 1909; “Elisa” - 1910 e “Izath” - 1914), em que se podiam notar fortes influências do melodismo de Puccini e das harmonias inovadoras de Wagner; já tinha aprendido, de má vontade por parte dele, alguma coisa útil de piano e mesmo de Composição, de sua primeira esposa, Lucilia Guimarães, que

era pianista e compositora (sobretudo de peças corais), formada no Instituto Nacional de Música (que é hoje a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e era Professora de Música da antiga Escola Normal do Rio; já tinha organizado vários concertos com obras suas no Rio de Janeiro (a partir de 1915), suficientes para indispor contra ele a ala mais conservadora e ignorante dos músicos e críticos musicais cariocas da época, tendo à frente o infeliz e arrogante Oscar Guanabara, que ocupava as funções de crítico musical do “Jornal do Comércio”, onde escrevia suas ridículas pasquinadas, com as quais já tinha tentado, por exemplo, reduzir a nada, obviamente sem conseguir, o mais talentoso Compositor brasileiro de Música instrumental, e vocal de câmara do século XIX, que foi Alberto Nepomuceno (1864/1920).

Mas, voltando a Villa-Lobos, em 1918 ele já tinha escrito, por exemplo, uma Suite para piano e orquestra (1913), uma Pequena Sonata para violoncelo e piano (1913), os quatro primeiros Quartetos de Cordas (1915/1917), um “Quinteto Duplo para violino, viola, violoncelo e contrabaixo (1912), cujas partes se extraviaram, o “Sextuor Mystique” para flauta, oboé, sax-alto em mi bemol, harpa, celesta e violão (1917), as Sonatas Fantasias nos 1 (1913) e 2 (1914) 1 para violino e piano, a Sonata 1 para violoncelo e piano (1915) extraviado em Paris, a Sonata 2, para a mesma instrumentação e do mesmo ano, os trios 1, 2 e 3 para piano, violino e violoncelo (1911, 1915, 1918), um trio para flauta, violoncelo e piano (1913), um octeto (“Dança Negra”) para flauta, clarineta, fagote, 2 violinos, violoncelo e piano (1914) também extraviado, nada menos que 12 Ave Marias para as mais variadas formações (entre 1909 e 1918), sendo que Villa-Lobos ainda escreveria três outras, todas para coro misto “a-cappella”, (1938, 1948 — e uma em forma de moteto, em 1933), cinco Marchas religiosas para orquestra, entre 1915 e 1918, duas das quais extraviadas, dois Padres Nossos para Coro misto “a-capela” (1910/1914), o poema sinfônico (e bailado) “Amazonas” (1917), as “Danses Africaines” uma “Elegie” para orquestra (1915), o poema sinfônico (e bailado) “Naufrágio de Kleônicos” (1916), a Sinfonietta 1 (“À memória de Mozart” - 1916), uma Suite para orquestra de cordas (1912), o bailado “Uirapuru” (1917), a canção “Il Bove” para canto, piano e violoncelo, tendo como letra um poema de Carducci (1915 — editada pela Arthur Napoleão, do Rio de Janeiro, a peça estreou a 3 de fevereiro de 1917 no Salão Nobre dos Empregados do Comércio do Rio, com Lydia Albuquerque Salgado, acompanhada por Lucilia Villa-Lobos (piano) e Alfredo Gomes¹ (violoncelo), uma Canção Árabe (1914) para canto e piano, um “Canto Oriental” (1911) também para voz solista e piano, a que se juntam várias

1 **Alfredo Gomes**, violoncelista que estudou em Bruxelas, depois Professor de Violoncelo do Conservatório Brasileiro de Música, era filho do compositor e regente campineiro **José Pedro de Sant’Anna Gomes**, irmão mais velho (e protetor) de **Antônio Carlos Gomes**. Por sua vez, Alfredo era irmão da pianista e professora **Alice Gomes** que, tendo-se casado com Rodolpho Grosso, teve três filhos, também músicos de destaque: o violoncelista **Iberê Gomes Grosso** (cujo primeiro Professor de Violoncelo foi o tio Alfredo), a pianista **Iara Gomes Grosso** e a violinista **Alda Gomes Borghert**, que se casou com o violinista Oscar Borghert.

outras canções, três Fábulas Características (1914) para piano, a célebre “Prole do Bebê” nº 1 (1918), estreada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro por Arthur Rubinstein, a 5 de julho de 1922, a Suite Floral (1918) também para piano (1918), as Suites Infantis 1 e 2 (1912/13), a “Tarantela” (1911), a Valsa Romântica (1912), a Valsa-Scherzo (1913), as Sinfonias 1 e 2 (1916/17), várias peças para violino e piano escritas entre 1914 e 1917, a Pequena Suite (1913) para violoncelo e piano, estreada no Rio (Salão Nobre dos Empregados do Comércio) a 5 de janeiro de 1919, com Villa-Lobos ao violoncelo e Robert Soriano ao piano, etc. etc. etc.

Mas Villa-Lobos era (como sempre foi) pobre: morava, então, em modesto apartamento perto da Praça Cruz Vermelha, no Rio, e vivia das aulas particulares de piano e do trabalho de Professora de Música de Lucília, enquanto ele, com o conjunto de que fazia parte, tocava à tarde na “Colombo” e à noite no Clube Assírio e no Cine Odeon - apesar da já então alentada e importante Obra composta, e de que vimos acima uma lista quase exaustiva.

O primeiro encontro entre Villa-Lobos e o então já renomado e (à época) fogoso e magnético pianista Arthur Rubinstein (que vinha pela primeira vez tocar no Rio de Janeiro) foi numa noite de 1918, no Cine Odeon, para onde o pianista, em noite de folga, tinha sido “arrastado” por alguns amigos, que queriam que ele conhecesse o nosso Compositor. Logo após a “orquestrinha mambembe de cinema” ter tocado uma das “Danças Africanas”, o pianista aproximou-se para cumprimentar o Autor, mas foi recebido com distância por Villa-Lobos, naturalmente desconfiado e intimidado com o encontro inesperado.

Vasco Mariz, em sua “História da Música no Brasil” (Civilização Brasileira - Rio, 1981 - pág. 111) faz um precioso relato, com base no que lhe foi contado pelo próprio Rubinstein, em encontro que tiveram em Portugal, em 1949, e que a seguir transcrevemos: em resposta ao cumprimento de Rubinstein, Villa-Lobos disse, em francês: “Vous êtes un virtuoso, vous ne pouvez pas comprendre ma musique!” E agora, relata Vasco Mariz: “Diante dessa recepção, Rubinstein arremeteu caminho. No dia seguinte, porém, pelas oito horas da manhã, no Palace Hotel, batem à porta do quarto de Rubinstein e ... aparecem-lhe Villa-Lobos sério, cercado por uma dúzia de instrumentistas. Queria que Rubinstein ouvisse peças suas e lamentava vir numa hora tão matutina, pois os colegas trabalhavam à tarde e à noite”. A partir desse encontro, nasceu uma grande amizade entre os dois, importantíssima para Villa-Lobos, pela divulgação que Rubinstein fez de seu nome, e pelas portas que abriu a Villa-Lobos, na Europa e Estados Unidos.

Tudo isso vem a propósito de que a motivação que levou Villa-Lobos a compor o “Rudepoema”, que é a maior e a mais importante das 206 peças para piano-solo

que ele fez — e que sem dúvida é a peça pianística historicamente mais importante e decisiva da Música contemporânea, pelo que antecipou e realizou eficazmente, em termos de soluções e características composicionais que só depois seriam consagradas - a motivação que levou Villa-Lobos a escrever este “Rudepoema”, é justamente a amizade íntima que se criou entre ele e Rubinstein, de quem Villa-Lobos decidira que o “Rudepoema” deveria ser uma espécie de “retrato musical”.

II

“Mon sincère Ami, je ne sais pas si j’ai pu tout à fait assimiler ton âme avec ce Rudepoema mais, je le jure de tout mon coeur que j’ai l’impression, dans mon esprit, d’avoir gravé ton tempérament et que, machinalement, je l’ai écrit sur le papier, comme un Kodak intime. Par conséquent, si je réussis, ce sera toujours toi, le véritable auteur de cette oeuvre”.

É com essa dedicatória que Villa-Lobos entrega em 1926, ao pianista Arthur Rubinstein, a partitura do “Rudepoema”, que vinha sendo composto por Villa, desde 1921, e com o qual, conforme a dedicatória deixa claro, ele pretendia ter feito uma espécie de “retrato sonoro” do grande pianista, que aliás nascera no mesmo ano do compositor (1887), e morreria aos 95 anos, em 1982.

Rudepoema é uma ampla rapsódia pianística de 636 compassos, cuja execução leva cerca de 20 minutos, de exuberância sonora que exige um “atletismo pianístico” até então nunca visto, mesmo comparado com o “Allegro Barbaro” (1911) de Bartok, ou até com a “Toccatà” (1912) de Prokofiev (de resto, bem mais breves e menos “ambiciosas” que o “Rudepoema”). Embora a peça esteja estruturada num só movimento, é possível senti-la em três partes bem destacadas: um “**modéré**” inicial (cps. 01 - 480), um “**modéré presque lent**” (cps. 481 - 552) e um breve “**très animé**” final (cps 553 - 636), com o que se preserva a estrutura tripartida clássica, de uma maneira ou de outra.

O título da peça tem um pormenor interessante: em primeiro lugar, embora ele se forme de duas palavras, deve ser escrito, como queria Villa-Lobos, numa palavra só (não tem qualquer justificativa, porém, nem gráfica nem ortográfica, o curioso acento circunflexo no |e| de |poema|, razão pela qual não ousaremos); em segundo lugar, quando, em 1985, a pianista brasileira de Campinas **Sônia Rubinsky** fazia as pesquisas e estudos que resultaram em sua tese de Doutorado em Artes Musicais pela “Julliard School de Nova Iorque e cujo assunto é este “Rudepoema”, o Compositor Francisco Mignone, numa entrevista que Sônia fez com ele no Rio de Janeiro em setembro de

1985, disse a ela que o **rude** do título, além de ter o significado-padrão do adjetivo [rude], faz alusão a “**Rudi**”, que, segundo Mignone, era como Villa-Lobos chamava Arthur Rubinstein, na intimidade. Por isso, “Rudepoema” também significa qualquer coisa em torno de “**Poema do Rudi**”, o que é coerente com o que está dito na dedicatória da peça.

O **Rudepoema** é uma decorrência estilística, no contexto da Obra de Villa-Lobos, de duas obras proximamente anteriores, do Mestre: “**A Prole do Bebê**” 1 (1918) e o poema sinfônico e bailado “Amazonas” (1917): é inegável que há muito de Debussy, em algumas invenções melódicas e nas soluções harmônicas “mais comportadas” da peça, e a fonte imediata e indisfarsável dessa influência é o influxo composicional da “Prole” 1. Porém a rítmica, os motivos indígenas e sobretudo a exuberância “equatorial” na sonoridade e nas indicações de caráter interpretativo de que a partitura está cheia (“très sauvage”; “furieux”, “exagerer les crescendos”, “assez rude”; “très énergique”) vêm de “Amazonas”, peça a respeito da qual Villa-Lobos (que fez dela uma bela redução para piano em 1932, editada pela Max Eschig e gravada por Roberto Szidon em 1965 para a “Angel”) disse a Vasco Mariz que “depois de “Amazonas”, perdi o pudor e a timidez de escrever coisas arrojadas” (V. Mariz, op. cit. pág. 142).

Mas a desbravadora “contemporaneidade profética” do “Rudepoema” não para aí: é o próprio Villa-Lobos (in “Nota Explicativa de Obras” apud “Villa-Lobos, sua Obra” - MEC / DAC / Museu Villa-Lobos - 2ª ed. Rio, 1972 - pág. 235) quem escreveu o que segue: “... esta música encerra uma autêntica pesquisa de arrojados processos harmônicos, buscados nas cores naturais dos sons convencionais do sistema físico dos intervalos sonoros, como uma espécie de **espectro solar**, da aplicação do **quarto de tom** nos acordes extremamente abertos, em dissonância de muitas notas ajuntadas e, finalmente no constante emprego dos elementos de **doze tons**” (grifos de V. - L.). Mas o “cavalo-de-batalha” do “Rudepoema” costumam ser os quatro ciclóticos “golpes de punho” que encerram a peça e com os quais, com dinâmica de ffff, e com o pedal direito acionado desde o compasso 630, o pianista deve esmurrar (a indicação na partitura é “assez rude”) as teclas de três bordões, com a mão direita, deixando que a ressonância se prolongue. Na aludida (inédita) tese sobre o “Rudepoema” **Sônia Rubinsky**, divide sua competente análise da peça, em cinco partes básicas: **motivos, ritmo, harmonia, dinâmica, e sonoridades e estrutura**

Com relação aos **motivos**, que abarcam as bases da invenção melódica da peça, a pianista (que executa a peça nesta nossa audição, através de bela gravação por ela realizada nos Estados Unidos em 1989) postula que a peça possui **quatro motivos principais**, com destaque para o tema de “Terezinha de Jesus”, uma das mais tradicionais Cirandas infantis brasileiras. No Capítulo sobre a **Rítmica** do “Rudepoema”, Sônia identifica na peça nada menos que 59 padrões rítmicos diferentes, com 94 mudanças

de métrica e 51 mudanças de tempo, de forma a configurar exuberantes referências às raízes indígenas e africanas de nossa Música, analisando, por exemplo, o **maxixe** lá nos primeiros compassos), o samba (cps. 55/84) e o **choro** (cps. 358/392), o que configura em muito a perspectiva nacionalista do “Rudepoema”.

Quanto à **Harmonia**, a pianista mostrar que, para Villa-Lobos, a Harmonia é um mero componente estrutural da Música que ele considera apenas como um “fundamento inevitável” de sua Arte - o que se justifica, afinal, pela formação autodidática e emocionalismo com que Villa-Lobos nutria o seu talento musical. Apesar disso, a pesquisadora demonstra a existência, no “Rudepoema”, de modos pentatônicos, bitonalidade, escalas de tons inteiros, trítonos, atonalidades decorrentes do uso de quartos de tom, etc. Com relação a Dinâmica e Sonoridades, Sônia Rubinsky mostra que Villa-Lobos usa, no “Rudepoema” uma diversidade de **dinâmica** (e de **agógica**), como recurso de poderosos **contrastos de sonoridade**, a aclarar a estrutura da peça e criar tensões surpreendentes, assegurando o interesse do ouvinte por toda a peça.

A tese de Sônia é acrescida de um Volume II, em que faz precisa “análise gráfica” da peça, em que, compasso a compasso, todos os componentes estruturais e funcionais da obra são mostrados comparativamente, com cores de tinta diferentes, para o registro de cada componente da análise.

*Nota de José Alexandre dos Santos Ribeiro 2001
(edição da partitura utilizada: Max Eschig - Paris, 1928).*

A INTÉRPRETE

Considerada uma das melhores pianistas brasileiras de sua geração, Sônia Rubinsky iniciou os estudos pianísticos em Campinas, sua cidade natal, com a com a Profa Olga Rizzardo Normanha. Estudou depois na Academia Rubin de Jerusalém, ainda adolescente e foi ouvida como pianista por Arthur Rubinstein, que se admirou com o “seu forte temperamento musical”.

Sônia Rubinsky completou os estudos na Juilliard School de Nova York onde se doutorou em “Piano Performance”, em 1986. Sua carreira internacional a leva a se apresentar com recitais em grandes centros de quatro Continentes, como Tel-Aviv, Roma, Amsterdam, Paris, Toronto, Nova York, Boston, Chicago, Los Angeles, San Francisco, Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas e Montevideo. Apresentou-se com Orquestras como a St-Luke’s de Nova York, as Orquestras Sinfônicas de Richmond, Springfield, Syracuse, Cheyenne e Phoenix, as Sinfônicas dos Teatros Municipais do Rio de Janeiro e São Paulo, a Sinfônica do Estado de S. Paulo (OSESP) e a Sinfônica Municipal de Campinas.

O primeiro CD gravado por Sônia Rubinsky inclui a execução do “Rudepoema” e peças de Debussy e Messiaen, para a Daghlia Records. Gravou para Elektra / Nonesuch, a exuberante “Grand Pianola Music” do compositor John Adams sob regência dele. Sônia Rubinsky trabalha na gravação da Obra Integral para piano de Villa-Lobos, à Naxos. O 1º. CD da série foi um dos cinco melhores de 1999 pela Revista “Gramophone” indicado ao “Grammy”. Prêmios: o de “Melhor Recitalista do Ano” da Associação Paulista de Críticos de Artes, o “William Petschek Award” da Julliard School e o “Artists International” de Nova York.

REFERÊNCIAS

1. BEAUFILS, M. - “Villa-Lobos, Musicien et Poète d u Brésil” - Rio, Agir 1961.
2. MURICY, Andrade - “Villa-Lobos, uma Interpretação” - MEC - Rio, 1961.
3. “Presença de Villa-Lobos” MEC / DAC - Museu Villa- Lobos - 1965/1976.
4. RUBINSKY, Sônia - “Villa-Lobos’ Rudepoema - an Analysis” (Thesis submitted to the Graduate Council of the Julliard School in partial fulfillment of the requirements for the Doctor of Musical Arts Degree) - april, 1986(inédita).
5. RUBINSTEI, Arthur - “My Many Years” - Jonathan Cape - London, 1980.
- 6 . SCHIC, A. “Villa-Lobos, souvenirs de l’Indien Blanc” - Actes Sud - Paris, 1987.
- 7 . Souza Lima - “Comentários sobre a Obra pianística de Villa-Lobos” - MEC / DAC / Museu Villa-Lobos - Rio, 1969.
8. “Villa-Lobos, sua Obra” - MEC / DAC/ Museu Villa- Lobos - Rio, 1972.

JOSÉ ALEXANDRE DOS SANTOS RIBEIRO

Graduado em Letras pela PUC-Campinas. Especializou-se em Linguística, e em Teoria Geral da Literatura pela USP. Ministrou aulas de Literatura e Linguística; Linguística Aplicada à Língua Portuguesa – Sintaxe, Semântica e Semiologia na PUC-Campinas. Membro titular da Cadeira 37 da Academia Campinense de Letras e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas. Foi Secretário Municipal de Educação e Cultura e coordenador do Centro de Cultura e Arte. Faleceu em 12 de novembro de 2020. Voz emudecida na ACL.

NEBLINAS



Antonio Contente

O melhor, dos barcos à vela, é que a bordo deles pode-se respirar o silêncio. A embarcação desliza mansa, criando seu rastro de espumas e você escuta a paz como se descesse do céu uma intimidade, uma oferenda de alento. Estamos navegando há dias pelo rio, o Tocantins, largo, enorme, mar neste trecho entre Mocajuba e Cametá, no Pará, não longe da foz. Dizem, como o famoso escritor paraense Salomão Laredo, autor de romances memoráveis, que ele é o curso d'água mais bonito do mundo; para quem está sobre e sob a sua aura, é impossível desmentir isso. A noção de beleza, afinal, é uma percepção muito fina. Como a pele dos lábios, ou a tênue ilusão dos sentimentos.

Quinta-feira, amanhece. Saindo do meu pequeno catre, vejo a superfície coberta de neblinas. Neblinas sim, como as que você topa nas estradas do Sul e Sudeste nos meses de inverno, mas que, aqui, são diferentes em tudo. Exatamente porque, sobre o rio, ela é absolutamente um manto; tapete de uns poucos metros de altura sobre o espelho das águas, algodão do infinito pronto para a ceifa, esconderijo de mitos prontos para o encantamento.

Neblina acima da superfície de um rio como o Tocantins, eu vos digo, é algo muito sério. Até porque dela, no nosso olhar ao redor, emerge a mata de copas perfeitas no despontar da quase manhã. Ah, as quase manhãs são tão importantes como os quase amores, pela carga de ânsia atenuada; o que as torna simplesmente doces.

O amanhecer sobre a selva e suas águas é um rito de repetição litúrgica do próprio princípio da vida. Ali está recomeçando o que já foi começado e recomeçado; contudo, pôr mágica, é como se nunca tivesse existido. A neblina fala muito particularmente da vida porque, em todas as manhãs, espera a morte para que se faça a luz. Que vem com o sol, com os cantos dos pássaros, com as cores que rebrotam e fazem o opaco sumir. Os deuses, na sua sabedoria, fizeram as manhãs para a celebração da vida, para

a ressurreição, do mesmo jeito que fizeram o anoitecer para que não esqueçamos da nossa finitude.

Não há vento, o barco está, literalmente, parado. A névoa se esgarça e, de repente, de dentro dela emergem duas garças. Acho que nasceram ali, naquele exato momento, dádiva à minha santa perplexidade. Maior ainda ao perceber que as aves voam na direção em que o céu começa a ficar vermelho. Da margem, vem um canto de pássaro. Mais do que saudação à luz, é a certeza de que o sol não tarda. E a neblina, então estática, começa a se mover. Enreda-se em desenhos de formas sutis, mãos em aceno de adeus, rostos femininos de traços finos, cabelos em cascatas indesmentíveis, trazendo a sensação de que pairamos num pedaço de céu. Sim, sim, vagamos sobre nuvens, cortamos o infinito com a simplicidade de um gesto; e a luminosidade total, na repetição incansável do milagre, se faz.

O primeiro raio de sol vem como uma flecha rasgando o tempo. Farrapos de anos-luz, mensagem certa da claridade síntese, deflagrar de certezas nas sístoles e diástoles do nosso pulsar inalienável. E ao primeiro impacto a neblina, até então alva, se tingem de laranja, de vermelho, e se desfaz. Mas antes passou pôr ser hibisco, foi rosa alvíssima em jardins nunca ceifados, foi soluço de alegria ante o abraço daquilo tão simples, mas tão belo.

E na primeira fenda que o sol abriu no grande manto, cintila a superfície do rio. Na leve correnteza da maré acariciada pôr suspirante brisa, meigos reflexos de ouro e prata. Mais do que isso, diamantes e esmeraldas, topázios e rubis de lampejos macios nas cores tão vivas. O rio, o meu rio onde nasci, o nosso rio, vai sendo mais uma vez descoberto. As lâminas da luz do sol fracionam o branco, e, na margem, o verde fica mais verde, tanto que posso ver, nos primeiros galhos que se desenham, as orquídeas alvas em que a Amazônia é tão fértil, tão pródiga. Talvez nescas de neblinas que se depositam ali para, antes do amanhecer, virem se banhar no líquido caminho, tão bom neste momento porque é um caminho sem a necessidade de destino. Pôr São Judas Tadeu e pôr Santa Rita do Passa Quatro, poucas coisas há, na vida, tão boas como não ter destino. Ser simples passageiro de névoas e orquídeas que se refugiam em galhos a cada manhã. Ser maestro a reger os sons que vêm da floresta, sinfonia fantástica a cada romper de dia, e melhor ainda porque a música vem com cheiro de verde, de vida e de fé na beleza.

O rio agora está livre e começa, vagorosamente, o soprar do vento. A vela se tufa, a bujarrona se compõe e o barco vai. A claridade, com nuances de louro triginal, é festa. Numa ilha ao longe o risco de uma praia deserta com areia cor de maravilha. Começo

a rezar, com a fé dos ímpios que é muito mais verdadeira, para que este lindo planeta não se acabe antes de mim.

ANTONIO CONTENTE

Jornalista, membro honorário da Academia Campinense de Letras. Autor de várias obras publicadas, entre elas, *O Lobisomem Cantador*, *Um Doido no Quarteirão*. Natural de Belém do Pará, vive em Campinas, SP, e colabora com o jornal **Correio Popular**, entre outros veículos. E-mail antoniocontente@gmail.com.

MERECIMENTO



Carlos Cruz

O filme “O RESGATE DO SOLDADO RYAN” conta a história de uma mãe americana que tinha quatro filhos jovens recrutados e enviados para campos de batalhas durante a segunda grande guerra.

No início do filme, como três deles haviam morrido em combates, o Governo americano envia um emissário para comunicar àquela mãe a perda de seus três filhos, manifestando o reconhecimento do Governo pelo seu sofrimento, e a grande contribuição que seus filhos deram, com suas vidas, para a prevalência dos valores de liberdade e democracia defendidas pela nação.

Havendo um quarto filho daquela senhora ainda em combate no regimento de paraquedistas, e a informação de que pousara em território inimigo; inspirados em antiga “carta” enviada por Abrahan Lincoln a uma mãe que também tivera o infortúnio de perder um filho na guerra, esta “carta”, por seu conteúdo nobre, humano e altivo, influenciou o Alto Comando Militar americano a determinar a formação de um “destacamento” com a missão de entrar nas bases inimigas e “resgatar o soldado Ryan”, o quarto filho, trazendo-o de volta para casa com vida, aplacando o coração daquela sofrida mãe.

Daí em diante desenrola-se a trama, mostrando todo o sofrimento, bravura e coragem do grupo comandado pelo Capitão Miller, personagem vivido por Tom Hanks, para cumprir a ordem recebida.

Lutaram, sofreram intensamente em batalhas sangrentas e em situações de limite onde alguns perderam a vida, até que, ao final, em uma batalha frontal, encontram finalmente o jovem “Soldado Ryan”, vivido por Matt Damon, que não tinha a menor ideia do que se passava e, quando resgatado, ouviu o Capitão Muller, alvejado e dando

os últimos suspiros, dizer-lhe cochichando em seus ouvidos, antes de morrer: “faça por merecer”.

Ao final do filme, muitas décadas depois dos fatos, vimos um velho senhor, acompanhado por sua família; mulher, filhos e netos, visitando o cemitério onde está enterrado o Capitão Miller, para depositar-lhe flores e dizer-lhe, em forma de oração, que vivera sua vida com respeito, honra e dignidade e, emocionado e profundamente agradecido, declara que tinha imenso orgulho em afirmar, com a consciência tranquila, que havia “feito por merecer” o sacrifício que fizeram, o Capitão e seus comandados, dando-lhe a oportunidade de continuar vivendo.

Esse é o recado do filme, proposto e dirigido por Steven Spielberg.

Como seres individuais que somos, cada qual com sua inteligência, circunstâncias e particularidades que nos tornam pessoas únicas, sem réplicas ou cópias, temos sempre que estar atentos às situações, oportunidades e chances que a vida nos apresenta, e sempre agradecer a quem nos ajuda, contribui, prestigia ou faça qualquer coisa que nos beneficie; e reconhecer os privilégios adquiridos, mesmo sendo obras do destino, sorte ou qualquer outra força extraordinária que poderíamos definir como “graça divina”.

A esse sentimento que defino como “gratidão”, que numa percepção mais profunda e abrangente classifico como situações e dádivas que a vida nos proporcionou e ainda proporciona, indico-o como um dos elementos que nos mantém ligados espiritualmente a valores que estão acima dos materiais, que eleva nosso espírito e nos aproxima de Deus.

Nada mais abjeto que a pessoa que não reconhece os sinais e dádivas que recebe durante a vida, possibilitando progressos e vitórias que se diferenciam de outros que lutam a vida toda sem alcançar objetivos e conforto material e financeiro. São pessoas que não retribuem suas conquistas com caridade e solidariedade, valorizando apenas o material, e desprezando a prática ou virtude de fazer o bem; de beneficiar o próximo.

Embora sejamos livres para definir nosso caminho pela vida, entendo que para que haja um sentido que justifique nossa passagem pela terra, não devemos nos afastar da crença espiritual, na fé e no ser superior, a quem devemos devoção e obediência.

Podemos professar qualquer crença religiosa: cristã, muçulmana, judaica, ortodoxa, espírita, enfim, qualquer uma, mas que nos aproxime de Deus e não deixe que nos afastemos, repito, dos valores espirituais, que nos mantêm mortais, generosos e solidários.

Honoré de Balzac, em um ensaio sobre filosofia humana aplicada, observou que “todo ser que insiste em errar naquilo que a população ou o mundo pessoal viu por bem

ser errado não vive; é um espectro de verme que se arrasta por terras que ninguém conhece”.

Faço essa observação para considerar que o “merecimento” também pode ser cabível para quem desdenha das virtudes da gratidão para com a vida, demonstra desprezo pelos valores positivos acima comentados e desafia o bom, o justo e perfeito.

A esses, quando ao final recebem, a contragosto, a justa paga da vida; cruel e amarga, dizemos: “fez por merecer; recebeu o que mereceu; colheu o que plantou”.

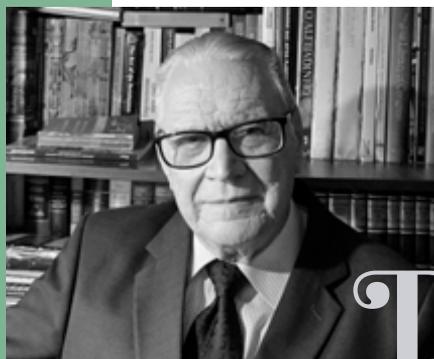
Voltando ao tema do “Resgate...”, em cena final, na visita do velho senhor fazendo uma avaliação de sua vida diante da lápide de quem lutou e morreu para que voltasse e, além de alegrar o coração de sua sofrida mãe, pudesse seguir vivendo, confessa, orgulhoso, ter vivido sempre “fazendo por merecer” essa dádiva, pedindo à sua mulher o testemunho de que tomou cuidado, se preocupou e viveu de forma a poder dizer, com orgulho, que “fez por merecer”.

Assim é que, voltando às questões práticas da vida, batalhas que enfrentamos para sobreviver nessa competição desenfreada para manter nossas famílias e educar nossos filhos deixando um legado de bons exemplos para eles e para os netos, encontramos na fé e alimentamos nossa alma com a crença e temor a Deus, pois o verdadeiro valor que devemos cultivar é o da consciência, capaz de, na hora final, nos dar conforto e a certeza do justo “merecimento”.

CARLOS CRUZ

Titular da Cadeira nº 15 da Academia Campinense de Letras, cujo patrono é Rui Barbosa. É advogado e foi Vereador, Presidente da Câmara Municipal e Vice-Prefeito de Campinas; editor da Coluna “XEQUE-MATE” e articulista, às quintas-feiras, no jornal “Correio Popular”. E-mail: carloscruz@apaulista.org.br

O INÍCIO DA LAVOURA CANAVIEIRA EM CAMPINAS



Duílio Battistoni Filho

Na história econômica colonial brasileira, a cana de açúcar ocupa um lugar de destaque pelo fato de garantir a posse efetiva do território brasileiro, ameaçado pela presença perigosa de outros povos europeus nas costas brasileiras. Para povoar e colonizar era absolutamente necessária a criação de uma base econômica estável. Não se podia pensar, por exemplo, em povoamento suportado apenas por uma atividade predatória, como a extração do pau-brasil.

Governando a Capitania de São Paulo, na segunda metade do século XVIII, o Morgado de Mateus estimula os fazendeiros a plantar arroz e cana, mostrando aos mesmos as vantagens do seu plantio e o baixo custo. Na sua correspondência encontramos inúmeras referências ao atraso da agricultura paulista. Via ele, as causas do mal-estar econômico na vadiagem e preguiça, nas vendas a crédito, na existência da escravidão, determinando o desprezo do brasileiro pelo trabalho agrícola. Comungando no mesmo pensamento, estava José Arouche de Toledo Rendon que, no seu livro “Reflexões sobre o estado em que se acha a agricultura na Capitania de São Paulo”, lamentava em 1788 o pouco caso do paulista, em relação ao cultivo da terra.

A situação passa a melhorar somente na última década do século XVIII, quando o governo paulista passa a estimular a agricultura com novos métodos de cultivo. Ademais, contribuíram para o incremento açucareiro, cultura que estava se iniciando, circunstâncias externas como as mudanças de hábitos alimentares na Europa, que tornavam o açúcar sempre desejado, apesar de seu preço altíssimo e as rebeliões das colônias francesas, ocasionando a falta do produto. Tudo isso, contribuiu para revalorizar o açúcar brasileiro nos mercados mundiais. Deve-se levar em conta, o papel

desempenhado pelos holandeses, responsáveis pela infraestrutura de distribuição do produto na Europa, graças à sua excelente frota mercante.

No caso específico de São Paulo, os canaviais se estenderiam pelo interior ao ocupar áreas sempre abundantes. Certamente, um dos fatores que encorajaram a produção açucareira era a facilidade de encontrar terras no interior cuja produção era bem mais simples que no litoral. Duas áreas vão se destacar: Itu e Campinas. No caso de Campinas, objeto de nosso estudo, as condições geográficas eram propícias para o desenvolvimento açucareiro, pois, a Vila possuía grandes reservas florestais que forneciam lenha para as fornalhas dos engenhos e a preciosa madeira para a construção dos edifícios. Ao carpinteiro cabia toda a construção do engenho e os demais objetos necessários. A região oferecia grandes recursos d'água para movimentar a moenda, como proporcionar a água para os animais necessários aos engenhos e para o transporte. Além disso, o local para a formação de uma propriedade rural canavieira também era escolhido em função da maior ou menor existência de água. Os próprios documentos afirmam que, muitas vezes, as sesmarias tinham como limite a margem de um rio. Outro fator que influía na escolha da terra era o relevo e a existência de terras próprias para a pastagem dos animais destinados ao trabalho na moenda ou para transportar a cana do canavial ao engenho.

Em Campinas, o primeiro recenseamento de 1767 revela a existência de três engenhos, provavelmente no Bairro Anhumas, produzindo somente aguardente para o consumo local. Segundo observações de Celso Maria de Mello Pupo, a indústria açucareira teria sido implantada entre 1790 e 1795, através dos produtores e exportadores: Antonio Ferraz de Campos, Filipe Neri Teixeira e Francisco Paula Camargo, possuidores de grande cabedal na região. Quando da elevação à categoria de Vila, em 1797, as crônicas revelam que a maior parte da população já se ocupava da lavoura canavieira.

Estudando a produção açucareira de Campinas, Maria Tereza Schorer Petrone observa que “em 1798 ali havia 37 engenhos que produziam 460 canadas de aguardente”. Sentindo o acréscimo da produção, o governador Bernardo José de Lorena coloca Campinas no rol dos lugares mais importantes na produção de açúcar. As estatísticas apresentadas no recenseamento de 1816 apontam a existência de 45 engenhos produzindo 46.560 arrobas, fazendo com que a produção campineira correspondesse mais que a média da Província. Isto pode ser comprovado pelo depoimento do viajante português Luiz D'Alincourt que, em 1818, visitando Campinas, constatou que a grande produção açucareira da região decorria do arrojo dos investimentos no setor, onde despontavam grandes produtores como o coronel Luís Antonio, proprietário de 16 engenhos dos quais, somente um lhe rendera nove contos de réis, em 1817. D'Alincourt testemunha que em Campinas se plantava tanto a cana crioula como a caiena, sendo

esta última a preferida. A fazenda Atibaia de D. Francisca de Assis Camargo tinha um engenho de moer cana de cilindros com abundância de água. Cita para Campinas 60 engenhos dos quais 15 eram movidos à água.

Em 1815, um engenho d'água de Campinas, para ser construído, custaria a soma de 900\$000 de réis. O pagamento seria em três parcelas: 400\$000 réis no início da obra, 300\$000 no meio e o restante no fim. Entretanto, as dificuldades de pagamento eram imensas. Um grande progresso foi a introdução no engenho de cilindros dispostos horizontalmente por iniciativa do campineiro Joaquim dos Santos Camargo que, em 1812, mandou vir da Bahia um mestre para construir moenda desse tipo, pois em São Paulo ninguém sabia fazer. É bom esclarecer que a introdução da máquina a vapor entre nós foi muito tardia e processou-se tão lentamente que, podendo operar uma revolução econômica, não chegou senão a marcar um “período de transição” entre os engenhos de banguê e as usinas modernas.

Saint Hilaire quando passou por Campinas, em 1819, constatou o grande desenvolvimento da produção açucareira e sua importância para o crescimento da Vila. Notou que os engenhos mais importantes eram aqueles que tinham pelo menos vinte escravos, com os quais se produziam 2000 arrobas de açúcar. É bom assinalar que a fazenda de cana era um complexo que abrangia, além do canavial e das instalações de beneficiamento, áreas de matas para moendas e lenha, pastos e terras para o cultivo dos mantimentos. Em Campinas o tamanho de uma propriedade seria superior a meia légua ou 450 alqueires.

O Morgado de Mateus, preocupado em escoar a produção canavieira, interessou-se pelo caminho do mar. Entretanto, essa rota no desenrolar do tempo, tornou-se problemática devido ao grande número de bandoleiros e tropeiros. Somente em 1796, o governador Bernardo José de Lorena mandou fazer uma estrada de terra até Santos que se chamou “calçada do Lorena” e que contribuiu para maior exportação do açúcar. Outra via importante que favoreceu os produtores campineiros nos mercados de Franca e Goiás foi a antiga rota de Goiás. O governo paulista preocupado em escoar a produção estimulou a construção de novas vias como a antiga rota de Goiás e que atendia os interesses dos exportadores campineiros nos mercados de Franca e Goiás.

Outra questão importante era a qualidade do açúcar que, depois de viajar dias e dias nos lombos dos burros se deteriorava. Como consequência, o governador Melo Castro e Mendonça autorizou a construção de ranchos em pontos estratégicos dos caminhos para abrigar homens e mercadorias das intempéries. No rancho de Campinas alojaram-se com Saint Hilaire três tropas carregadas de açúcar. O rancho era de grandes proporções, abrigando enorme quantidade de mercadorias exalando um cheiro insuportável. Para

melhorar a qualidade dos ranchos, as autoridades construíram os Ranchos Reais melhor equipados. Kidder e Fletcher, viajantes que estiveram no Brasil, afirmam que anualmente chegavam a Santos 200.000 mulas carregadas. Muitos senhores de engenho de Campinas tinham tropas próprias de que se serviam para expedir o açúcar; outros recorriam a arrieiros que se encarregavam do transporte. É extremamente interessante observar que no ano de 1846 houve um aumento na exportação de açúcar, coincidindo com as primeiras plantações de café em Campinas.

Em torno da lavoura de cana, desenvolvia-se nos engenhos, com o fim de suprir às suas necessidades e, nos centros urbanos, uma variedade de pequenas indústrias destinadas à fabricação de artigos para consumo no mercado interno como telhas, tijolos, tecidos, tabaco, couros, etc. Além do mais, a produção de gêneros alimentícios nunca foi esquecida em Campinas durante a vigência da economia açucareira. Enquanto os senhores de engenho começavam a se instalar e se multiplicar ao final do século XVIII, a agricultura de alimentos continuou a ter um papel importante na economia local.

Trabalhando com a ajuda da família e eventualmente de algum escravo, o pequeno produtor rural da primeira metade do século XIX, no intuito de garantir a subsistência da população, plantava arroz, milho e feijão. A carne de porco era muito consumida. Para dar um exemplo, a senhora de engenho Custódia Maria colheu em suas terras, no Bairro de Mato Dentro, 260 alqueires de milho, 20 de feijão e 7 de arroz. Portanto, em Campinas, os produtores de alimentos para o abastecimento interno tiveram seu trabalho merecidamente recompensado. É preciso acentuar também que havia uma pequena exportação de gêneros alimentícios, sobretudo para as regiões do ouro em Minas Gerais, que na época estavam com graves problemas de abastecimento.

O maior mercado de açúcar e da aguardente campineira era, sem dúvida, o Rio de Janeiro que funcionava como mercado consumidor e, principalmente, como re-exportador para os países do Prata e da Europa. É preciso destacar que, muitas vezes, o açúcar exportado era de má qualidade. Isso não se devia aos senhores de engenho e sim ao transporte até Santos com estradas ruins, péssimo armazenamento do produto, ficando ao sabor das intempéries. Era comum a caixa de 40 arrobas chegar deteriorada ao seu destino.

Em 1834 a população escrava de Campinas era estimada em 3.111 escravos, sendo que a maioria trabalhava nos engenhos. Era constante a revolta dos escravos com sua situação, a ponto de fazendeiros estimularem a construção da Câmara, cujo prédio viria a abrigar, no térreo, a primeira cadeia de Campinas. Em 1831, Marcelino natural do Congo, escravo do senhor de engenho, Joaquim da Silva Guedes, ao ser mandado pelo feitor, durante o trabalho do eito, “deixar para apanhar” assassinou-o com um facão.

Inquirido pelas autoridades judiciárias sobre as causas do crime, Marcelino respondeu que “por não ter crime algum”, ele não merecia apanhar.

Todavia, a maior revolta ocorreu em 1832 em engenhos às margens do rio Atibaia. Tal movimento tinha articulações com um negro forro que vivia na Capital de onde dirigia o movimento através de um escravo tropeiro. Os negros comunicavam-se entre si à noite havendo um chefe em cada engenho. É bom frisar que as revoltas eram tramadas nas igrejas, nas vendas ou nas suas festas. A conspiração de Campinas foi descoberta e sufocada, mas sob interrogatório houve escravo que disse acreditar que a lei de 1831 tinha como objetivo abolir a escravidão. Havia uma reclamação dos senhores de engenho no sentido de escravos não participarem de tropas milicianas, para não prejudicar os trabalhos da produção canavieira. Com a criação da Guarda Nacional, as coisas melhoraram pois os administradores e fazendeiros rurais em que não residiam seus donos e tivessem mais de cinquenta escravos, estariam livres do recrutamento.

Pedro Calmon, no seu livro “Espírito da Sociedade Colonial” p. 30 assinala que “ter engenho equivalia a ser dono de terra hereditária como outrora ter um castelo”. Em Campinas tivemos ricas sedes de engenho, como a de José Francisco de Aranha Barreto de Camargo, proprietário do engenho Atibaia, e a do capitão Theodoro Ferraz Leite, dono do engenho Lagoa que teve participação no episódio chamado Venda Grande. Nelas, havia amplo mobiliário nobre, alfaias, pratarias, adornos, a par de vestuário luxuoso. Além do mais, muitos senhores de engenho encomendavam na Europa, vinhos, queijos, roupas e louças, chegando ao Brasil, via Corte ou porto de Santos e desses centros até Campinas, ao lombo de burro.

A partir de 1854, a cultura canavieira em Campinas começa a decair, devido à baixa dos preços no mercado, ao aumento dos rendimentos do café e à abolição do tráfico de escravos (1850), privando os engenhos de mão-de-obra.

REFERÊNCIAS

D’ALINCOURT, Luiz. *Memórias sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*. São Paulo, Livrara Martins Editora, 1953

AZEVEDO, Fernando de. *Canaviais e Engenhos na vida política do Brasil*. São Paulo, Edições Melhoramentos, s/d.

MARTINS, Valter. *Nem senhores, nem escravos: os pequenos agricultores em Campinas; 1800-1850*. Campinas: Publicações Unicamp, 1996.

PETRONE, Maria Tereza Shorer. *A lavoura canavieira em São Paulo*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1968.

PUPO, Celso Maria de Mello. *Campinas, seu berço e juventude*. Academia Campinense de letras, n. 20, 1969.

SAINT HILAIRE, Augusto. *Viagem à Província de São Paulo*. Livraria Martins Editora, 1972.

DUÍLIO BATTISTONI FILHO

Graduado em História e professor no magistério secundário e superior. Ministrou História da Arte no Curso de Artes Visuais e, coordenador do Departamento de Educação Artística da PUC-Campinas. Membro da Academia Paulista de História, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Campinense de Letras e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas. Foi diretor da Biblioteca do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Autor de artigos e comentários críticos sobre Arte e História, e de vários livros: *Pequena História da Arte* (20ª edição), *Campinas, uma visão histórica*; *Alguns aspectos da arquitetura urbana em Campinas*; *Vida Cultural em Campinas (1920-1932)*; *Imprensa e literatura em Campinas nos seus primórdios*. *Fotografia: Hora Campinas*. E-mail: duiliobf@hotmail.com

MIRAGEM



S Sérgio Caponi

Entornei a tigela do ser despejando todo o caldo da minha humanidade sobre a toalha da imaginação.

Sigo, agora, olhando para a mancha de vida assim derramada, estático, como quem vê uma única visão.

Uma lúdica miragem .

Mas a miragem não esta lá, onde eu a vejo, mas aqui onde eu a sou, sentado, assim, na primeira fila do cinema da sensação.

Sigo a buscar na tela de linho branco manchado a miragem de mim derramado, sem olhos para quem me vai ao par, sem resposta aos cumprimentos que me fazem ou fala a quem, descuidado, queira me falar.

Quanta cena de tensão inútil, quanta fantasia, quanta certeza fenecida, quanto sonho embebendo as fibras do tecido de minh'alma!

Aqui a bolha do delírio que estoura deixando uma marca circular.

Não longe, jazem traços das máximas mais notáveis, dos postulados comprovados, das leis invioláveis, dos dogmas, das ideologias e das teses que defendi, dos cursos e dos discursos que fiz, dos partidos que tomei e que combati, dos amigos e inimigos que criei e que me criaram seus .

Ali, ainda quente, a realidade inda borbulha como azeite fervente.

Confesso que me dói a visão fatal deste quadro accidental onde o sonho desfeito é o menor mal .

Quanta coisa sentida, quanta vã ilusão.

Tudo porém, agora, não passa desse devir entornado, uma indiferença rasa, arrazoada em ilusão.

Todas as teorias, as hipóteses, as filosofias, as crenças as avenças e desavenças, tudo enfim que me movera, que um dia me animara e comovera, tudo agora projetado na toalha, nada mais é que um quase nada revelado, um borrão sobre o branco da imaginação.

Tenho pena da paixão ali misturada a Bergson a Sócrates e a Platão.

Tenho pena das equações da física relativística, da teoria quântica que quase entendi, dos compostos orgânicos com suas fórmulas de armar com bolas de bilhar e palitos de pirulito formando, no ar, grandes arquiteturas imersas no caldo quase sopa das conjecturas.

Ah...!

Como dói ver Kant, Shopenhauer, Nietzsche e Marx assim misturados num descarte indiferente onde tudo é igual.

Como dói ver o amor, o sonho e a quimera quase bela da ilusão, imiscuírem-se aos espinhos da razão

Perdido de mim, já não mais sou.

Há no que escrevo algo de mim que, também, já, de mim, não mais é.

Um vir dos outros, um quase plágio que contenta mais que descontenta, e que sustenta a uniformidade bruta da essência animal que nos agrupa.

Vejo sobre o linho, como um em mim dos outros, uma alma da humanidade que não me pertence no sentido lato de pertencer, síntese cosmológica, a meu ver, da infinidade humanística e da pluralidade dos indefinidos individuais onde Mozart e Jesus, e alguns mais, recebem seus comensais.

São séculos de história e genealogia, desde o tempo em que Platão era só Platão, um simples cidadão, ou antes mesmo, do tempo em que meus ancestrais aborígenes pintavam e caçavam os mais grotescos animais.

Viadutos, pontes, estradas inacabadas, engenharias, grandes máquinas, elevadores, advogados, carrapatos, chinelos e sapatos, carros, cegonhas, partos e patos, exércitos em batalha, as marcas lúgubres da mortalha com que a terra engole a elite e a gentilha, a viagem à Lua, a fé inabalável na ciência, o trem magnético que flutua, os segredos e os medos, a política, a geometria analítica, o cosmos, os códigos e o cômico, o núcleo atômico, o raio e a melancia, tudo enfim que um dia foi algo definido ou conhecido moldando o inconsciente, o meu e o coletivo, o substrato

subjetivo da mente, tudo o que a alma sente e que faz, agora, o eu que me mente e o nós que nos devora, tudo enfim que vive em mim e que vejo em linho branco projetado neste caldo *freudekafkiano* que, pelo esdrúxulo da palavra e pelo que ela lavra, o mais acertado, fora engano, é que nunca o tivesse entornado.

NÃO SEI, NÃO...

Sérgio Caponi

O dia da tua morte,
Por azar ou sorte,
Será um dia qualquer
Em que a dor da tua falta
Andará pela cidade,
Perdida,
Anônima,
Dolorida,
Como devem doer, juntas, todas as dores da vida.

E tudo será de uma mesmice cretina,
Uma falsa e sordida rotina,
Pra não denotar que partistes.

Um cão magérrimo estará na esquina,
Bem junto à porta de um bar.
Com um olhar perdido,
Parecerá rezar uma prece,
Como se o pobre cão, coitado,
Soubesse.

Entre ele e eu,
Quiçá,
Um abismo se estenderá.

Outro abismo se abrirá no céu
E eu sentirei tua alma dispersa
Abrir-se, assim, como um véu;
Uma fina neblina cobrindo o infinito.
E tu, numa dispersão impossível,
Estarás em toda e em nenhuma parte
Em que meu olhar descarte.

Penso que o sol baterá cru nas fachadas das casas
E a luz, sem clemência, estampará, em tudo, a tua ausência.

Não sei...!

Não sei, sequer, se terei lágrimas para chorar.
Talvez uma gota desvairada escape pela face,
Inútil,
Patética,
Com uma carga poética difícil de carregar.

Não sei...!

Talvez,
Porém,
Antes,

Por um instante,
Meus olhos marejados embacem a cidade
E a dissolvam na imensa fatalidade de te teres ido.

Não sei...!
Não sei sequer se viverei para este dia sofrido.

Sei, apenas, que guardarei a lembrança mansa do que tu tens sido.
Sei, também, que, de todas as porfias da vida,
Será esta a mais sentida.

Depois, não sei o que será de mim!

Pode ser que
Desfeito, assim, em amargura,
Talvez vá, mesmo, um dia, ver tua sepultura.

Não sei...!

Talvez a olhe demoradamente
Sem sentir que estás lá, fria e presente.

Não sei...!

Pode ser que, de repente,
Sinta uma vontade enorme de me afastar.
Talvez um vazio tal se instale.
Que nem mesmo um calafrio cale,



Na minha alma sem calma.

Não sei...!

Talvez, não:

Talvez pregado ao chão,

Fique eu, ali, estático,

Apático,

Vazado de toda emoção

Não sei...!

Tudo que sei é “um não saber que”,

Um doer que inda não doe,

Senão na imaginação;

Uma dor suspensa no ar

Que, pelo sim ou pelo não,

Não sei, não,

Se vou poder suportar...!

SÉRGIO CAPONI

Engenheiro, escritor, poeta. Autor de vários livros. Membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 26 e presidente da Academia Campineira de Letras e Artes. E-mail: sgcaponi@gmail.com

A VONTADE DE PODER



 André Gonçalves Fernandes

Salvo os melancólicos, aquele que não gosta de mandar dê um passo à frente. A julgar pela ânsia que muitos dos políticos, generais e desembargadores colocam em alcançar e manter uma posição de destaque, o poder deve ser um prazer subjugador. Os tapetes das salas onde ocorrem as transferências de poderes nos palácios, quartéis e tribunais são regados pelas lágrimas de tristeza daqueles que se despedem e de emoção daqueles que chegam. Comovente. Sempre muito comovente.

Ainda que o exercício do poder seja verificado em todos os níveis e faixas etárias da sociedade, do *playground* do condomínio entre crianças à cadeira de ministro do STF entre gerontocratas, nenhum pensador sério defendeu que a felicidade residiria no dinheiro e poucos se inclinaram para o prazer. Todavia, o poder tem uma longa linhagem histórica de cortejadores. Ou bajuladores.

Séculos antes de Nietzsche exaltar a vontade de poder a seu modo, personagens como Górgias, Polo, Cálicles e Trasímaco sustentavam que a plenitude vital residia no poder, como podemos ler em *Górgias* e no primeiro livro de a *República*. Nesses diálogos platônicos, quem fosse um tirano num território sem liberdades públicas, como a Macedônia à época, teria que ser extremamente feliz, porque o poder era exercido de forma despótica. O que mais esse sujeito poderia querer da vida?

A resposta de Sócrates foi surpreendente naquela época e, mesmo hoje, ainda o seria hoje. Ele disse: “Depende”. Do quê? “Depende de sua educação e sua virtude”. A questão da vida bem-vivida, mais uma vez, afasta-se sabiamente do ambiente mais ou menos circunstancial das atividades que modificam esse ambiente e passa a se referir à própria pessoa, ao seu saber e ao seu caráter.

Se o tirano macedônio é feliz ou não, depende de seu modo de vida, do que ele pretende fazer com tanto poder aos seus pés. Para Sócrates, o problema não é você, com ideias e sem poder. O problema é que, com poder, não se têm ideias, que é o mais frequente. O pior do poder é que ele não deixa tempo e nem dá vontade de pensar até o momento em que o próprio pensamento não importa mais. Nesse patamar, o tirano macedônico virou um infeliz.

O charme do poder é que há algo mágico nele. Você faz um gesto com a mão e a lâmpada maravilhosa é acionada. Nem sempre um pequeno gênio sai perguntando o que você quer, mas, de qualquer forma, há pessoas que estão te observando, tentando adivinhar seus desejos. Você não precisa se preocupar com o local de estacionamento de seu carro ou ter que discar pessoalmente o número em suas chamadas telefônicas. Numa palavra, você é capaz de dispor de coisas e de pessoas. A grande questão está na retidão dessa disposição e no objetivo que com ela se pretende atingir.

Afinal, o poder é um meio e, por isso, goza de um caráter instrumental. Como todo meio, pode ser bem ou mal-usado e, no poder, não há nada mais preocupante do que um sujeito tolo como seu titular, porque potencializa a margem de dano a si e aos demais. Já tivemos esta experiência na presidência de nossa república tupiniquim e, à época, a tola foi um prato cheio para piadas, memes e postagens divertidas em redes sociais.

Não é de surpreender que todos os sábios que conhecemos ao longo da história tenham desistido da ambição de mandar, porque, certamente, descobriram que o desejo de salvação é mais poderoso que o desejo de poder. Eles perceberam que o fascínio do poder é enganoso, ainda que possa ser afrodisíaco para seu titular: o sujeito, se for numa democracia representativa, ao ser eleito, troca de endereço, de hábitos e, mais cedo ou mais tarde, de cônjuge.

Aquele que goza do poder possui o brilho proveniente de uma luz refletida e uma clareza emprestada. Todavia, geralmente, falta o resplendor, um fulgor que vem de dentro e brilha no rosto e no porte. O brilho vem de fora e é falso. O resplendor brota de si mesmo e é a transcrição de uma verdade difícil, que só pode ser alcançada após um esforço oculto, árduo e assíduo.

O poder é muito perigoso para quem o exerce, pois as ilusões que ele gera acabam produzindo uma vertigem existencial em quem o detém. É por isso que, embora não constitua uma regra sem exceções, a frase de Lord Acton continua a apresentar uma validade impressionante: “O poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente”.

Por outro lado, a par dos aspectos negativos traçados até aqui, um poder bem exercido transforma seu titular num líder, qualquer que seja a escala dele. São, em regra, situações em que se descobre uma possibilidade de ação comum e uma capacidade de condução dos outros à sua realização. E são poucos os que conseguem.

A liderança manifesta-se, sobretudo, em situações de crise social. Também na ofensiva de grandes campanhas militares, como o Dia D, Waterloo e a Batalha de Gaugamela. A história universal nos revela como, em muitas ocasiões, uma pessoa foi capaz liderar um povo ou um exército ao unir energias dispersas e vontades, a fim de encontrar uma solução inédita para um problema que parecia insolúvel. Churchill, por exemplo, moldou, em sua época, o destino de uma nação inteira e Alexandre expandiu o quintal macedônico até os confins do mundo conhecido de então, não sem, antes, humilhar os persas.

Outra característica do líder é sua capacidade de convocar os outros em torno de valores e fazer brotar melhor de cada um no caldo comum daquele esforço de empreendimento conjunto. É por isso que, não raramente, os líderes mais destacados coincidem com fundadores de empresas ou de instituições, grandes políticos ou generais.

São pessoas que deixam sua marca de valor numa realidade que não parecia apresentar relevo especial. E esse alento ético sobrevive ao longo do tempo, desde que haja alguma continuidade na liderança, ou seja, que não falte alguém que mantenha o fogo sagrado aceso. Porém, não basta ter um fogo aceso. É preciso mantê-lo assim por meio da docilidade dos liderados.

Em *Resgate do Soldado Ryan*, vemos isso a todo tempo: o capitão Miller, para cumprir a ordem de encontrar Ryan, perdido nos saltos do Dia D, precisa, constantemente, captar a boa vontade de sua companhia, cujos membros são descrentes da missão suicida que lhes fora confiada, semelhante a localizar uma agulha no palheiro do inimigo.

Falar de docilidade ou obediência parece vir de um vocabulário medieval, quando, na realidade, hoje temos que obedecer com muito mais exatidão e assiduidade do que na Idade Média, época predominantemente anárquica. A sociedade do conhecimento, por ser tecnológica, é exteriormente muito disciplinada. Aliás, precisa ser assim.

A característica da sociedade do conhecimento é que, em todas as tarefas, há alguma criatividade a ser desenvolvida e, portanto, obedecer é tão importante quanto mandar, o que torna a distinção entre ambas uma espécie de zona cinzenta. Isso também significa que as funções de controle – vigilância, tempo e medição de rendimentos quantitativos – estão desaparecendo como competências laborais específicas. Em qualquer organização,

todos têm que “fazer-fazer”. A burocracia está morta, ainda que os burocratas não saibam disso ainda.

Todavia, a qualidade desse mandar/obedecer não é algo que se define pelas coisas externas que são produzidas – sejam salsichas, pijamas ou diplomas universitários –, mas pelo valor interno de pessoas que se esforçam para aperfeiçoar seu próprio caráter no exercício de suas habilidades laborativas. Toda empresa, hoje, deve aspirar a ser uma “organização inteligente” e o típico de organizações inteligentes está em incorporar um alto grau de componente intelectual e, por isso, as dimensões da decisão (mandar) e da execução (obedecer) atuam de forma galvanizada, de sorte que, no exercício das tarefas, o profissional é capaz de alcançar os resultados estipulados de uma maneira mais bem-sucedida e coordenada com o restante da cadeia produtiva.

Já não mais trabalhamos, como o proletário das primeiras revoluções industriais, na dimensão do espaço, mas na dimensão do tempo. O importante, agora, não são mais os sistemas ou as estruturas, mas saber prever o futuro e projetá-lo a partir de um trabalho que não se justifica pelo sucesso já alcançado, mas pela capacidade de alcançar um novo sucesso.

Nesse ponto, entramos no terreno da biopolítica. A atividade política tornou-se tão técnica atualmente, que achamos estranho confrontá-la com a ética e, em geral, incluí-la num discurso sobre uma vida bem-vivida. E, no entanto, é precisamente essa tendência da política ao pragmatismo completo e à consagração do efficientismo que coloca os problemas humanos da maior relevância em torno dela.

Quando a política é subserviente aos imperativos – ou, melhor, aos dogmas – da eficiência, da competitividade internacional, do pragmatismo e do lucro econômico, restam abertas as portas do imoralismo, ainda que tais imperativos prometam uma série de benefícios econômicos e a maior felicidade do maior número, como diria Bentham.

Há um fatalismo determinista, segundo o qual, se você começar a falar publicamente sobre uma questão bioética conflitante, como aborto ou eutanásia, ela, mais cedo ou mais tarde, acabará sendo legalizada. É um pouco a ideia marxista de que o que tem que acontecer, irá acontecer. E o que chama a atenção, nesse caso, é que a própria ética aplicada – no caso, a bioética – pode se prestar a desempenhar um papel de mediação dialógica, se levada por um viés consequentialista, aquilo que corresponde ao que Charles Taylor chama de “avaliação débil”, porque exclusivamente focada na otimização do resultado.

Graças a uma peculiar bioética, orientada para este estrito fim, podem ser feitas distinções presumidamente filosóficas e supostamente científicas, que envernizam o

diálogo e acabam por permitir a negociação, na qual – como estava fadado a acontecer – a permissividade acaba mandando tudo às favas, embora nossa Constituição Federal, nesse tema, proteja o direito à vida de todos.

Abordada dessa maneira, não é de surpreender, então, que certas versões da própria ética produzam uma perplexidade moral inquietante. Alguns dos chamados a defender os bens vitais e as leis que protegem a dignidade da pessoa humana estão na vanguarda da procissão que clama, cada vez mais alto, pela abolição do homem, notadamente, os defensores do aborto como “direito humano”. O grande desafio atual da bioética e de outras versões da ética aplicada ou da ética profissional consiste justamente em aderir aos princípios morais básicos de que o mal deve ser claramente distinguido do bem e que o fim não justifica os meios no exercício do poder político.

Isso é mais perceptível no campo econômico. Neste território, o exercício da política está do lado dos poderosos, ainda que oficialmente proteja os fracos. A ética econômica e a ética empresarial, quando são de natureza pragmatista ou consequencialista, começam a introduzir distinções, para mostrar que o que parece ser um abuso ou uma corrupção da verdade não é bem assim, quando os verdadeiros objetivos da ética econômica e da ética empresarial devem ser a defesa da justiça, a proteção dos mais fracos, a promoção da solidariedade internacional e a promoção da dignidade humana de qualquer trabalho.

Portanto, é preciso evitar a tendência desumanizante do estilo atual de se fazer política, porque os movimentos emergentes de uma nova sensibilidade social estão colocando contra as cordas aqueles que querem manter vantagens econômicas obviamente injustas. A **“ética”, seja relativista ou consequencialista, explode e assistimos a um promissor desdobramento da moralidade baseada na virtude, nos bens qualitativos e nas normas inalienáveis do direito natural.**

Estamos na crise do *Welfare State* e, concomitantemente, chegando ao fim histórico de um modelo fanático de ciência e tecnologia que, ingenuamente, pretendia ser transferido para o campo da política, de modo que, a longo prazo, a ética e todas as outras considerações humanísticas seriam supérfluas.

Contudo, não têm sido assim. As considerações que se revelaram não supérfluas, mas totalmente inviáveis, foram as aspirações tecnocráticas dos aprendizes de feiticeiro. A técnica nunca substituirá a ética, porque a dimensão dos meios nunca é capaz de nos dizer quando sua adoção é correta e quando ela não é. Gosto de parafrasear o velho Kant e dizer que a ética sem técnica é vazia, enquanto a técnica sem ética é cega. Precisamente nisto consiste a tarefa da ética. Todavia, isso é um tema para outras linhas...

ANDRÉ GONÇALVES FERNANDES

Graduado em Direito pela Faculdade São Francisco (USP) e em Filosofia pela Faculdade São Bento. Mestre, Doutor, Pós-Doutor e Pesquisador em Filosofia e História da Educação e Pós-Doutor em Lógica, Epistemologia e Filosofia da Ciência pela UNICAMP. Pós-Doutor em Antropologia Filosófica e ex-Visiting Scholar pela Universidad de Navarra (ESP). Pós-Doutor em Filosofia do Direito pela Universidad Austral (ARG). Parecerista: Revistas Jurídicas IURIS POIESIS (Qualis A2), DIGNITAS (Qualis A2) e membro do corpo editorial da Revista Opinião Jurídica (Qualis A1). Professor de metodologia jurídica e de filosofia do direito do Instituto Ives Gandra Martins. Professor de antropologia filosófica, hermenêutica, teoria do conhecimento e filosofia moral da UNINGÁ e das Faculdades Mar Atlântico. Juiz de Direito. Escritor. Titular da Cadeira 30 da Academia Campinense de Letras. Fotografia <https://educa.enfam.jus.br/perfil-publico-formador/andre-goncalves-fernandes/4k37nkqv7v>. -mal: fernandes.agf@hotmail.com

DR. DAISAKU IKEDA E O BRASIL: AMOR QUE TRANSCENDE FRONTEIRAS



*Ademir José da Silva**

Este texto é um convite a viajar no tempo e no espaço, do Oriente ao Ocidente, e nos levará a refletir sobre: passado; presente e futuro, alimentados pela esperança do Amor sem fronteiras pela humanidade em respeito à dignidade da vida. A partir de uma única pessoa com pensamentos, olhares e ações abrangentes, não só para sua terra natal, Japão (Oriente) ou Brasil (Ocidente), como também voltado para a humanidade no mundo inteiro, na busca de paz, cultura e educação.

Este amor e ampla visão aqui referidas dizem respeito ao Dr Daisaku Ikeda, nascido em 2 de janeiro de 1928, em Tóquio, Japão, filho de uma família de coletores de algas marinhas. Na infância, tinha saúde debilitada e, jovem, sofria constantemente com tuberculose. A expectativa de vida era de 30 anos de idade.

Como a maioria das famílias japonesas à época, a do Dr. Ikeda sofreu os horrores da Segunda Guerra Mundial, incluindo a perda do irmão mais velho em combate, tendo sua casa destruída pelos incêndios provocados por ataques aéreos em duas ocasiões. No caos do pós-guerra, ele lia os escassos livros de literatura e filosofia em busca de um rumo seguro e de paz para sua vida.

O Jovem Daisaku Ikeda foi convidado a participar de uma reunião Soka Gakkai que abordava o tema filosofia. E ficou tão impressionado com as explicações do Prof. Josei Toda sobre a vida, que decidiu segui-lo e se tornar discípulo do mesmo. Também se converteu ao Budismo de Nichiren Daishonin, base filosófica que norteou sua vida dali em diante..O Prof. Toda foi tão importante, que seu ensinamento foi denominado por Daisaku Ikeda de “Universidade Toda”. (BS 2556,2021).

Em 1951, o Prof Toda se tornou o Segundo Presidente da Soka Gakkai, até seu falecimento em 02/04 de 1958. Expandindo a Associação voltada a criação de valores jovens, tendo o jovem Daisaku Ikeda como seu discípulo mais diligente. Com a morte do Presidente Josei Toda, em 03 de maio de 1960, o Jovem Daisaku Ikeda assumiu a 3ª Presidência da Soka Gakkai. Assim em outubro do mesmo ano, fez sua primeira viagem internacional. No roteiro incluía Estados Unidos, Canadá e Brasil.

O então presidente Dr. Daisaku Ikeda estava com a saúde muito debilitada e, devido a isso, a comitiva que o acompanhava sugeriu que ele não viesse às terras brasileiras. Entretanto, seu comprometimento e esperança o fez suplantar as adversidades e deixou-se ser guiado pela convicção e forte senso de missão, em encontrar e incentivar as pessoas. Naquele instante, a despeito de todas as advertências bradou: **Contudo, eu irei! Existem companheiros que estão me aguardando. Jamais cancelaria a viagem sabendo que eles estão me esperando.** Houve alguma vez em que o presidente Josei Toda recuou em meio a uma luta? Eu sou discípulo do presidente Josei Toda! Eu irei. Irei sem falta, custe o que custar! **Se tiver de tombar, então tombarei em combate!** Que desventura pode haver nisso? ” (Nova Revolução Humana, v. 1, p. 198).

Foi com essa determinação que em 19 de outubro de 1960, a comitiva chegou ao Brasil, e no dia 20 em um Restaurante chamado Chá Flora, no bairro Liberdade em São Paulo, o Dr. Daisaku Ikeda reunido com poucas famílias de imigrantes japoneses que pertenciam a Soka Gakkai no Japão e que vieram para cá como imigrantes. Nesse momento, anunciou a criação do Distrito Brasil formado por três Comunidades: São Paulo; Arujá e **Campinas**. Bradando: “**O Brasil tornou-se pioneiro em cultivar e propagar a paz entre as pessoas comuns no mundo**”. (BS 2344,2016).

Posteriormente, 26 de janeiro de 1975, no Guam International Trade Center, na ilha de Guam, 158 representantes de 51 países participaram da fundação da Soka Gakkai Internacional (SGI). O Dr Daisaku Ikeda, assumia como presidente da organização. Nesse dia realizou-se a primeira. Conferencia para a Paz Mundial, e a finalidade da fundação era a contribuição da organização para sociedade baseada no movimento de paz, cultura e educação.

A escolha da Ilha de Guam foi para assinalar o primeiro passo em direção à paz da humanidade por haver sido palco de sangrentas batalhas entre tropas nipônicas e norte-americanas durante a Segunda Guerra Mundial. Logo depois do ataque a Pearl Harbor, no Havaí, tropas japonesas ocuparam Guam.

Destaca-se que o Dr Ikeda ressalta o valor da BSGI no cenário mundial quando afirma: “A nossa SGI já se expandiu para 192 países e territórios, e o **Distrito Brasil**, que fundei com as minhas próprias mãos, sem dúvida, foi a semente, a origem, o ponto

primordial de todo esse crescimento. Não há nada que me deixe mais feliz do que o grandioso desenvolvimento dos meus preciosos amigos do Brasil — da mais profunda relação cármica —, comprovando de fato a denominação de “Monarca do Mundo” (BS, ed. 2.296, 24 out. 2015, p. A1).

Esse é o lugar que o Brasil e Campinas ocupou e ocupará eternamente no coração do Dr Daisaku Ikeda e dos associados da Associação Brasil Soka Gakkai (**BSGI**) e da Soka Gakkai Internacional (**SGI**).

Campinas, desde então tem se destacado através da Organização local contribuindo com a cidade no campo da paz, cultura e educação, bem como, na atuação individual de cada associado buscando ser bons cidadãos, respeitando ao máximo a dignidade da vida. Manteve uma profunda relação com o Brasil, com os associados da BSGI, interagiu com o povo e Instituições educacionais. Criou no Amazonas – Cepeam -Unidade de preservação do Meio-Ambiente; em Itapevi em Barueri – o Centro Cultural Campestre, criou a Instituto Soka de Ensino, hoje colégio Internacional.

O Dr. Daisaku Ikeda, através de sua contribuição com no campo da paz, educação, cultura, recebeu as seguintes homenagens como cidadão campineiro:

- I. Moção de Louvor 22/04/1997, Câmara Municipal de Campinas;
- II. Cidadão Honorário do Município de Campinas,08/11/1997, Câmara Municipal de Campinas;
- III. Medalha Carlos Gomes , 06/06/1998, Câmara Municipal de Campinas;
- IV. Medalha de Honra ao Mérito 06/06/1998, Câmara Municipal de Campinas;
- V. Sócio Honorário da Academia Campinense de Letras, 06/06/1998;
- VI. Moção de Aplausos de 28/04/2000, Câmara Municipal Campinas;
- VII. Diploma de Mérito Herberth de Sousa-Betinho, 16/03/2006, Camara Municipal de Campinas;
- VIII. Medalha Arautos da Paz, 13/05/2008, Câmara Municipal de Campinas;
- IX. Sessão Solene comemorativa aos 40 anos da BSGI, 20/10/2010, Academia Campinense de Letras;
- X. Diploma de Mérito Educacional Prof. Darcy Ribeiro, 28/10/2010, Câmara Municipal Campinas;
- XI. Diploma de Mérito Jornalístico Braulio Mendes Nogueira, 16/03/2012, Câmara Municipal de Campinas;

- XII. Sessão Solene, 03 de Maio de 2013 alusiva ao dia 13 de maio -Posse Presidencial, Academia Campinense de Letras;
- XIII. Diploma de Mérito Zumbi dos Palmares, 12/12/2013, Câmara Municipal Campinas;
- XIV. Moção de Aplausos 12/012/2013, Câmara Municipal Campinas;
- XV. Diploma de Honra ao Mérito, 20/11/2017, Câmara Municipal de Campinas.

Desta forma, importante salientar que a Cidade recebeu as seguintes exposições: Desenhos das Crianças do Brasil e do Mundo; Direitos Humanos, Direitos de Todos e a Exposição Internacional - Ghandi, King, Ikeda em parceria com a Unicamp. Palestras e Exposição na Academia Campinense de Letras.

Por fim, este exímio cidadão campineiro Daisaku Ikeda, Presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI). Pacifista, prolífico escritor, poeta e educador, fundou em todo mundo instituições para promover a paz, a cultura e a educação convicto no poder da “revolução humana e desenvolvimentos das pessoas, dialogou com milhares de personalidades e estudiosos, visando unir os povos e derrubar as barreiras do preconceito e da discriminação.

Por seu esforço pacifista já recebeu mais de 360 títulos de Professor e Doutor Honorário em Universidades do mundo todo, recebeu centenas de homenagens de instituições nacionais, sendo inclusive, socio correspondente da Academia Brasileira de Letras desde 1993”.(ABL) - Fonte: Ikeda,Daisaku, livro Educação Soka.

É também socio Correspondente da Academia Campinense de Letras, desde 1998. Quando esteve no Brasil pela quarta e última vez em 1993, travou um diálogo sobre Direitos Humanos com o Jornalista, jurista Austregésilo de Athayde resultando no livro Direitos Humanos no Século 21.

ADEMIR JOSÉ DA SILVA

Advogado, escritor, palestrante. Graduado em Direito pela PUC-Campinas, Pós-graduado em Direito Público. Presidente das Comissões de Direitos Humanos, Defesa do Consumidor, Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra no Brasil, Assuntos Antidiscriminatórios e Igualdade Racial da Subseção OAB Campinas. Foi também diretor do Procon Campinas e do Departamento de Cidadania. email: Ademir.ademirsilva@gmail.com

AS DUAS CIDADES



R
Romilda Baldin

A REAL.....

Para que se possa chegar ao trabalho dos escultores em Campinas, principalmente na Campinas saudosa, silenciosa, intramuros, relato aqui um pouco da história de como foi construído seu atual cemitério onde estão abrigadas todas essas obras maravilhosas, o antigo Cemitério do Fundão, atual Saudade. E assim conheceremos um dos maiores museus a céu aberto do mundo, uma cidade intramuros com trinta e dois mil jazigos e quatrocentos mil sepultados, divididos em cinco alas, que foram os antigos cemitérios da cidade.

Começemos pela cidade real, antiga vila rural, viajemos no tempo e retornemos às Campinas do Mato Grosso. As terras de Campinas começaram a atrair pessoas, principalmente lavradores de outras paragens desde 1722, com a “Bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva - O Anhanguera”, que por aqui passou, no bairro de Mato Grosso de Jundiáí, com sua comitiva a caminho de Goiás, em busca de terras preciosas.

Pequenas construções começaram a surgir na mata, formando assim três núcleos: Primeiro nas imediações do atual bairro Nova Campinas, próximo do estádio do Guarani Futebol Clube; segundo nas imediações de onde é hoje o Monumento de Carlos Gomes e o terceiro no Largo Santa Cruz, que mais tarde se transformaria em um local de parada para os que iam a Goiás.

Esses pousos fizeram com que um cidadão de Piratininga, Antonio da Cunha Abreu, se interessasse pelas terras do Mato Grosso e conseguisse do Capitão Mor a concessão da primeira sesmaria na região, em 17 de Maio de 1728, com uma légua e centro no atual largo, onde se situa o Monumento a Carlos Gomes. Esse núcleo cresceu e os outros dois

desaparecessem, ficando somente um pequeno pouso no Largo Santa Cruz...e apesar de serem concedidas sesmarias até 1774, no censo de 1754 constavam apenas Silvestre Martins Nogueira e Barreto Leme como sesmeiros... a população era pequena e vivia da agricultura de subsistência, e não existia um núcleo urbano.

Foi Francisco Barreto Leme, sesmeiro nascido em Taubaté (1704) e falecido em Campinas (1782) quem planejou em suas terras a Matriz, dividiu lotes ao seu redor para que se erguessem casas, dando início a um povoado. Barreto Leme chegou à região com a família e vontade de povoá-la, nomeado seu fundador e administrador, e teve a grande ajuda de Frei Antônio de Pádua Teixeira, primeiro vigário. Ele é considerado o Pioneiro do Povoamento.

Com o passar do tempo, o número de agricultores crescia e com isso a produção e as vendas dos produtos para os que iam a caminho de Goiás e às cidades vizinhas. Isso não estava sendo visto com bons olhos pelos governantes da Vila Nossa Senhora do Desterro de Jundiay, que se impressionou com o desenvolvimento das “Campinas do Mato Grosso”, que já em 1767 contava com quase 400 (quatrocentas) pessoas entre livres, brancos e escravos, pequena população liderada por Barreto Leme que queria a independência de Jundiay. Barreto Leme ajudado por José de Souza Siqueira fez uma petição pedindo ao Cônego Antônio Toledo Lara (Governador do Bispado da Província de São Paulo) autorização para a construção de uma igreja paroquial, porque os habitantes tinham que percorrer quase dez léguas para frequentarem missas, enterrarem seus mortos, enfim para todos os sacramentos cristãos.

Nessa petição datada de 25 de outubro de 1772, pediam também que o novo núcleo habitacional fosse denominado “Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso”. Em 18 de janeiro de 1773, o bispado da Província autoriza a construção da Igreja, desde que fossem arrecadados anualmente 6 (seis) mil réis, impossível pois o núcleo constituía-se por lavradores sem poder aquisitivo. Nova petição foi enviada para que fosse erguida uma capela provisória até que pudessem edificar um templo maior, a qual foi despachada favoravelmente a Francisco Barreto Leme, em 07 maio de 1774. Em 27 de maio de 1774, foi nomeado pelo “Morgado de Mateus” como fundador e diretor da nova povoação de Campinas do Mato Grosso. Simultaneamente, recebe autorização para construir a capela, erguida onde hoje está o Monumento Túmulo de Carlos Gomes. A primeira missa foi celebrada em 14 de julho de 1774 por Frei Antônio de Pádua, sendo essa a data oficial da fundação de Campinas.

A igreja foi inaugurada em 25 de julho de 1781 com o nome de Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, e quando se construiu a Matriz Nova, essa passou a Igreja Matriz Velha Nossa Senhora do Carmo, passando o nome de Nossa Senhora da

Conceição à nova Matriz, hoje Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Conceição de Campinas... A Catedral é o maior templo do mundo construído em taipa de pilão com 4.000 metros quadrados e um dos mais altos. Da forma de construção da Matriz Velha só restam fotos, pois na década de 1930 foi feito um restauro, modificando totalmente sua arquitetura.

Assim se iniciou o novo povoado, Barreto Leme distribuiu lotes ao redor da Matriz para construir casas e a produção rural crescia, principalmente, a de açúcar, atraindo ao povoado senhores de engenho de Itu, Jundiá e de outras paragens... o pequeno povoado antes com 400 habitantes crescia, pois começaram os casamentos dos senhores com as filhas dos produtores.

AS MUDANÇAS DO POVOADO...

As roças iniciadas por volta de 1740 alicerçaram o desenvolvimento de Campinas, representaram o povoamento rural e foi a semente matriz para o futuro da que se tornaria esta grande Metrópole, importante para o País.

Barreto Leme logo após a nomeação de fundador e diretor, distribuiu os seus lotes ao redor da Matriz para a construção de casas e com isso a produção rural crescia, principalmente as plantações de cana de açúcar e isso acabou atraindo para o povoado os senhores de engenho de outras paragens... e o pequeno povoado de 400 habitantes cresceu, e com isso começaram os casamentos dos senhores de engenho com as filhas dos produtores.

De 1790 a 1795 com esses casamentos surgiram os engenhos de açúcar com seu poderio, e iniciaram-se casarões de taipa ou pau a pique, coberturas de telhas feitas aqui mesmo. As matas eram ricas com árvores que produziam excelentes madeiras para as construções. Tudo era feito pelos escravos nos engenhos: desde o corte das árvores até o produto final: assoalhos, forros, vigas de sustentação, telhados, móveis, carros de boi, e até utensílios domésticos.

O algodão se transformava em tecido, fiado em casa por tecelões, sempre presentes nos meios rurais. O Povoado enriquecia e os donos dos engenhos passaram a ter direitos de propriedade e com as sesmarias concedidas pelo Capitão Geral da Capitania de São Paulo, chegaram novos elementos ricos, que elevaram a riqueza e a projeção do povoado ao nível das vilas mais importantes da Capitania, e tudo muito rápido de 1741 até 1900, Campinas progrediu muito. Em 1797, foi elevada à Vila com o nome de Vila de São Carlos e em 1842 foi elevada por D.Pedro II à cidade com o nome de Campinas.. e em 1847 com

a visita de D. Pedro II, Campinas saiu de uma simples vila para uma rica cidade, e com a vinda do café e seus barões, Campinas enriqueceu mais ainda.

Aqui terminamos nossa “viagem” à Campinas real, e iniciamos a viagem a outra Campinas, a silenciosa, a saudosa, sem vida aparente, mas que também crescia, povoada pelas almas benditas e por seus mausoléus e monumentos que falam intra muros sobre a prosperidade que o café trouxe extra muros... Nesta cidade silenciosa, a ARTE nos guiará por suas ruas, onde caminhamos entre esculturas belíssimas, a maioria feita por escultores italianos, que chegavam ou eram contratados pelas famílias tradicionais de Campinas, para perpetuar e cultuar os entes queridos... Essa cidade, intramuros, com suas quadras, avenidas, mausoléus, capelas, se chama hoje “CEMITÉRIO DA SAUDADE... nele encontraremos a beleza da morte e o enaltecimento da vida...

A CIDADE SILENCIOSA...

Campinas conviveu com a morte, pela série de epidemias: varíola, tifo, e as tantas de febre amarela que quase dizimou a cidade e uma das grandes preocupações das autoridades, desde antes de se tornar cidade, era “onde enterrar seus mortos, onde colocá-los em sua última morada”...

Em 1740, os campineiros reivindicavam um local para enterrar seus entes queridos, um local abençoado, um campo santo. O cemitério mais próximo se localizava em Jundiáí, com um espaço para os enterros dos que vinham do bairro do Mato Grosso, denominado “Cemitério das Campinas”. No Livro “Campinas, Município No Império” de Celso Maria de Mello Pupo, encontramos, no Livro de Óbitos da Paróquia de Jundiáí, nomes das pessoas enterradas neste cemitério.

Era penoso o trajeto ao cemitério, pois demorava até dois dias de viagem, à pé, por caminhos difíceis, transportando o cadáver, envolto em lençóis e o mal cheiro fazia as pessoas passarem mal. Ocorriam muitos tombos, e o cadáver ia ao chão também. Ter uma sepultura cristã era importante para as pessoas, fossem elas ricas ou pobres, queriam enterrar seus mortos, segundo a crença que professavam, ou seja, a católica, a única até então existente.

Essa reivindicação foi iniciada por Francisco Barreto Leme, com uma cercadura de terreno, após a autorização diocesana para a construção da capela, onde se iniciaria nossa cidade. Os enterramentos começaram em 1753 e findaram em 1774, quando foi erguida a 1ª Capela, onde os corpos passaram a ser enterrados. Com isso Campinas teve seu Cemitério de tornar-se cidade e de ter sua Primeira Capela, porque ser enterrado

em um local que não fosse santo, no pensar deles, comprometia a alma e impedia a entrada no paraíso.

Quando a Capela ficou pronta, os sepultamentos eram feitos, dentro dela e ao seu redor, a partir de 22 de Julho de 1774. Mas ela era pequena para atender a assistência religiosa e sepultamentos, que eram discriminatórios em relação aos escravos, aos agricultores e aos mais pobres. O átrio e o corredor eram reservados a personalidades, bem próximo ao altar, pela hierarquia, enquanto para o povo era destinada a praça próxima da capela e seu entorno, que hoje seria a Praça defronte ao Monumento Túmulo de Carlos Gomes.

A Capela foi substituída pela Matriz, construída do outro lado da praça, mantida até hoje, e se chamava Matriz Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso. Hoje é a Basílica Nossa Senhora do Carmo, ou Matriz Velha, assim conhecida quando a atual Catedral ficou pronta. Nesse contexto, fez-se a transladação dos ossos da Capela, com os registros no Livros de Óbitos, em 7 de novembro de 1787, mas só daqueles de dentro da Capela.

Os forros católicos e os escravos não se misturavam nesse cemitério, dentro da igreja, e por ordem da própria Igreja foi construído um segundo cemitério, em agosto de 1823, ao lado da Capela do Rosário, com o mesmo nome “ Cemitério do Rosário”, destinado aos negros escravos e aos libertos católicos, fronteiro à atual Praça Guilherme de Almeida na esquina da Rua do Rosário (atual Francisco Glicério) com a Rua das Casinhas (atual General Osório). O terreno lodoso, em razão do brejo, dificultava os sepultamentos, e por ordem da Igreja, em 27 de agosto / 1831, foi desativado e o terreno vendido.

Mais tarde, Joaquim Teixeira Nogueira construiu sua residência assobradada no local. Os negros e libertos católicos ficaram sem local para serem sepultados. Cônego Melchior Fernandes Nunes, que se mudara para Campinas em 1837, pede autorização à Cúria Diocesana e à Câmara para construir uma Capela e um jazigo para sua família, em sua propriedade. A bênção desta Capela e Jazigo constam do livro do Tombo, às folhas 44, datado de 28 de janeiro / 1837, e em 1867 tornou-se a Igreja de São Benedito. O Cônego propiciava a encomendação do morto, próximo ao seu jazigo, com um pagamento permitindo e enterro de negros alforriados e escravos em sua capela.

Esse cemitério fora da igreja se localizava onde está a Creche Bento Quirino, no terreno que a separa da igreja, onde fica o Salão Social da Igreja. Ficou conhecido como Cemitério dos Cativos, coordenado pela Irmandade Nossa do Rosário e após pela Irmandade de São Benedito. Apesar de o cemitério do Rosário ser o segundo da cidade, há poucos relatos, então é considerado o primeiro cemitério a céu aberto da cidade. Em

1855, pela ameaça da epidemia de cólera, o dr. Teodoro Langaard, para prevenir o surto, manda verificar o Cemitério dos Cativos, a céu aberto, e o encontra em perfeita ordem.

Campinas em 1822, época do Império, possuía Câmara Municipal e em 1829 essa Câmara já detinha prédio próprio em frente à Matriz. Em 1836 toma posse o 1º Prefeito, Antonio Manuel Teixeira; em 05/02/1842 Campinas é elevada à categoria de cidade. A cidade prosperava, com festejos intensos, visitas do imperador... Surgem as escolas, os internatos femininos e masculinos, Colégio Culto à Ciência (1874) Liceu de Artes e Ofícios (1892 - Atual Liceu Salesiano), inaugura-se a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí e em 1872 o trecho Jundiaí – Campinas, inaugura-se a Cia Mogiana de Campinas (1875), Bondes de Tração Animal(1879) Telefone (1884) Instituto Agrônômico, Santa Casa (1871), Beneficência Portuguesa (1879) Circolo Italiani Uniti – Casa de Saúde (1881) enfim a cidade crescia em população, expansão, propriedades, fazendas, enriquecia, mas E OS MORTOS??? O que fazer?? Onde colocá-los??

Com o crescimento da cidade, os Cemitérios existentes desapareceram e construiu-se outro, fora do perímetro urbano, em ampla área, no início da Rua Cônego Cipião, antiga Porteira da Capivara (passagem dos trens), próximo do pátio de manobras da Fepasa, hoje Teatro José de Castro Mendes e Viaduto Miguel Vicente Cury, na Vila Industrial. Era um conjunto de quatro Cemitérios, sendo os mesmos do Cemitério da Saudade...e funcionou de 1860 a 1881.

O **Cemitério Público Municipal** recebia todos sepultamentos da cidade, exceto os beixigentos e os morféticos, que eram enterrados nos Lazaretos da cidade. **Cemitério da Irmandade de São Miguel e Almas**, inaugurado em 16 de janeiro de 1854. **Cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral**, datado de 1861, cercado por muros de taipas, para diferenciá-lo do Cemitério Público, com calçadas de pedras e ruas internas feitas de ladrilhos atijolados e no centro um grande Cruzeiro. Havia um portão de ferro, com colunas e dois globos de louça portuguesa. O **Cemitério dos Protestantes** era administrado pela Sociedade Alemã de Instrução e Leitura em 1863.

A população campineira crescia. A cada dia chegavam na cidade pessoas para aqui morarem e isso aumentava o número de mortes, e necessidade de ampliações e reformas no Cemitério. O convívio entre os vivos e os mortos tornava-se difícil, pois a modernidade não permitia mais cemitérios próximos da população, porque não podiam incomodar os habitantes. Com um novo código sanitário em vigor, os cemitérios deveriam ser colocados o mais longe possível dos centros populosos e pelo menos a 300 metros de distância das habitações.

A solução foi mudá-lo para o mais longe possível do centro da cidade, longe das habitações, em local alto, onde os ventos não contaminassem e foi escolhido o Bairro

da Santa Cruz , considerado então saída da cidade (atual Largo Santa Cruz). Porém a Câmara Municipal protestou e a rejeição fez com que os mortos se mudassem para um novo lugar em definitivo. Uma comissão especial optou pela aquisição de cerca de dois alqueires de terra de propriedade de Francisco Abilio de Andrade e Irmãos, lá pelos lados da Capelinha do Fundão (datada sem comprovação de 1879), onde se construiu o novo Cemitério, cujo nome Cemitério do Fundão indicava a distância da cidade, recebendo a bênção de Campo Santo em 20 de maio de 1880. Começou a funcionar em 1881, para onde foram transferidos os restos mortais dos que jaziam nos Cemitérios da Vila Industrial, entre 1881 e 1895, autorizado pelo Bispo Diocesano de São Paulo. A partir de 1881, era permitido sepultamento no Cemitério do Fundão, a última e definitiva mudança que os mortos sofriam e não mais incomodariam os vivos. A cidade dos mortos seria cercada por muros separando assim os dois mundos.

O Cemitério do Fundão, em 1924, mudou o nome para Saudade, o mais antigo e maior em atividade de Campinas, onde a memória da cidade se perpetua por obras belíssimas, com esculturas, adornos, capelas, túmulos e mausoléus, o que faz dele um Museu a céu aberto, com obras de artesãos, na maioria italianos, marmoristas e pedreiros competentes. De barões a escravos, pessoas que fizeram a história ou desconhecidos, monarquistas, republicanos, heróis, todos se encontram nesta cidade intramuros a contar como ela se desenvolveu e enriqueceu no período do café. As sepulturas, capelas, esculturas demonstram a história de um povo, a diferença social, pelo contraste de túmulos, mausoléus, diante de tantos outros mais simples, ou outra localização atesta a hierarquização dos mortos neste Cemitério. E assim está até hoje lá, com seus túmulos esculturais, verdadeiro museu a céu aberto. Apesar de tantos outros terem sido construídos, o Saudade ou antigo Fundão merece ser preservado.

ROMILDA CAZISSI BALDIN

Escritora, historiadora, palestrante, pesquisadora da imigração italiana e portuguesa. Graduada em Relações Públicas pela PUC-Campinas e em História pela Fac. Anhanguera. Especialista em Genealogia, com cursos do exterior. Membro do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Campinas – Cadeira nº 8, da Academia Campineira de Ciências, Letras e Artes das Forças Armadas Cadeira nº 6, e da Academia Campinense de Letras – Cadeira nº 35. Autora dos livros: *Ritorno al Passato*- a saga de uma família veneta, 2006; *Campinas Italiana* - as obras e conquistas dos primeiros imigrantes italianos em Campinas (2013); *Eles embelezaram a Morte, Enaltecendo a Vida*-Escultores Italianos em Campinas (2017). E-mail: baldincidadania@gmail.com

SENTIMENTOS POÉTICOS



Tabajara Dias de Andrade

Onde está você agora?
O que pensa pra depois?
Veja se neste caminho
Ha espaço pra nós dois.

NUNCA DESPREZE UM ABRAÇO

Nunca despreze um abraço,
A vida é frágil e fugaz.
Esta dança incerta,
Nos ensina a valorizar,
Cada gesto, cada toque,
Um abraço pode ser tudo a salvar.

Ele era um homem maduro, forte e sadio,
Entre frutas no pomar,
E em quatro dias, a despedida,
Um adeus sem aviso, tão duro

Abrace com fervor,
Pois pode ser a última chance de amar.
Não deixe escapar essa união,
De corações a pulsar.
Nunca despreze um abraço,
Ele é a lembrança de quem partiu, mas ficou.

TABAJARA DIAS DE ANDRADE

Médico psiquiatra, escritor, poeta, palestrante. Membro do Conselho de Amigo da Academia Campinense de Letras, nos termos do Capítulo V do seu Estatuto Social. E-mail: tabajara.clade@gmail.com

DE ENIGMAS DE UM ROSTO INSONE (ED. ADONIS)



Régis de Moraes

FLOR QUE VOA

Uma flor,
pequena flor
em manhã tempestuosa.

Borboleta,
incrível borboleta
entre estrondos
e trovões.

Erro de viver
para ver e acarinhar
doçura tamanha
na tempestade
(de fora e de dentro)

TENACIDADE

Espero-te na esquina da existência
sob chuva ou sol, com uma paciência
feita de discretas lágrimas.

Esperar-te é o que me tem restado,
pois de caminhar buscando-te
me esfalfei metade do caminho.

Atravessar uma vida
à procura de mim mesmo,
em busca de luz para o meu caminho
- divina luz que sei haver,
desde que aqui cheguei,
nalgum canto de mim-,
e em noites sem fim
apenas apalpar o rosto da escuridão.

Espero-te, teimo em esperar-te,
chama que não vem do sol,
fogo que não queima, tempera apenas
o aço da existência.

Espero-te nas curvas da vida,
no sol, na chuva, na neve,
até que sobre, do mendigo que sou,
o estojo do coração
para acolher a chama
pela qual esta alma se esvaiu.



JOÃO FRANCISCO RÉGIS DE MORAES

Mineiro de Passa Quatro, licenciado em Filosofia e Ciências Sociais, doutor em Educação na área de Filosofia e História da Educação, com livre-docência. Prestou serviços à Universidade Técnica de Lisboa, lecionou na Pontifícia Universidade Católica do Chile, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e na Universidade Estadual de Campinas até aposentar-se. Tem cerca de uma centena de livros publicados nas áreas de Filosofia, Sociologia, Literatura e Literatura religiosa. Membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 19. Foto: <https://www.editoraeme.com.br/regis-de-morais>. E-mail: (filha Flávia) flaviadcmorais@yahoo.com.br

CANTOGRAFIA

A CIDADE E OS LIVROS.



C Carlos Alberto Vogt

INFORMAÇÃO

Não era novidade
Era esquecimento
De novo
A repetição se sempre
(11/03/2025)

URDIDURA

Sozinho
um sabiá
tece

a noite
assim tecida
em solidão
é a noite
como pão

amanhecida

(08/02/2025)

METAMORFOSE

Você se acostuma

tanto

com você mesmo

que mal nota

a transformação

de você em outro

e a permanência

do outro em você

(12/02/2025)

GEOMETRIA

Q tempo

é

curto

o espaço

aberto

o espaço

é

curvo

o tempo

reto

(04/02/2025)

PERMANÊNCIA

Quando se der conta
terá ido
como um sopro
de apito
um arrependimento
brusco
um assobio
como uma luz
no lusco-fusco
que você nem viu

(14/01/2025)



TEMPO

Não vamos
recuperá-lo
mas
podemos tecer
as urdiduras
da ilusão

(08/01/2025)

LERO-LERO

Sinceramente
você só
mente
quando é
sincero

(11/08/2024)

CORRETOR

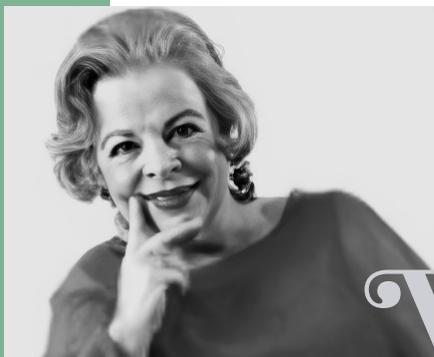
De tal maneira
se acostumou
com
revisar textos
por profissão
que ao longo de muitos livros
corrigiu
a certeza
de que a sua vida
era um texto publicado
sem revisão.

(04/08/2024)

CARLOS ALBERTO VOGT

Letras pela USP e mestrado em Letras Modernas pela Universidade de Besançon, França. Doutorado em Ciências no IFCH da Unicamp. Professor titular no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Desenvolveu pesquisa da linguagem e da antropologia junto à comunidade negra do Cafundó (SP). Recebeu em 2005 a comenda da Ordem do Mérito Científico, da Presidência da República e o título de *doutor honoris causa* da École Normale Supérieure de Lyon, na França. Coordenador do Centro de Linguística Aplicada da Unicamp, chefe do Departamento de Linguística-IEL, coordenador-associado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL).. Possui publicações em teoria semântica do ensaio literário e da poesia. Reitor da Unicamp (1990-1994). Membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 23. E-mail: cvogt@uol.com.br

A CULTURA PELO OLHAR DA CÂMERA



Vera Pessagno Brécia

Em forma de tributo, dedico minhas palavras em homenagem ao amigo, “José Eduardo Gagliardi Florence Teixeira”, que nasceu em Campinas no dia 1 de novembro, que atua como notável coadjuvante em prol do engrandecimento da Cultura de Campinas, notadamente em Recitais, Eventos Líricos, Apresentações da Sinfônica, Lançamentos de Livros, Exposições, Teatros, e similares. À sua maneira, todavia, eficazmente, ele registra com o talento, que lhe é peculiar, tudo o que acontece, com foco na cultura, em nossa sociedade plural.

Querido e respeitado por todos, José Eduardo está sempre com sua pequenina, mas eficiente máquina fotográfica digital. Muitos, talvez, não o conheçam pelo nome, mas se você disser: - Aquele senhor que está sempre com a máquina fotográfica na mão, você ouvirá como resposta: - Ah! sei quem é!

E assim, em sua sobriedade e marcante presença, José Eduardo participa ativamente de vida cultural da cidade, registrando os eventos com bastantes detalhes. Faz questão de registrar cada ângulo das solenidades bem como das pessoas presentes que se sentem honradas em posar para suas fotos, na certeza de que irão receber cópias de seu trabalho voluntário a fortalecer laços comunitários. E recebem o fruto desse gesto tão relevante!

Blogs e páginas locais que se dedicam a registrar a cultura campineira recebem sua colaboração, e, contam com isso. Sem medo de errar, posso asseverar que José Eduardo contribui significativamente com a divulgação da cultura em nossa cidade.

Seu gosto e dedicação à fotografia não é um acaso, pois estão introjetados em seu DNA. O seu sobrenome Florence é a prova de sua rica descendência no que se refere à arte fotográfica. A sua avó Ana Cândida era neta do notável francês Antoine Hercule Romuald Florence, depois conhecido como Hércules Florence. Estabeleceu-se Hércules

Florence em Campinas e constituiu uma respeitável família com filhos advindos de dois casamentos, treze filhos com Maria Angélica e sete com Carolina Grug.

Com profunda admiração e reverência, expressamos o reconhecimento ao trabalho de José Eduardo Gagliardi Florence Teixeira, descendente direto de Hércules Florence, um dos visionários pioneiros a inventar a fotografia no Brasil e no mundo, cujas contribuições continuam a se expandir pela dedicação de seu trineto, com quem temos o privilégio de conviver. Hércules Florence além da fotografia, foi o pioneiro da imprensa de Campinas, a fundar, em 1836, O Paulista, o primeiro jornal do interior da Província de São Paulo.

Indubitavelmente, a dedicação à arte fotográfica de José Eduardo sobrepõe-se ao ato de registrar imagens, pessoas e momentos pois, assim como seu trisavô, interpreta a fotografia como uma forma de arte, sentimento e expressão. Honra e dignifica o nome de seu ancestral Hércules Florence e, por meio de sua câmera, tem se destacado de maneira ímpar por sua sensibilidade em captar momentos de forma perfeita e intensa a manter vivas as lembranças mais marcantes de eventos, a constituir um manancial de fontes a quem necessitar de dados para pesquisas e relatos memoriais. A contribuição de José Eduardo à preservação da memória cultural de Campinas é incomensurável.

Importa ressaltar que seu bisavô, Amador Bueno Machado Florence, foi o primeiro filho de Hércules Florence e um dos fundadores do Colégio Culto à Ciência, onde exerceu o magistério, e também do Colégio Florence juntamente com a segunda esposa Carolina Krug. Amador Bueno teve intensa representatividade em Campinas como presidente da Câmara Municipal. Seu bisavô italiano materno Vicente Gagliardi foi dono das fazendas São Francisco, Barra e Cascata e doou dinheiro para a compra do primeiro avião do aeroclube de Campinas.

José Eduardo, sempre gostou de Cinema, Teatro e Circo. Cresceu em uma família que dava importância à Cultura e Boa Música, pois viveu sua tenra idade escutando música clássica, daí o gosto pela música erudita.

Jovem e adulto tomou gosto pelos eventos culturais. Niza Tank, Alcides Acosta e o primo pelo lado paterno, professor Sylvio Bueno Teixeira, foram as três pessoas que mais contribuíram ao seu gosto pela ópera.

“Quatro Costados” é um termo de origem portuguesa, que significa ser puro, ferrenho, completamente. O termo também tem ligações com a sua forte descendência familiar. Seus avós maternos e paternos muito realizaram pela nossa Campinas.

Assim é José Eduardo, torcedor “quatro costados” da Ponte Preta e fã confesso da cantora Ângela Maria da qual possui todos os LPs e CDs.

Bastante religioso, desde criança, frequenta a Igreja de Santo Antônio onde foi batizado e crismado. Sua avó Tereza Gagliardi dedicou sua vida à Igreja Santo Antônio, desde os tempos da capelinha da Avenida Abolição em 1939. Criou o Coral, aprendeu a tocar sozinha e fazia questão de sonorizar missas e eventos. Foi ela que doou a Cruz que está no topo da igreja até hoje.

Pelo lado paterno, José Eduardo pertence ao tronco Teixeira Nogueira, com muitos cafeicultores proprietários de várias sesmarias, a família Teixeira Nogueira a primeira a habitar o centro urbano se Campinas, conforme o historiador Celso Maria de Mello Pupo, em seu livro “Campinas, seu berço e Juventude”.

José Eduardo participa ativamente, entre outras, da ABAL - Associação Brasileira Carlos Gomes de Artistas Líricos; do IHGG Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas; da Academia Campineira de Letras, Ciências e Artes das Forças Armadas; do CCLA – Centro de Ciências Letras e Artes, em cuja seção Hércules Florence ajuda na divulgação da instituição.

No ano de 2007 foi agraciado com o Diploma e medalha de Mérito Fotográfico Hércules Florence. No ano de 2009, com o Diploma e Medalha Carlos Gomes. No dia 18 de julho de 2009 tornou-se Sócio Honorário do Rotary Clube de Campinas Carlos Gomes.

Detentor de vários prêmios de reconhecimento pelo seu trabalho, José Eduardo, também, divulga eventos de inúmeras entidades culturais campineiras, as regionais, estaduais, as nacionais e, até, as internacionais. A ACL - Academia Campinense de Letras - é palco constante de sua presença registrando eventos e corroborando muito para o sucesso dos mesmos.

Assim, também, na ACLA - Academia Campineira de Letras e Arte, nos corais, nas orquestras: OSMC - Orquestra Municipal de Campinas, – OSU Orquestra Sinfônica de UNICAMP, nas estaduais, nas nacionais e nas internacionais. E por fim, o mundo encantado da música, da ópera e das artes.. José Eduardo, sem dúvida, é a prova viva da força do DNA, de mérito pessoal, de amor à sua cidade natal e de respeito irrestrito aos seus ancestrais.

REFERÊNCIAS

BOURROU, Estevam Leão. *Hercules Florence (1804-1879) Ensaio Histórico-litterario*. Editora Typographia Andrade Mello, 1900.

PRO-MEMÓRIA DE CAMPINAS – SP. *Personagem: José Eduardo Gagliardi Florence Teixeira – Aniversário*. <https://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2009/11/personagem-jose-eduardo-gagliardi.html>

PUPO, Celso M de Mello. *Campinas, Seu Berço e Juventude*. Publicações ACL Campinas/ SP: 196

VERA PESSAGNO BRÉSCIA

Nascida em Campinas, psicóloga, escritora, cantora lírica. Graduada em Psicologia, Educação Musical e Direito na PUC - Campinas, Pós-graduação em Psicologia com Mestrado e Doutorado na PUC Campinas e Pós graduação Lato Sensu em Musicoterapia na FMU-SP. Professora Universitária PUC-Campinas; Fundação Educacional de Bauru e Fundação de Jaú-SP. Delegada de Cultura da Secretaria de Estado da Cultura em Campinas de 1983 a 2005. Empresária em Hotelaria, Produtora Cultural. Autora de Livros: Educação Musical - Bases Psicológicas e Ação Preventiva (2011); Crônicas em Tempo de Pandemia. A Música como Recurso Terapêutico. Email: verapessagno@gmail.com. Fotografia: <https://jundpedia.com.br/brescia-vera-lucia-ferreira-pessagno/>

ACOLHER, CUIDAR, PROMOVER

Ana Maria Melo Negrão e
Zulmiro Furlan



Zulmiro Furlan

- *Meu pai? Está preso. Matou minha mãe.*
- *Onde eu moro? Na rua.*
- *O que eu como? O que eu ganho ou acho no lixo.*
- *E quando não tem comida? Durmo pra passar a fome.*
- *Meus parentes? Tiravam minha roupa e me surravam.*

O menino, que não mais teria o afeto da mãe e nem a presença do pai encarcerado, tinha os olhos fundos, sem brilho, desviando o olhar e abaixando a cabeça, medroso e desconfiado. Afastava-se quando alguém se aproximava dele. As cicatrizes que ele trazia não eram apenas das surras, mas das faltas de afeto, de comida, de agasalho, de teto, de um travesseiro para dormir sem receio de não acordar...

Inúmeros adolescentes como esse menino, afastados dos familiares, perambulavam pelo centro da cidade, em situação de vulnerabilidade expostos aos perigos da rua, desde a fome até as drogas. Senhoras que se reuniam no grupo de oração Maria de Nazaré da Catedral Metropolitana de Campinas, em 1987, condoeram-se com a situação dessas crianças e adolescentes expostos nas ruas, em abandono e risco. Um desejo enorme tomou conta de seus corações com o propósito de mudar aquele terrível quadro social. A sra. Martha e as demais do grupo passaram a organizar, na escadaria, da Catedral atividades recreativas para essas crianças e adolescentes de rua, incluindo lanches para alimentá-los, sempre com as bênçãos do Monsenhor.

Essa atitude de aproximação, mesclada de amparo e cuidados, gerou um vínculo de afeto e confiabilidade mútua entre as senhoras e os meninos e meninas, No entanto,

não bastava apenas a atitude de comover-se, era preciso mover-se, agir. Então, com fundamento no ensinamento bíblico de São Tiago de que “*A fé sem obras é morta*”, esse grupo, com a presença sempre ativa da senhora Martha, vendo que a semente plantada germinara, lançaram-se a buscar recursos para fundar um local de acolhimento, como também pessoas preparadas e especializadas em tão árduo trabalho. Gradativamente foram chegando Assistentes Sociais, Psicólogos, Pedagogos, Monitores, entre outros.

Para tanto, criaram a pessoa jurídica da Casa de Nazaré, em 7 de outubro de 1988, como entidade de assistência a crianças e adolescentes vulneráveis para, através de projetos socioeducativos e assistenciais, propiciar-lhes o direito à vida digna, ao exercício da cidadania, atingindo também as famílias para reconstituição da convivência familiar, baseados em valores cristãos.

Eventos foram organizados para conseguirem um imóvel que os abrigasse, o que se concretizou com uma pequena casa no bairro Botafogo, na Rua Dr. Antônio Álvares Lobo nº 53, para sediar a Casa de Nazaré. Estava preparado o local para acolher os meninos e meninas, para mudar a triste realidade de suas vidas, por meio de um programa com atividades de alfabetização informal, artesanato, lazer, recreação, que lhes devolvessem a alegria de viver e o brilho nos olhos. Pessoas voluntárias comungaram a causa e disponibilizaram-se a atuar na entidade sendo muito bem-vindas.

Como o projeto cresceu, a casa do Botafogo ficou pequena demais para tantas crianças e adolescentes vindos da periferia. Assim, Martha Maria Rocha Duarte de Moraes, presidente da Casa de Maria de Nazaré, conseguiu a doação pela Prefeitura Municipal de um terreno no Jardim Liliza, na região noroeste de Campinas, Campo Grande. A construção da casa deu-se por parceria com a FEAC, Credicar e Instituto Vitae, batizada com o nome “Casa Maria de Nazaré – Unidade I – Casa dos Anjos”, para educandos de 6 a 14 anos e 11 meses.

Quantas crianças e adolescentes passaram pela Casa de Maria de Nazaré e sentiram o clima amoroso no convívio, em razão da frase “Aqui tem Amor”, que explicita o princípio básico da entidade! Lá ao sentarem-se à mesa, saboreavam o arroz e feijão, a salada, a mistura não mais apenas com as mãos, mas com talheres e prato! Para atingir as metas de dar novo sentido à vida dos acolhidos, as atividades socioeducativas eram atrativas, como esporte, artes manuais, apoio escolar, oficina de contos, capoeira, dança, coral, cidadania, roda de valores, recreação.

A Casa de Maria de Nazaré – Unidade II – Casa Betel, localizada no Jardim Guanabara, na rua Frei Manoel da Ressurreição, foi fundada como Casa de Passagem, em 9 novembro de 2000, a fim de desenvolver acolhimento institucional mais especializado para crianças e adolescentes de 0 a 17 anos e 11 meses. Funciona 24 horas, em regime

provisório, para crianças e adolescentes vulneráveis, eventualmente, encaminhadas por órgãos públicos, com atendimento individualizado.

A Casa de Maria de Nazaré – Unidade III – Casa Hosana foi criada em 2002, no bairro Ponte Preta para atender 50 crianças. Posteriormente, transferiu-se para a Rua: Benedito Etelvino Alexandre, nº 353 - Satélite Iris, para proteger crianças e adolescentes contra o tráfico e uso de drogas, a violência e a criminalidade que corriam solta no bairro. O Projeto socioeducativo adotado previa uma forma cativante de atividades a proporcionar Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, de segunda a sexta feira. O atendimento de crianças e adolescentes de 06 a 14 anos e 11 meses supera duas centenas por mês com 34.650 refeições servidas. O foco é a educação não formal, em horário contrário ao da educação regular, com atividades em ambiente acolhedor e lúdico: danças, inclusão digital, artes circenses, esporte, natação, oficina de contos, recreação diária, roda de valores e cidadania, e apoio escolar. Na Casa Maria de Nazaré - Unidade III Hosana, *“a diversão e o aprendizado andam de mãos dadas! com as atividades incríveis preparadas pelo educador social Renan.”*

A dinâmica e dedicada fundadora Martha Maria Rocha Duarte de Moraes presidiu com absoluta competência a Casa de Maria de Nazaré desde o nascedouro em 1988 até 2014, a fortalecer cada vez mais a entidade em Campinas com projetos socioeducativos eficazes para preenchessem o tempo ocioso como prevenção à criminalidade e violência que se alastrava pela periferia!

Zulmiro Furlan, que já acompanhava o trabalho desenvolvido na Casa de Nazaré e suas unidades, assumiu a presidência, depois que a Martha a deixou. Sem dúvida, o seu histórico de vida, permeado de espírito de solidariedade humana, explica o seu gesto de dispor de seu tempo para estar à frente da Casa de Nazaré. Indubitavelmente, com tantos afazeres em seus empreendimentos, dedicar parte de seu tempo a essa causa demonstra a nobreza de cumprir uma missão de tornar o mundo melhor para tantas pessoas em vulnerabilidade, seguindo as pegadas da fundadora Martha Maria Rocha Duarte de Moraes.

Com o fluir do tempo, aumentava a demanda fazendo-se necessária nova ampliação da Casa de Nazaré Unidade I – Casa dos Anjos. Em janeiro de 2020, o arrojado projeto de ampliação de alto valor foi selecionado pelo Ministério Público do Trabalho e viabilizou-se com as contribuições da Ford do Brasil, Votorantin, Faculdade Leopoldo Mandic e arrecadação de campanhas de doação. A área construída atingiu 3.800 metros quadrados com ambientes remodelados e acrescidos, com destaque às modernas instalações do refeitório, salas para diversas atividades, duas quadras de Beach Tennis, campo de grama sintética e arquibancadas, calçadas iluminadas

ao redor do prédio para caminhadas à noite, enfim, tudo dentro dos propósitos de saudável convivência e fortalecimentos de vínculos. Com a ampliação a capacidade de atendimento passou de 540 a 600 pessoas por dia.



Essa responsabilidade social e compromisso demonstrados em seu agir impõem-se como um exemplo de liderança, a inspirar tantas outras pessoas a comungarem esses nobres ideais e a se ombrearem nos projetos de acolhimento e promoção social que se avolumam com parceiros sensíveis à causa da Casa de Maria de Nazaré, em suas três unidades.

O nome de fundadora e presidente 1988-2014 Martha Maria Rocha Duarte de Moraes está cunhado no coração de centenas e centenas de pessoas que tiveram o privilégio de serem acolhidas na Casa de Maria de Nazaré. Campinas deve-lhe um tributo, ora estendido a Zulmiro Furlan, nosso Membro Honorário da Academia, que com ímpar dedicação continua a garantir os objetivos socioeducativos e promocionais da dignidade humana da Casa de Nazaré, com as suas três unidades, conforme as suas palavras:

- A Diretoria da Casa de Maria de Nazaré conta com a participação de todos. Quando fazemos o que amamos sentimo-nos realizados e o resultado é gratificante! Nossos 89 colaboradores são nossos irmãos que conosco abraçaram a causa e lutam “ombro a ombro” com a Diretoria para alcançar as metas propostas. Podemos dizer, sem medo de errar, que eles se debruçam com total empenho à realização de cada atividade em prol das crianças e adolescentes atendidos. O ambiente nas Unidades e em toda a nossa casa é acolhedor, respeitoso, alegre, verdadeiro, visando o bem do outro, sem alardes e sem vaidades. Esse caráter despretensioso garante que a Entidade caminhe bem, uma vez que nossos colaboradores

caracterizam-se pela grandeza de alma e formação moral e ética permeada de sólidos princípios de integridade e benemerência. A todos, incluindo os dedicados voluntários, nos reverenciamos pelos êxitos alcançados na missão de dar vida digna e honrada aos acolhidos. Nesta realidade, só poderíamos ter uma Diretoria vitoriosa. Seus membros são apaixonados, comungam a causa sem medidas, para proporcionar a todos recursos materiais e ambiente propício à consecução dos objetivos sociais.

- A nossa luta acontece todos os dias para evitar que essa juventude fique exposta à criminalidade às drogas, à prostituição e até aos maus tratos que, infelizmente, são a realidade da vida nas ruas.

ZULMIRO JOSÉ FURLAN.

Natural de Itápolis, começou a trabalhar, desde os 13 anos como Aprendiz nas Lojas Pernambucanas, depois tendo exercido a gerência. Tornou-se empresário com a criação das Lojas Seller, até fundar a empresa Furlan Participações com atuação em construções e incorporações. Paralelamente, dedicou-se a causas sócio-humanitárias, com destaque a cuidar de crianças, adolescentes e jovens como prevenção aos riscos da violência urbana. Hoje preside a Casa de Maria de Nazaré, a prestar relevantes serviços à comunidade de Campinas. Membro Honorário da Academia Campinense de Letras.

A FAMÍLIA NO DIREITO (UMA SÍNTESE)



José Carlos Ortiz

Entende-se como família o conjunto de pessoas que descendem de tronco ancestral comum, bem como o conjunto das pessoas unidas pela afinidade e pela adoção, quais sejam: os cônjuges, os companheiros, os filhos, genros, noras e cunhados.

Trata-se, portanto, do conjunto de pessoas ligadas pelo casamento ou pela convivência, e pelo parentesco.

A família é fundamental para o desenvolvimento da sociedade, sendo, por isso mesmo, consagrada pela Constituição Federal, a lei maior do país, como a base da sociedade, com proteção especial do Estado.

Atualmente, o entendimento que melhor descreve a família é o da união de pessoas ligadas pelo afeto, base do princípio jurídico da afetividade, que gerou alterações profundas na forma de se pensar a família, o qual é, por sua vez, corolário do princípio da dignidade da pessoa humana. Assim, e em decorrência de sua natureza e estrutura, a família é o ambiente ideal para o pleno desenvolvimento dos indivíduos, sendo compreendida como entidade extensa, igualitária, plural e solidária.

A definição de família tem evoluído, refletindo as mudanças na estrutura familiar e nas atitudes sociais. A família nuclear tradicional composta por pai, mãe e filhos tem convivido cada vez mais, e até mesmo substituída, por famílias monoparentais, famílias reconstituídas e casais sem filhos.

A visão clássica de entidade familiar, baseada em vínculos biológicos e matrimoniais foi substituída, gradativamente, pelo reconhecimento de novos laços familiares, mais relacionados à afetividade e à ideia de pertencimento entre as pessoas.

O conceito de família, assim, evoluiu para abranger diversas formas de entidades familiares, além do casamento, reconhecendo uniões estáveis, famílias monoparentais e outras configurações baseadas em laços de afetividade e objetivos de vida em comum.

O casamento é instituto fundamental do direito de família, sendo o foco de onde se irradiam as suas normas básicas. É definido comumente como a união permanente entre o homem e a mulher, de acordo com a lei, a fim de se reproduzirem, de se ajudarem mutuamente e de criarem seus filhos.

Atualmente, porém, a diversidade de sexos não é mais um pressuposto fático da existência do casamento, que, anteriormente, era considerado inexistente entre pessoas do mesmo sexo.

A jurisprudência dominante considera a união homoafetiva como entidade familiar, sendo possível a sua conversão em casamento.

As famílias constituídas por pares homoafetivos possuem os mesmos núcleos de valores daquelas constituídas por casais heteroafetivos, quais sejam, a dignidade das pessoas de seus membros e o afeto.

O casamento é um contrato bilateral e solene, através do qual as pessoas que se uniram estabelecem a mais estreita comunhão de vida e de interesses, comprometendo-se a criar e educar a prole que venham a constituir.

Suas normas são de ordem pública e, portanto, imperativas ou cogentes, ou seja, não podem ser revogadas pela vontade das pessoas. Como consequência, é incabível o distrato, podendo, porém, ocorrer a dissolução do casamento, mas somente nos casos previstos em lei, sendo alguns deles dependentes de decisão judicial.

Trata-se, portanto, de um contrato especial, dotado de consequências peculiares, mais profundas e extensas do que as convenções de efeitos puramente econômicos, sendo uma dessas consequências a exclusividade da união, pois, um dos deveres legais do casamento é a fidelidade recíproca.

Além de contrato, o casamento é ainda instituição, pois não basta o acordo de vontades, sendo necessária também a intervenção da autoridade para a sua formalização. Assim, como ato gerador da situação jurídica, a natureza do casamento é contratual, e como ato gerador do estado matrimonial, a sua natureza é institucional.

Também é reconhecida legalmente como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura, e estabelecida com o objetivo de constituição de família, entendimento estendido às uniões estáveis homoafetivas.

Igualmente, a família monoparental é reconhecida pela legislação brasileira. Entende-se como família monoparental a união formada por um dos pais e descendentes. A família monoparental ocorre na maioria das vezes devido a vínculos conjugais que foram formados e de alguma maneira se desfizeram, fazendo assim com que o poder familiar se desdobrasse para um dos sujeitos que compunha o matrimônio.

A formação desse tipo familiar pode ocorrer em consequência de separação, divórcio, morte de um dos cônjuges, do abandono do lar, de adoção unilateral por pessoa solteira, não existindo outro genitor que forme o vínculo, ou ainda da opção de mães ou pais solteiros que decidem criar sua prole apartada da convivência com o outro genitor.

E, atualmente, já se fala em família multiespécie, entendida como aquela formada pelo núcleo familiar humano em convivência compartilhada com seus animais de estimação, reconhecida em projeto legislativo como entidade familiar, prevendo uma série de direitos, e garantindo, inclusive, pensão alimentícia para aqueles.

JOSÉ CARLOS ORTIZ

Promotor de Justiça aposentado, escritor e poeta. Membro do Conselho de Amigo da Academia Campinense de Letras, nos termos do Capítulo V do seu Estatuto Social. Fotografia: acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=2CPj4t-AN4E>. E-mail: prof.ortiz@hotmail.com

